

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - JÚLIO DE MESQUITA FILHO
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Araraquara/SP
Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa

BRUNA LORIA GARCIA

**IDENTIDADE SOCIAL E ATITUDE
LINGUÍSTICA: um estudo da fala de Bonfim Paulista**



Araraquara
2018

BRUNA LORIA GARCIA

**IDENTIDADE SOCIAL E ATITUDE
LINGUÍSTICA: um estudo da fala de Bonfim Paulista**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Agência de fomento: CNPq

Araraquara
2018

Loria Garcia, Bruna
Identidade social e atitude linguística: um estudo
da fala de Bonfim Paulista / Bruna Loria Garcia – 2018
157 f.

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua
Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio
de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Atitude linguística. 2. Identidade social. 3.
Avaliação linguística. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

BRUNA LORIA GARCIA

IDENTIDADE SOCIAL E ATITUDE LINGUÍSTICA: **um estudo da fala de Bonfim Paulista**

Dissertação de autoria de Bruna Loria Garcia, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Rosane de Andrade Berlinck

Bolsa: CNPq

Data da defesa: 26/04/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck
Universidade Estadual Paulista – UNESP/ FCLAR

Membra Titular: Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli
Universidade Estadual Paulista – UNESP/ FCLAR

Membra Titular: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Marcio e Sandra, por terem me ensinado tudo que sei. Por terem tornado todos os meus anos de estudo e de pesquisa possíveis. Por me darem todo tipo de suporte para seguir meus sonhos e conquistá-los. Por serem meus exemplos maiores. Aos meus avôs e avós, Francisco (*in memoriam*), Abílio, Dirce Aparecida e Maria de Lourdes por me ensinarem a importância do estudo. Aos Lorias e aos Garcias que me ensinam, com muita comida e conversa, que a união, a humildade e o trabalho nunca podem ser esquecidos.

À minha irmã, Amanda, por ser meu exemplo de determinação e de disciplina. Por sempre se interessar por minhas pesquisas e estudos. À Nina pelo conforto que dá.

À Carol (*in memoriam*), a melhor amiga que me deixou antes do tempo, com quem não posso mais criar histórias, mas que continua, de onde quer que esteja, comigo, nas minhas melhores memórias. Obrigada por tudo que me ensinou nos nossos dez anos aqui na Terra e por tudo que tem me ensinado de longe.

À Adrieli e à Bianca agradeço por me aconselharem da melhor maneira que podem, por me permitirem fazer parte das suas histórias mesmo que depois do fim da faculdade, por estarem comigo desde o dia da aprovação no mestrado até a sua finalização, nos bons e maus momentos, como sempre foi.

Ao Caio e ao Marcus agradeço pela amizade que construímos, desde 2011, no começo da faculdade, até hoje. Obrigada por dividirem a faculdade, o mestrado, o apartamento, os almoços, jantares, caronas, viagens e suas vidas pessoais e acadêmicas comigo. Aprendo muito com vocês.

À Lais, Thais, Isabela e Maria Eugênia por me fazerem voltar a ser criança quando estou com vocês.

À Sílvia por todos os ensinamentos linguísticos e extralinguísticos. À Juliana Minaré pelas risadas em Araraquara. Aos amigos da pós-graduação e do Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara (SoLAR) que me ajudaram a construir muitas das ideias presentes no trabalho: Milena, Letícia, Eliabe, Fabrício, Camila, Thiago e Pricila.

À Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck pela exímia orientação. Por ter me recebido sempre de braços abertos e mangas arregaçadas. Por ter sanado todas as dúvidas que tive e por ter me feito criar mais um monte delas, me fazendo pesquisadora.

À Profa. Dra. Sabrina Balsalobre por ter lido o estudo ainda no início e ter contribuído de forma imprescindível para o crescimento e realização do trabalho. Por ter dado ao projeto ares de dissertação.

Ao Prof. Dr. Alexandre Monte pelas significantes contribuições no Exame de Qualificação. Às professoras Caroline Biazolli e Juliana Bertucci Barbosa que fizeram apontamentos extremamente valiosos para o trabalho. Por também acompanharem a dissertação quando ainda em andamento, sempre atenciosas às minhas dúvidas.

Aos bonfinenses e aos moradores de condomínios fechados em Bonfim Paulista, que me receberam e fizeram esse trabalho possível.

Ao CNPq pela bolsa de mestrado e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho pelos auxílios na participação em eventos científicos. Meu muito obrigada!

RESUMO

Bonfim Paulista, distrito do município de Ribeirão Preto, desde a década de 1990, experimenta a construção de 28 condomínios fechados na comunidade. Antiga referência rural, Bonfim é destaque pela valorização imobiliária e celebrada por sua reputação relacionada à qualidade de vida, tão almejada pelos moradores dos condomínios. Os bonfinenses, acostumados com um ritmo de vida desacelerado, depararam-se com a chegada expressiva de milhares de novos moradores, portadores de status e de um estilo de vida ostentativo, alterando a dinâmica social e quiçá linguística da região. Percebendo a relevância da mudança social ocorrida no distrito, por meio do estudo do objeto linguístico, um fenômeno variável superavaliado – a concordância verbal de terceira pessoa do plural –, foi analisada a contraposição da fala dos dois grupos da comunidade: os moradores do distrito e os dos condomínios. Assim, seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov, Herzog 2006 [1968], Labov 2008 [1972], 1994, 2001, 2010), a pesquisa utiliza, como *corpus* para a análise quantitativa e com o auxílio do programa *GoldVarb X*, transcrições das falas dos informantes, selecionados a partir de variáveis extralinguísticas. O trabalho teve como objetivo principal analisar as atitudes e avaliações linguísticas, associando as identidades sociais encontradas com os usos linguísticos da concordância verbal de terceira pessoa do plural em dois grupos da comunidade – o que foi realizado através da elaboração, aplicação e análise de um teste de atitude linguística. A hipótese principal do estudo – que expunha que as diferentes identidades e os diferentes valores sociais são fatores que influenciam diretamente nas atitudes, avaliações e usos linguísticos, ainda que os grupos que se identificam de maneira distinta dividam espaço numa mesma localidade – foi comprovada através dos resultados. Demonstrou-se que os moradores de condomínio estão mais associados às normas linguísticas prestigiadas (e com índices mais altos de concordância verbal), ao estilo de vida mais urbano e a um grau maior de escolarização, enquanto que os bonfinenses se associam mais aos valores sociais rurais, ao estilo de vida mais pacato e a um menor grau de escolarização.

PALAVRAS-CHAVE: Atitude linguística; identidade social; Bonfim Paulista; concordância verbal

ABSTRACT

Bonfim Paulista, district in the municipality of Ribeirão Preto, experiences a construction of 28 gated condominiums in the community. Old rural reference, Bonfim is highlighted by the real estate appreciation and celebrated for its quality, with the quality of life, so desired by the residents of the condominiums. Bonfinenses, accustomed to a decelerated pace of life, were faced with an expressive entry of thousands of new residents, status holders and a ostentatious lifestyle, changing the social and linguistic dynamics of the region. As a result of the emergence of an overvalued variable - a verbal agreement of a third person of the plural - in the social collectivity of the district, through the linguistic method, the speech of the two community groups was analyzed: the residents of the district and the of condominiums. Thus, the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (Weinreich, Labov, Herzog 2006 [1968], Labov 2008 [1972], 1994, 2001, 2010), a research used, as a corpus for a quantitative analysis and with the aid of GoldVarb X program, transcending the informants' statements, selected from extralinguistic variables. The main analysis of the work was as language attitudes and assessments, associating social identities with the linguistic uses of verbal third-person plural agreement in two groups of community - which was accomplished through the elaboration, application and analysis of an attitude test linguistics. The main idea of the study - which exposed the different identities and different social values are those that influence attitudes, assessments and linguistic uses, although groups that identify the way it distinguishes the space of a language results. The main indicators of schooling are associated with the prestigious linguistic norms (with higher rates of verbal agreement), the more urban lifestyle and higher schooling, while the Bonfinenses are more associated with rural social values and a lower level of schooling

Keywords: Language attitude; social identities; Bonfim Paulista; plural verbal agreement

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Delimitação territorial de Bonfim Paulista	42
Figura 2	Divisões das 18 Sub-regiões de Ribeirão Preto	43
Figura 3	Estação da Mogiana – Vila Bonfim em 1910	44
Figura 4	Estação da Mogiana – Bonfim Paulista em 1960	45
Figura 5	Prédio da antiga Estação Mogiana – Bonfim Paulista em 2011	46
Figura 6	Capela de Bonfim Paulista vista por cima	47
Figura 7	Construções de uma das ruas principais de Bonfim Paulista em 2011	48
Figura 8	Inauguração do novo terminal de ônibus de Bonfim em 2017	49
Figura 9	Charge sobre Bonfim Paulista	49
Figura 10	Charge sobre Bonfim Paulista (2)	49
Figura 11	Jornal de Bonfim Paulista: “Desenvolvimento da zona sul chega a Bonfim”	50
Figura 12	Inauguração do Ribeirão Shopping em 1981	52
Figura 13	Ribeirão Shopping atualmente	52
Figura 14	Entrada de um condomínio do complexo Alphaville	53
Figura 15	Delimitação de Bonfim e localização dos condomínios fechados	54
Figura 16	Núcleos de condomínios próximos a Bonfim Paulista	55
Figura 17	Limites: condomínios fechados e Bonfim Paulista	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Proporção de uso da marcação de concordância verbal em Bonfim Paulista	70
Gráfico 2	Proporção de ausência de concordância verbal de dois diferentes graus de saliência fônica em Bonfim Paulista	72
Gráfico 3	Proporção de uso da ausência de pluralidade em relação à posição do sujeito em Bonfim Paulista	74
Gráfico 4	Proporção do uso da ausência de concordância verbal em diferentes níveis de escolaridade na fala dos moradores de Bonfim Paulista	76
Gráfico 5	Proporção de uso da concordância verbal em relação ao local de moradia	78
Gráfico 6	Proporção de uso de ausência de marcação de concordância verbal associada à variável paralelismo sintático em relação ao local de moradia	81
Gráfico 7	Proporção de uso da ausência de marcação de concordância verbal associada à variável saliência fônica em relação ao local de moradia	82
Gráfico 8	Proporção de uso da ausência de marcação de concordância verbal associada à variável posição do sujeito em relação ao local de moradia	83
Gráfico 9	Efeito dos diferentes níveis de escolaridade no uso da concordância verbal nos condomínios fechados	86
Gráfico 10	Efeito dos diferentes níveis de escolaridade no uso da concordância verbal por local de moradia	87
Gráfico 11	Resultado da questão “Você se considera...?”	91
Gráfico 12	Resultado da questão “Você reside na área de...?”	92
Gráfico 13	Resultado da questão “Quantos anos você tem?”	93
Gráfico 14	Resultado da questão “Qual o nível de escolaridade mais alto você completou?”	94
Gráfico 15	Resultado da questão “De qual sexo você é?”	94
Gráfico 16	Resultado da questão “Em qual tipo de moradia você reside atualmente?”	95

Gráfico 17	Resultado geral da escala Rico/Pobre	96
Gráfico 18	Resultado geral da escala Bonito/Feio	96
Gráfico 19	Resultado geral da escala Rural/Urbano	97
Gráfico 20	Resultado geral da escala Novo/Antigo	99
Gráfico 21	Resultado geral da escala Pacato/Agitado	99
Gráfico 22	Resultado geral da escala Seguro/Perigoso	100
Gráfico 23	Resultado geral da escala Valorizado/Desvalorizado	101
Gráfico 24	Resultado geral da escala Muito estudado/ Nada estudado (frase 1)	113
Gráfico 25	Resultado geral da escala Muito rico/ Nada rico (frase 1)	114
Gráfico 26	Resultado geral da oposição Reside em condomínio/Não reside em condomínio	115
Gráfico 27	Resultado geral da oposição Reside em Bonfim/Não reside em Bonfim	115
Gráfico 28	Resultado geral da escala Muito estudado/ Nada estudado (frase 2)	116
Gráfico 29	Resultado geral da escala Muito rico/ Nada rico (frase 2)	117
Gráfico 30	Resultado geral da oposição Reside em condomínio/Não reside em condomínio (frase 2)	117
Gráfico 31	Resultado geral da oposição Reside em Bonfim/Não reside em Bonfim (frase 2)	118
Gráfico 32	Resultado geral da escala Muito estudado/ Nada estudado (frase 3)	118
Gráfico 33	Resultado geral da escala Muito rico/ Nada rico (frase 3)	119
Gráfico 34	Resultado geral da oposição Reside em condomínio/Não reside em condomínio (frase 3)	119
Gráfico 35	Resultado geral da oposição Reside em Bonfim/Não reside em Bonfim (frase 3)	120
Gráfico 36	Resultado geral da escala Muito estudado/ Nada estudado (frase 4)	121
Gráfico 37	Resultado geral da escala Muito rico/ Nada rico (frase 4)	122
Gráfico 38	Resultado geral da oposição Reside em condomínio/Não reside em condomínio (frase 4)	122
Gráfico 39	Resultado geral da oposição Reside em Bonfim/Não reside em Bonfim (frase 4)	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Composição da amostra – perfil dos informantes	58
-----------------	--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Resultado geral	66
Tabela 2	Ausência no uso da concordância verbal em função do local de moradia	67
Tabela 3	Ordem de seleção das variáveis através dos índices de range em relação ao local de moradia	68
Tabela 4	Resultado geral do uso da ausência de concordância verbal em Bonfim Paulista	71
Tabela 5	Distribuição de uso da ausência de concordância verbal em relação à variável paralelismo sintático na fala dos bonfinenses	73
Tabela 6	Ausência no uso da concordância verbal em função da escolaridade na fala dos moradores de Bonfim Paulista	75
Tabela 7	Ausência no uso da concordância verbal em função do sexo em Bonfim Paulista	77
Tabela 8	Resultado geral do uso da ausência de concordância verbal nos condomínios fechados	79
Tabela 9	Distribuição de uso da ausência de concordância verbal em relação à variável paralelismo sintático na fala dos moradores de condomínios	80
Tabela 10	Distribuição de uso da ausência de concordância verbal em relação à variável saliência fônica na fala dos moradores de condomínios	81
Tabela 11	Ausência no uso da concordância verbal em função do sexo em condomínios fechados	84
Tabela 12	Ausência no uso da concordância verbal em função dos graus de escolaridade nos condomínios fechados	84
Tabela 13	Bonfinenses e moradores de condomínio – perfil dos respondentes	93
Tabela 14	Como são vistos os moradores de condomínio – resultado geral	102
Tabela 15	Como são vistos os bonfinenses – resultado geral	102
Tabela 16	Comparativo - os bonfinenses e os moradores de condomínio – resultado geral	103
Tabela 17	Como são vistos os moradores de condomínio– resultado dos moradores de condomínio	105

Tabela 18	Como são vistos os moradores de condomínio - resultado dos bonfinenses	105
Tabela 19	Comparativo: moradores de condomínio - visão geral, a visão dos bonfinenses e a visão dos moradores de condomínio	106
Tabela 20	Como são vistos os bonfinenses - resultado dos moradores de condomínio	109
Tabela 21	Como são vistos os bonfinenses - resultado dos bonfinenses	109
Tabela 22	Comparativo: bonfinenses - visão geral, a visão dos bonfinenses e a visão dos moradores de condomínio	110

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	20
2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	20
2.2 IDENTIDADE SOCIAL.....	25
2.3 AVALIAÇÃO E ATITUDE LINGUÍSTICA.....	33
2.4 REDES SOCIAIS.....	37
2.5 CONCORDÂNCIA VERBAL.....	39
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	44
3.1 UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO DA PESQUISA.....	44
3.1.1 BONFIM PAULISTA E OS BONFINENSES.....	44
3.1.2 CONDOMÍNIOS FECHADOS	55
3.2 METODOLOGIA.....	62
3.2.2 DECISÕES METODOLÓGICAS.....	69
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	71
4.1 VISÃO GERAL DOS RESULTADOS.....	71
4.2 A LÍNGUA EM USO DOS BONFINENSES.....	75
4.3 A LÍNGUA EM USO NOS CONDOMÍNIOS.....	83
5. AVALIAÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS EM BONFIM PAULISTA.....	94
6. CONCLUSÕES.....	129
7. REFERÊNCIAS.....	134
8. APÊNDICES.....	138

1. INTRODUÇÃO

Apenas é possível depreender o que é característico da fala de determinada comunidade e o que é particularidade de cada indivíduo dessa comunidade confrontando e analisando a fala de diversos grupos e indivíduos deste coletivo. O comportamento linguístico de um indivíduo é sempre distinto ao de outro indivíduo qualquer, assim, nenhum comportamento linguístico individual é singularmente representativo do comportamento linguístico da comunidade como um todo. Por ser um agrupamento de indivíduos dotados de diferentes particularidades formadoras de um todo, nem todos os participantes de um grupo possuem características semelhantes às dos membros mais prototípicos, sendo, portanto, necessário traçar uma estratégia para identificar um padrão geral entre o grupo escolhido (o que é mais frequentemente usado, a média dos comportamentos, etc.).

Se cada variedade linguística comporta índices linguísticos de sua localidade e, portanto, de sua identidade, além dos índices linguísticos compartilhados com outras variedades de uma mesma língua, é possível depreender, a partir da fala de um indivíduo contraposta a de outros, um padrão de fala indicador de sua comunidade.

A variação entre a presença e a ausência de um traço linguístico, por exemplo, caracteriza uma variável linguística. Assim sendo, os elementos linguísticos que se diferem na contraposição da fala dos membros de um grupo com outro são elementos linguísticos variáveis. Quando uma variante, ou seja, uma das formas possíveis de realização dessa variável, é usada por um grupo de pessoas que não carrega prestígio social, enquanto a outra variante desta mesma variável é usada por pessoas prestigiadas socialmente, cada uma das variantes passa a ser vista, também, como possuidora da característica com que o grupo que a usa é avaliado (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006 [1968]). Na medida que uma variante é avaliada de forma positiva, passa a ser uma forma saliente e, conseqüentemente, a avaliação positiva feita da variante é transposta ao falante.

Analogamente, as variantes usadas por pessoas de menor prestígio social passam, portanto, a ser um traço saliente e perceptível, identificável pelo outro, por carregar uma avaliação negativa que é percebida pelos indivíduos de acordo com os valores sociais que lhes são importantes. Não são as variantes linguísticas, mas os valores que estão por trás delas, que fazem um falante avaliar positiva ou negativamente um uso linguístico.

Um fenômeno estigmatizado no português brasileiro é a ausência de concordância verbal na fala, ainda que a não marcação normativa do plural não faça com que o sentido da oração fique incompleto, como podemos conferir nos exemplos seguintes:

- (a) Os meninos falam muito.
- (b) Os meninos falaØ muito.

Tanto em (a) quanto em (b) estão expressas as mesmas informações: todos os falantes do português brasileiro entenderiam que os meninos são sujeitos agentes na atividade de falar e fazem-no de forma abundante. Linguisticamente, não há nenhuma diferença semântica entre marcar a presença de concordância e não marcar esta mesma concordância – afinal, são duas formas que variam. No entanto, na variedade em que há ausência de concordância recaem os julgamentos de valores e avaliações sociais negativas e, da mesma forma, recaem também as avaliações negativas ao falante.

Pouco importa se o falante produziu todas as suas falas da maneira prescrita pela Gramática Tradicional, normativa, marcando todos os plurais e concordando sujeitos, nomes e verbos: basta que o falante produza uma oração sem concordância para ser estigmatizado como pouco escolarizado. Ainda que as formas linguísticas variem, é como se não fosse permitido ao falante variar quando há uma forma que carrega avaliações negativas: os valores sociais se sobrepõem e acabam por estigmatizar o falante, conforme afirma Scherre (2005, p.20):

Quem deixa de fazer concordância de número é normalmente chamado de burro, ignorante, porque, afirma-se, “não saber falar”. Somos então às vezes inteligentes e às vezes burros? Somos “variavelmente” inteligentes? Repito: a variação da concordância de número no português brasileiro está seguramente instalada na língua falada [...] (SCHERRE, 2005, p.20)

Há também variáveis linguísticas que não carregam avaliações ou valores sociais como as variedades prestigiadas ou as estigmatizadas. É o caso, por exemplo, da variação da posição do sujeito oracional. Falar utilizando o sujeito anteposto ao verbo ou o sujeito posposto ao verbo não fará com que o ouvinte avalie o falante de maneira positiva ou negativa. Por não serem avaliadas, essas variantes também não são salientes.

Dessa forma, uma variante prestigiada é saliente porque carrega valores sociais avaliados de maneira positiva pelos membros de uma comunidade. De maneira análoga, uma variante estigmatizada é, então, uma forma saliente porque carrega valores sociais avaliados

negativamente, o que faz com que ela esteja sujeita automaticamente à avaliação negativa do ouvinte. Esse, por sua vez, se difere ou se aproxima do outro ao fazer estas avaliações, formando sua identidade na delimitação mental do que ele considera ser característico seu e o que considera que não é seu, mas do outro. Apesar de conviverem num mesmo espaço, numa mesma comunidade de fala, dois grupos de uma comunidade usualmente não se identificam como um coletivo único, identificando-se como diferentes dos membros do outro agrupamento posto em contraposição. É o caso dos bonfinenses.

Os moradores de Bonfim Paulista, distrito do município de Ribeirão Preto, interior do Estado de São Paulo, antiga área rural de estilo de vida pacato, vivenciaram a construção de 28 condomínios fechados na região que trouxeram consigo um novo estilo de vida, novos interesses e novos valores sociais para o distrito. Antes cercados por fazendas, os bonfinenses estão, agora, cercados por empreendimentos de grande valorização imobiliária. Essa mudança social ocorrida no distrito em pouco mais de 20 anos tem mudado a comunidade em diversos âmbitos. Percebendo, portanto, a relevância da mudança social ocorrida no distrito, se faz importante verificar as atitudes e as avaliações linguísticas dos dois grupos da comunidade, os bonfinenses e os moradores de condomínio, contrapondo-os com vistas a revelar os padrões de uso da concordância verbal de terceira pessoa do plural na região.

Por entendermos o fenômeno linguístico da concordância como superavaliado no português brasileiro e tendo o conhecimento de que este é um fenômeno que foi e tem sido incansavelmente estudado de forma detalhada, não é o objetivo principal do trabalho descrever a fundo o funcionamento desta variação linguisticamente, mas, apoiados pelos resultados linguísticos já esperados, diferenciar os dois grupos existentes na localidade de Bonfim Paulista, associando seus valores e avaliações sociais, suas atitudes linguísticas e suas identidades ao uso que fazem da língua.

Através das informações coletadas em entrevistas sociolinguísticas, no trabalho de campo e nos testes de atitude, procuramos respostas quanto à força das atitudes linguísticas, da identidade dos falantes e dos valores sociais das variantes em questão na comunidade, manifestando se há reação linguística da comunidade local em relação às mudanças sócio-demográficas que ocorreram a partir dos anos 1990.

Além disso, este estudo pretende verificar se fatores linguísticos e extralinguísticos usualmente associados ao fenômeno são, realmente, fatores condicionantes na concordância verbal da comunidade de fala estudada. A pesquisa segue os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov, Herzog 2006 [1968], Labov 2008 [1972], 1994, 2001, 2010). Como *corpus* são utilizadas as transcrições das falas dos

informantes entrevistados, selecionados a partir de variáveis extralinguísticas. Uma vez que é pequeno o número de estudos sobre questões identitárias e sobre o fenômeno da concordância verbal no português paulista, principalmente na região de Ribeirão Preto, e há a necessidade de registrar e analisar a língua portuguesa brasileira em todo o território nacional, formando assim, um quadro geral da língua que falamos, este trabalho pretende contribuir para a descrição do português.

Levando em conta o exposto até aqui, definimos como objetivo geral do estudo analisar as atitudes e avaliações linguísticas, associando as identidades sociais encontradas com os usos linguísticos da concordância verbal de terceira pessoa do plural em dois grupos da comunidade: os moradores do distrito, que ali residem desde seu nascimento e se autodenominam bonfinenses, e os moradores dos condomínios adjacentes a Bonfim Paulista, que para ali se deslocaram nos últimos anos.

Associados ao objetivo geral, visamos:

- observar a relevância dos fatores linguísticos e extralinguísticos para a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural nos dois grupos da comunidade;
- contribuir para a descrição da variedade do português paulista;
- colaborar com os registros documentados históricos do distrito de Bonfim Paulista e, conseqüentemente, do município de Ribeirão Preto;
- alcançar dar voz aos diferentes grupos e identidades locais através das entrevistas e dos testes de atitude;

É hipótese principal do estudo que as diferentes identidades e os diferentes valores sociais são fatores que influenciam diretamente nas atitudes, avaliações e usos linguísticos, ainda que os grupos que se identificam de maneira distinta dividam espaço numa mesma localidade. A hipótese é que os moradores de condomínio sejam mais associados às normas linguísticas prestigiadas, ao estilo de vida mais urbano e aos valores sociais mais associados à escolarização, enquanto que os bonfinenses sejam mais associados aos valores sociais rurais, ao estilo de vida mais pacato e à pouca escolarização. Também é hipótese do trabalho que a mesma distância espacial seja vista por diferentes grupos de maneira discrepante: a hipótese é que os bonfinenses se refiram a Bonfim como localidade que não faz parte do município de Ribeirão Preto, os moradores de condomínio se refiram ao distrito como parte de Ribeirão e os Ribeirão-pretanos se refiram a Bonfim como local distante do município.

Ademais, há a hipótese de que a postura de aceitação dos novos valores e costumes pode levar a uma atitude de tentar adequar-se à variedade linguística “estrangeira”, enquanto que

uma postura de não aceitação aos costumes e valores que chegaram recentemente carregue uma atitude de conservar um traço linguístico próprio como forma de conservação da identidade de um povo na sua relação com um outro, forasteiro – relação observada na ilha de Martha’s Vineyard (Labov, 1972), e que é uma hipótese a ser averiguada. A pressuposição de que há relação entre essas hipóteses na localidade de Bonfim é sugerida por Carlucci (2015) na tese “Paradigmas de intervenção sobre o distrito de Bonfim Paulista”, em que há o relato de que a comunidade se dividiria entre atitudes favoráveis ou não às mudanças sociais, o que indica um terreno fértil para a investigação de usos linguísticos ligados à identidade:

[...] a população residente na vila parece desconsiderar os condomínios como uma vizinhança relevante, ainda que alguns deles acalentem o sonho de ali morarem, como um desejo de viver melhor, com mais conforto e status. Mas, ao que parece, num e noutro caso, nada nos permite antever que Bonfim se “enfeita” ou busca abrir mão de seu sotaque caipira para parecer menos matuta aos condomínios. (CARLUCCI, 2015, p.131)

Para averiguar todas as hipóteses mencionadas, metodologicamente, o estudo se compõe de uma revisão científica dos conceitos abordados, do trabalho de campo em que foram realizados os contatos com os falantes, as entrevistas e os testes de atitude. Após isso, as entrevistas foram transcritas e foram separadas as ocorrências de terceira pessoa de plural de todos os informantes para a classificação das orações conforme os fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes. Em seguida, as ocorrências foram submetidas ao programa GoldVarb X (tanto as ocorrências num geral como os dados separados por grupos da localidade) e analisadas quantitativa e qualitativamente. Os testes de atitude, associados às análises e ao aporte metodológico das redes sociais, concluem o trabalho.

Na seção 1, de Introdução desta dissertação, introduzimos as principais temáticas, justificando o trabalho e sintetizando os objetivos, hipóteses e metodologia. Na seção intitulada “Pressupostos teóricos”, há a conceituação e discussão das teorias e conceitos utilizados no trabalho, como a Teoria da Variação e Mudança linguísticas, Identidade Social, Avaliação e Atitude Linguística e Redes Sociais. Na seção seguinte, 3, “Concordância verbal de terceira pessoa do plural”, retomamos alguns dos trabalhos clássicos e mais conhecidos que tratam da concordância verbal no português brasileiro.

Na seção 4, o enfoque é dado ao universo de investigação da pesquisa (Bonfim Paulista e Condomínios fechados), seguido da descrição dos procedimentos metodológicos. Já na seção 5 temos a análise dos dados, tanto nos contextos linguísticos quanto nos extralinguísticos. As ocorrências foram analisadas primeiramente como um todo e, em seguida, separadamente de

acordo com os diferentes grupos locais. Na seção 6, temos a análise dos testes de atitude aplicados à comunidade relacionados com os resultados anteriores. Na última seção, 7, o trabalho é finalizado com as conclusões, seguidas das referências e dos apêndices.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção apresentamos os principais conceitos e teorias mobilizados na presente pesquisa: premissas dos principais autores do arcabouço teórico da Sociolinguística Variacionista (autores: Weinreich, Labov, Herzog 2006 [1968]), os conceitos de identidade social, avaliação e atitude linguística, redes sociais e a pesquisa apresentada por Labov (1972) sobre a ilha de Martha's Vineyard. Os conceitos, além de apresentados, são relacionados ao presente trabalho.

2.1 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Os primeiros estudos sociolinguísticos fundamentaram a área em alguns postulados. É o caso de Labov (1972), que explica que a Sociolinguística é, na verdade, a própria linguística, pois é impossível pensar e estudar uma língua sem que usemos explicações sociais, o que é feito em estudos de visão estruturalista. Para os sociolinguistas, no entanto, o uso, a função comunicativa, é da essência da língua, uma língua só existe quando é utilizada por alguém e seu uso deve ser objeto de estudo, contemplando os contextos sociais.

Desse modo, a Sociolinguística se consolidou assim nomeada para indicar uma área da linguística que estuda a língua efetivamente em uso pelas comunidades linguísticas, unindo aspectos sociais e linguísticos. A língua, seja ela qual for, é sempre heterogênea e nunca está acabada, pronta, como um objeto que pode ser usado por um falante e guardado sem alterações; pelo contrário: as línguas são vivas, mudam, variam e sofrem influências da sociedade a todo momento. De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.126), “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”.

A propriedade da língua de variar foi amplamente discutida por Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 97) em sua obra **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**, em que traçam um modelo de sistema linguístico que inclui a variação. Para os autores, fenômenos em variação

(1) Oferecem meios alternativos de se dizer “a mesma coisa”: ou seja, para cada enunciado *A* existe um enunciado correspondente em *B* que oferece a mesma informação referencial [...]

(2) Estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em *A* e *B* com igual competência por causa de algumas restrições

em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu status social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em *A* e *B* e entender a significação da escolha de *A* ou *B* por algum outro falante. (Weinreich, Labov e Herzog, 2006: 97)

Além das discussões que envolvem a mudança e a variação linguística, outras temáticas foram foco de discussão na teorização da sociolinguística como área da linguística. O axioma da categoricidade fundamenta diversos estudos, teorias e pesquisas, no entanto, há modelos teóricos que se posicionam em confronto com essa visão tradicional de categoricidade; exemplo disso é a teoria sociolinguística. Após embates entre o posicionamento clássico de categoricidade e a teoria social da língua, a Sociolinguística, através do estatuto das regras linguísticas (LABOV, 2003), conseguiu explicar que as regras que subjazem aos fenômenos linguísticos, apesar de parecerem construtos estritamente categóricos, podem e são, muitas vezes, variáveis.

A tipologia do estatuto das regras linguísticas idealizada por Labov (2003) dá aos estudos científicos sociolinguísticos um suporte metodológico-quantitativo, delimitando os limites dos fenômenos da língua que podem ser considerados categóricos, semicategóricos ou variáveis. O estatuto prevê que sejam regras categóricas as que dizem respeito a fenômenos que operam com uma proporção de 100% de frequência de uma variante, sem que haja qualquer violação do exposto. As regras semicategóricas, consideradas aquelas que operam de 95-99% de proporção da frequência de uma variante, podem apresentar raras violações deste quadro, enquanto que as regras variáveis operam com uma frequência proporcional de 5-95% dos dados – sem que haja violações.

A teoria, portanto, deve levar em conta a frequência proporcional das formas e o lugar da variação no sistema, o que não estava compreendido no axioma da categoricidade.

Diferente de categorizar um indivíduo por suas produções linguísticas, julgando-o e diferenciando-o de outra determinada categorização, o que a sociolinguística faz é depreender as tendências de uso de grupos sociais. Para concluir quais são as tendências de uso na fala de um grupo devemos retratar seus indivíduos de forma a representar todos os participantes deste grupo. É comum fazê-lo a partir da seleção de informantes de diferentes categorias macrossociais dos grupos existentes de forma que a amostra represente equilibradamente os grupos que compõem a comunidade de fala. Labov (1972) propõe esse conceito, basilar na teorização da presente pesquisa, segundo o qual uma comunidade de fala

não é definida por nenhuma concordância marcada pelo uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas

compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (LABOV, 1972, p.150)

Este conceito de *comunidade de fala* está, no entanto, contraposto ao conceito mais recente de *comunidade de prática*, proposto por Eckert, Mc Connell-Ginet (1992). Enquanto na primeira não há necessidade de que os indivíduos considerados membros da comunidade partilhem de um objetivo em comum, na segunda há um engajamento mútuo (harmonioso ou conflituoso) dos membros. Enquanto a comunidade de fala dá voz aos participantes típicos da comunidade, os que não fogem completamente aos padrões, na comunidade de prática os papéis individuais são ressaltados e os indivíduos são tomados como sujeitos ativos e atuantes, ressaltando as características individuais de cada participante.

Diferentemente da premissa pressuposta nos estudos saussureanos, que pensa a língua como propriedade presente em todo indivíduo de forma equivalente, a Sociolinguística, ao escolher como objeto de estudo a fala, vê cada indivíduo como um só, portador de particularidades, além de vê-lo como membro de uma comunidade a fim de identificar comportamentos e avaliações comuns entre os membros de uma mesma comunidade de fala. Assim, para delinear o que é singular e o que é característico de um grupo é preciso investigar a fala de um contingente maior de pessoas, contrastando, ao final, o que foi dito por cada indivíduo e o que foi dito em comum por todos os indivíduos do grupo selecionado.

A Sociolinguística assume que há a possibilidade e a probabilidade de que um indivíduo use mais ou menos uma variante de um fenômeno variável. Geralmente inconsciente ao falante, é certo que o fato de usar uma variante ou outra está associado a algum significado, podendo ser ele linguístico ou social. Quando ouvimos alguém falar, temos indícios de suas vivências, ou seja, as características da fala de um indivíduo “delatam” quem ele é aos outros. As características da fala num primeiro contato com alguém delineiam a percepção do outro e, quando falamos, revelamos um conjunto de características que compartilhamos com todos que se assemelham socialmente conosco.

Nem toda variação possui significado social, apesar de que os valores sociais são atribuídos a regras linguísticas apenas quando estas são variáveis. É importante ressaltar que só podemos dizer que um fenômeno está em variação quando suas variantes linguísticas se equivalem semanticamente ou são funcionalmente comparáveis (LAVANDERA, 1984). A maioria das regras das línguas são categóricas, isto é, não estão em variação. É o caso da colocação do artigo anteposto ao substantivo em todas as produções faladas e escritas. Não há

qualquer violação desta regra e 100% dos falantes do português utilizam-na. Diferentemente das regras categóricas, as variações ordenadas podem acontecer de diferentes maneiras: há os fenômenos variáveis que não carregam significados sociais, como a presença ou ausência da monotongação do ditongo /ow/ na fala dos brasileiros de diferentes regiões. Não há qualquer diferença semântica ou avaliação social quando um falante varia ao falar “touro” ou “toro”. Ninguém acreditará que por monotongar o ditongo /ow/, o falante é menos inteligente, menos escolarizado, etc.; os valores sociais não estão por trás deste fenômeno variável e as duas variantes linguísticas – ausência ou presença de monotongação do ditongo /ow/ - são completamente equivalentes no que diz respeito à semântica.

Há também, como já dito, os fenômenos variáveis que carregam significados sociais. Utilizar uma variante estigmatizada desse fenômeno significa fazer parte de uma parcela da população que sofre com estigmas sociais. Ao fazer uso do r retroflexo, o falante dá indícios de sua origem “caipira”, vista como “atrasada” em relação à capital, por exemplo. O falante que utilizou a variante estigmatizada passa a ser visto como possuidor dos estigmas sociais que foram associados àquele fenômeno linguístico. O mesmo acontece com a ausência de marcação de terceira pessoa do plural no português brasileiro – variante estigmatizada, que carrega valores sociais negativos.

Cada variedade comporta índices de sua localidade geográfica, de sua identidade social e de seus aspectos que são compartilhados com uma ampla variedade. Ao analisarmos as categorias das estratificações sociais clássicas nos estudos sociolinguísticos como idade, sexo, escolaridade, pensamos: qual é o grau de realidade dessas categorias? Quanto há de criação e delimitação dos próprios pesquisadores e quanto há de diferenciação real entre estes indivíduos? É necessário ter em mente que, ao tratar de indivíduos de uma comunidade em específico, devemos primeiro depreender se tais categorias fazem sentido para aquela comunidade. Seria sempre necessário classificar indivíduos entre ensino fundamental incompleto e ensino fundamental completo, por exemplo? Em comunidades em que a escolaridade dos indivíduos não chega ao ensino médio caberia manter essa categoria? Vemos que, muitas vezes, os critérios são externos à própria comunidade.

Quando um indivíduo compreende os valores associados a uma forma linguística usada por ele, há um maior controle e ele pode querer ser percebido em associação àqueles valores ou desassociado deles. Quando percebe que sua variedade não carrega prestígio, o indivíduo pode querer ser percebido como alguém com maior prestígio, monitorando sua fala e, conseqüentemente, a percepção que os outros terão de si. Dessa forma, a avaliação e as

identidades sociais podem levar à retração no emprego de formas desprestigiadas – e até a seu desaparecimento – ou à manutenção e expansão desses padrões (LABOV, 1972).

Depreendidos os valores relevantes na comunidade, é necessário analisar a história local, as distâncias sociais entre os grupos principais e as identidades em jogo. As distâncias diminuíram com o tempo; na presente pesquisa principalmente a distância que diz respeito ao espaço físico, que encurtou com o crescimento demográfico em Bonfim Paulista – os bonfinenses passaram a dividir o local com os novos moradores de condomínios, pessoas de outras realidades sociais. É certo que as distâncias físicas asseguram certa distinção entre dois grupos, mas a manutenção destas diferenças, quando os grupos passam a vivenciar um contexto em que não há mais distâncias físicas significativas, revela, por outro lado, muito sobre os grupos da comunidade.

Há, também, fatores externos que passam a influenciar uma comunidade independentemente do contato físico entre dois grupos e que podem influenciar a fala de um indivíduo, de um grupo ou de todos os grupos que ali vivem. Já a história explica as especificidades locais: quem ocupava o território, quem ali viveu, quem continuou a viver, quem se somou mais tarde à localidade ou à comunidade, como a interação se dava e como isso acontece entre os que ali já viviam e os que agora vivem. Essas informações, associadas à depreensão das identidades sociais da comunidade, ajudam a explicar os padrões de variação sociolinguística em uma comunidade de fala.

Os fatores internos e externos que influenciam na variação linguística também figuram nos princípios empíricos para a teoria da mudança linguística. Teorizados por Weinreich, Labov e Herzog (1975), há cinco problemas que devem ser resolvidos. O primeiro diz respeito aos *fatores condicionantes* da variação e da mudança linguística. No presente estudo, dentre os fatores condicionantes para sistematizar a variação comprovadamente já existente da ausência e da presença de concordância de número na terceira pessoa do plural, foram utilizados os diferentes graus de saliência fônica, a posição do sujeito em relação ao verbo, o paralelismo sintático, a escolaridade, o local de moradia e o sexo do falante.

Como segundo problema a ser resolvido, os autores trazem o problema da *transição*, que comprova que, em um fenômeno em mudança linguística, há uma distribuição contínua e gradual dos usos em consecutivas gerações de diferentes faixas etárias. É a análise da língua que, viva, transiciona de um ponto X a um ponto Y, se transformando. O problema da *transição*, no entanto, não será abordado no trabalho por não se tratar de uma pesquisa de recorte diacrônico.

O problema do *encaixamento* diz respeito à medição da inserção de uma forma linguística no sistema da língua de um povo em sua totalidade. Para que seja considerada encaixada completamente no sistema linguístico, uma forma linguística deve estar inserida na estrutura linguística e na estrutura social.

Como quarto problema, os autores trazem a *avaliação*, referindo-se a este problema como a necessidade de correlacionar a subjetividade por trás das variáveis heterogêneas, o nível de consciência social em relação à variação como forma de entender como a categorização é imposta.

Por último, Labov, Herzog e Weireich dissertam sobre o problema da *implementação*, em que explicam haver interferências da sociedade e da própria estrutura da língua até que se chegue a um estágio em que a variável em questão perca o peso do significado social que possuía, e a variação se estabilize ou a mudança se complete.

São principalmente abordados neste estudo os problemas dos fatores condicionantes e o problema da avaliação linguística. Não são tratados os que se referem mais diretamente a fenômenos em processo de mudança linguística pois o presente trabalho versa sobre um fenômeno em variação sem que haja previsão de mudança linguística. Como já foi ressaltado, de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.126), “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. Sobre a mesma temática, estudos como o de Scherre e Naro (2006, p.120) afirmam que o fenômeno da concordância verbal no português brasileiro parece ainda não caracterizar um processo de mudança da língua, mas apenas um caso de variação:

A variação na concordância de número reflete bem o que denominamos metaforicamente de uma mudança sem mudança, no sentido de que é uma variação que não reflete mudança clara para todos os falantes nem reflete apenas uma linha de mudança (SCHERRE; NARO, 2006, p.120)

2.2 IDENTIDADE SOCIAL

O conceito de identidade é utilizado em diferentes áreas das Ciências Humanas: em estudos sociológicos, antropológicos, psicológicos, etc. Em trabalhos sociolinguísticos, apesar de figurarem em diversas análises da área, o conceito de identidade parece não ser enfoque da

maioria dos trabalhos. Entretanto, com os estudos da terceira onda da sociolinguística¹, assim considerados por Eckert (2000), as identidades sociais ganharam espaço na sociolinguística.

Mendonza-Denton (2003) assinala a dificuldade de vencer o essencialismo aristotélico. Essa teoria relacionada ao axioma da categoricidade, guiou a ciência e o mundo e, de forma análoga, o pensar sobre a linguística não se distanciou desse momento geral científico. Nesse sentido, por muito tempo pensava-se (e ainda se pensa) que tudo poderia (ou pode) ser enquadrado em uma categoria fixa, sem que haja qualquer problema, mas não é tão simples assim, principalmente quando se trata de indivíduos categorizados em um mesmo grupo. Nós, falantes, utilizamos a língua de maneira mais agentiva, como refletem Le Page e Tabouret-Keller (1985).

Usuários da língua utilizam estrategicamente as variedades e variações linguísticas para a filiação a grupos com os quais os indivíduos podem querer estar associados de tempos em tempos, ou ao contrário, para se distinguir de grupos com os quais não desejam estar associados. ²(LE PAGE e TABOURET-KELLER, 1985, p. 8)

De acordo com essa teoria, portanto, a identidade não é algo fixo, engessado, mas algo passível de mudanças conforme mudam, também, os gostos, os ideais e as crenças de um sujeito. Outro autor, Kiesling (2013, p. 450), define identidade como sendo

um estado ou processo de relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’; identidade é como os indivíduos definem, criam, ou pensam sobre si em termos de sua relação com outros indivíduos e grupos, sejam eles reais ou imaginários³

Kiesling, assim sendo, se refere à identidade como um processo que relaciona um indivíduo e outro(s), lembrando o papel que o “outro” tem para configuração mental de “quem sou”.

¹ Segundo FREITAG (2012, p. 6) “Os estudos de terceira onda combinam a metodologia quantitativa presente nas ondas anteriores, o *corpora* constituídos de modo a contemplar a dimensão mais cotidiana (o que não é necessariamente captado pela entrevista sociolinguística), com observações participantes, por exemplo”

² Tradução própria. Texto original: “individual users of language strategically deploy varieties and variation to affiliate themselves with groups with which they may from time to time wish to be associated, or conversely, to be distinguished from groups with which they wish no such association”.

³ Tradução própria. Texto original: “Identity is a state or process of relationship between self and other; identity show individuals define, create or think of themselves in terms of their relationship with other individuals and groups, whether these others are real or imagined”.

Oushiro (2015), destaca, ao refletir sobre as diferentes conceituações de identidade, o papel da cultura e da ideologia, que possuem influência direta no processo de identificação e não são controladas pelo sujeito. Para a autora,

identidade não é um atributo pessoal tampouco uma posse, mas um processo de criação de sentidos que deve ser ao mesmo tempo individual e coletivo. A construção de sentidos se dá sempre dentro de uma matriz cultural e ideológica, sobre a qual o indivíduo não exerce controle.

O sujeito participa ativamente da produção de sentidos que formam sua identidade, porém é passivo na construção dos construtos sociais ideológicos, culturais e sociais que influenciam a formação desta identidade. Além disso, monitorar a fala de maneira consciente foge ao domínio completo de um sujeito. Assim, Oushiro (2015), relembra essa relação ao citar o trabalho de Gumperz (1971):

[...] em última instância, é o indivíduo que toma a decisão, mas a liberdade de escolher está sempre sujeita a restrições tanto gramaticais quanto sociais. As primeiras se relacionam com a integridade das sentenças; as segundas com sua aceitabilidade. [...] O poder de seleção, portanto, é limitado por convenções que servem para categorizar formas linguísticas como infomais, técnicas, vulgares, literárias, humorísticas etc.

Nos primeiros estudos de Labov o autor já discutia o papel da identidade para os usos linguísticos, ainda que o termo “identidade social” nunca tenha sido mencionado ou conceituado.

Em Labov (1972) é possível perceber que um grupo de pessoas da ilha de Martha's Vineyard mantinha traços linguísticos não-prestigiados como uma forma (não totalmente consciente) de marcar sua identidade de ilhéus, algo que os diferenciava dos novos moradores da região. A mudança social caracterizada pela inserção de um grande número de turistas vindos do continente alterou a realidade da ilha e as atitudes, inclusive linguísticas, dos antigos moradores da região. As mudanças sociais foram motivadas por uma mudança na economia local, o que atraiu turistas: pessoas das quais os moradores dependiam economicamente, mas que “tomaram” o território, ocuparam os espaços antes habitados por moradores da ilha.

Observando uma mudança sonora na posição fonética dos elementos iniciais dos ditongos /ay/ e /aw/, Labov (1972) percebeu que havia uma orientação entre os falantes, até mesmo entre os jovens, que, apesar de geralmente estarem associados a comportamentos de tendências linguísticas inovadoras, estavam tendo, na verdade, atitudes de preservação linguística local.

O sociolinguista utilizou categorias como o sexo, a idade e a ocupação dos informantes, qualificando sua análise a partir dos valores sociais dessas categorias na própria comunidade, vendo os significados sociais para aquele uso e, analisando a comunidade, percebeu que houve algumas mudanças sociais e demográficas; percebeu que havia resistência linguística no uso de uma variante na fala dos nativos da ilha, como forma de expressão da identidade local em contraposição à identidade do grupo forasteiro. Labov (1972, p.48) pontua algumas mudanças sociais verificadas na região:

Os veranistas, que ganharam muito dinheiro nas cidades grandes, estão comprando a ilha toda. Como disse um morador de Chilmark: “Você não consegue cruzar a ilha de ponta a ponta sem tropeçar em placas de “Entrada proibida”. [...] Em Edgartown, toda a fileira de espaçosas casas brancas à beira-mar se rendeu aos altos preços. [...] Essa transição gradual da dependência em relação aos veranistas para a submissão total a eles tem produzido reações que variam desde um desprezo ferozmente defensivo até os planos entusiastas de incrementar a economia turística (LABOV, 1972, p.48)

Observamos no distrito sul de Ribeirão Preto um cenário similar àquele descrito por Labov; esse foi, nas últimas décadas, tomado por condomínios horizontais de luxo, onde só é permitida a entrada de populares identificados e autorizados ou moradores. Como registrou a Revista *Revide* (2011, p.11)

Bonfim Paulista, historicamente, sempre esteve associada ao meio rural, às fazendas e ao comércio voltado para a população rural. No entanto, atualmente, Bonfim é referência associada ao comércio imobiliário de alto padrão da região

Tal como ocorreu em Martha’s Vineyard, a atitude entusiasta de incrementar a economia do distrito com o poder aquisitivo dos moradores dos condomínios também é identificada em Bonfim Paulista, como vemos em diversas reportagens e estudos sobre o distrito. Nessa mesma revista *Revide*, por exemplo, vemos uma notícia sobre a valorização da região na visão dos moradores de Bonfim:

“O comércio entendeu que precisava mudar para acompanhar esse crescimento e está investindo”, observa o comerciante[...]. “Essa junção, que a princípio pode parecer contrastante, é boa para todos os lados e a tendência é continuar melhorando”, opina. “O importante é que o Distrito não perca sua identidade. Vi Bonfim Paulista crescer, principalmente nesses últimos anos. O progresso está aí e é inevitável. Temos uma população ordeira, trabalhadora e acolhedora, que quer

aproveitar as novas oportunidades que esse desenvolvimento nos proporciona”, observa. (Revista REVIDE, n 29, jun. 2011, p.11)

A chegada dos 26 condomínios ao redor de Bonfim Paulista parece ter alterado a comunidade em diversos aspectos sociais. A relação entre os moradores do distrito e os moradores dos condomínios fechados, então, merece atenção, visto que as alterações e os valores sociais em qualquer comunidade de fala podem estar acompanhadas por alterações de atitudes linguísticas, o que foi comprovado na relação, por exemplo, entre os indígenas e os Chilmarkers, analisada por Labov (1972).

Assim, a atitude de conservar um traço linguístico próprio como forma de conservação da identidade de um povo na sua relação com um outro, forasteiro, observada na ilha de Martha’s Vineyard, é uma hipótese a ser averiguada neste estudo. No entanto, o reverso dessa hipótese - a atitude de tentar adequar-se à variedade “estrangeira”, numa postura de aceitação dos novos costumes - também é plausível e deve ser investigada. Como sugere Carlucci (2015) na tese “Paradigmas de intervenção sobre o distrito de Bonfim Paulista”, a comunidade se dividiria entre atitudes favoráveis ou não às mudanças, o que indica um terreno fértil para a investigação de usos linguísticos ligados à identidade:

[...] a população residente na vila parece desconsiderar os condomínios como uma vizinhança relevante, ainda que alguns deles acalentem o sonho de ali morarem, como um desejo de viver melhor, com mais conforto e status. Mas, ao que parece, num e noutro caso, nada nos permite antever que Bonfim se “enfeite” ou busca abrir mão de seu sotaque caipira para parecer menos matuta aos condomínios. (CARLUCCI, 2015, p.131)

Conhecemos, portanto, a necessidade de estudar a identidade social dos grupos em questão nos trabalhos sociolinguísticos. O conceito de identidade, no entanto, não é foco principal da maioria dos estudos na área. Grande parte dos trabalhos de análise laboviana tratam uma comunidade como um todo, na busca por padrões linguísticos. É necessário, entretanto, que haja um enfoque identitário que esmiúce a comunidade a fim de conhecer e reconhecer os jogos de poder, as relações e as mudanças sociais em questão.

Usamos a língua para identificar ou sermos identificados em nossa comunidade, nos aproximando ou nos distanciando do conjunto de ideias que são associadas a um grupo. A identidade, como vimos de acordo com Mendoza-Denton (2002, p. 357), é definida como um processo individual e coletivo de negociação entre o indivíduo e os construtos sociais: “A

negociação ativa das relações de indivíduos e contrutos sociais [...] Identidade, então, não é um atributo ou uma possessão, mas um processo de semiose a nível individual e coletivo”⁴

Influenciado por significados e identidades sociais, o falante se posiciona ao fazer a escolha por um uso variante e não outro, num processo, simultaneamente, de produção de valores e de delimitação de identidades. Assim, quando há formas alternativas e equivalentes de produzir um enunciado, cada variante pode assumir uma posição social, e o falante, ao usar uma dessas variantes, expressa esses valores, aproximando-se e identificando-se com determinado lugar na comunidade. É possível perceber a relação dos falantes e das identidades em questão de diferentes maneiras: em um nível macroscópico, relacionando as atitudes linguísticas dos falantes e seus posicionamentos identitários; em um nível menos abrangente, relacionando a interação entre indivíduos das redes de uma comunidade e também seus posicionamentos; e, por último, na fala dos indivíduos em que mostram engajamento em determinadas práticas sociais.

Esse processo nem sempre é consciente ou controlado pelo falante, porém, quando há essa consciência, o falante passa a ter papel ativo na construção de sua identidade social, relacionando seus usos linguísticos com os constructos sociais em questão. Dessa forma, a natureza da identidade não é de propriedade determinística, mas é o resultado de um caminho, é a agentividade do sujeito em relação a este caminho.

A agentividade desse sujeito está intimamente ligada à consciência desse indivíduo em relação aos outros. Esse olhar de um “eu” em relação a um “outro” depende de um distanciamento implícito, que afasta o que “eu” sou, diferenciando-me do que é o “outro”. Só é possível pensar em uma identidade em relação a outra; assim, não há “eu” sem um “outro” e não há “outro” sem um “eu”.

O primeiro passo para se tornar agente dessa identidade é reconhecer-se em meio à mobilidade geográfica e/ou social do espaço em questão. Geralmente, os indivíduos de uma comunidade ficam imersos em si mesmos, parecem não possuir consciência de si como agentes daquela comunidade. O contrário acontece quando há uma mudança na comunidade: um grande investimento na região, a falta de infraestrutura no bairro, a abertura de um comércio ou o deslocamento de novos moradores para o local são mudanças que parecem exigir dos indivíduos certo posicionamento. Desta maneira, diante de posicionamentos diferentes em uma mesma

⁴ Texto original: “the active negotiation of individual’s relationship with larger social constructs [...]. Identity, then, is neither attribute nor possession, but an individual and collective-level process of semiosis”

comunidade, os indivíduos vão se identificando, demarcando sua identidade, ou se distanciando de certo grupo, formando outra identidade.

Quando nos reconhecemos em um espaço, traçamos fronteiras mentais que diferenciam “eu” e o “outro”. Em espaços físicos essa fronteira é bem delimitada e visível: sabemos onde começa e onde termina nossa casa, bem como sabemos onde começa a casa do vizinho, que já não nos pertence. Num espaço urbano, além das fronteiras físicas, no entanto, lidamos com fronteiras mentais, fronteiras subjetivas. Esse tipo de fronteiras pode inserir ou excluir indivíduos de uma comunidade: por exemplo, em um bairro elitizado parece não haver lugar para uma família de classe baixa. Essa fronteira, na verdade, é subjetiva e mental, e pode ser mudada de acordo com as relações na comunidade. Se tomamos as fronteiras como fixas, rígidas, isso implicaria dizer que não há permissão de mobilidade social para os indivíduos; ao contrário, entendemos que as fronteiras são fluidas.

Um indivíduo sofre influências e influencia outros por uma série de identidades mais dinâmicas. Por exemplo, um indivíduo é, ao mesmo tempo, homem, paraguaio e médico. As forças de cada uma dessas identidades atuantes nesse indivíduo podem ser diferentes, dependendo de suas crenças, seu engajamento, sua relação com diferentes questões políticas e sociais, etc. Desta maneira, para Mendoza-Denton (2004), as identidades são multivalentes.

É importante ressaltar, também, que, como nas fronteiras políticas, as fronteiras de delimitação entre dois grupos não servem como separadores totais dos indivíduos de um ou de outro grupo; pelo contrário: os que vivem nas fronteiras, de um lado ou de outro, não deixam de circular, de se comunicar e de se relacionar com os grupos opostos.

A identidade social diz respeito, também, à orientação e aos posicionamentos de um grupo em relação a sua comunidade como um todo e aos outros grupos que participam dessa comunidade. Os diferentes posicionamentos sobre algumas mudanças sociais ou alguns comportamentos usuais específicos da comunidade acabam delimitando essa identidade.

Com a vinda de dezenas de condomínios fechados, os bonfinenses parecem dividir opiniões: alguns se expressam favoráveis às mudanças trazidas, como, por exemplo, a abertura de mais opções de entretenimento e comércio na região; outros se expressam contrários a essa mudança, alegando que agora há mais violência, por exemplo.

A identidade social é formada pela linguagem verbal e por outros signos que estão associados a um indivíduo, é a demarcação que um indivíduo faz de suas diferenças em relação aos outros. Nossa fala é um índice muito forte de nossa identidade social, pois não é facilmente manipulada. É o que diz Chambers (1995, p.7), tradução nossa:

Nossa fala, por essa perspectiva, é simbólica assim como é o carro que dirigimos ou a maneira com que habitualmente nos vestimos para trabalhar, mas, obviamente, nossa fala é muito menos manipulável, mais difícil de controlar conscientemente e, por esse motivo, é muito mais reveladora⁵

Há fatores socioculturais, como, por exemplo, as regras que governam nossos atos de fala, que, embora não estejam codificados em nenhum lugar, são compreendidos completamente por nativos e frequentemente incompreendidos por estrangeiros, ou seja, são características da identidade local. Em Bonfim, por exemplo, uma regra perceptível é perguntar, quando não se conhece alguém, de que família esse indivíduo é. “De quem você é?/De que família você é?” foi uma pergunta ouvida diversas vezes na coleta de dados, quando os informantes percebiam que a pesquisadora não lhes era familiar. Cumprimentar as pessoas na rua também parece ser outra regra de Bonfim. Todos os que estão sentados no ponto de ônibus são cumprimentados ainda que, por vezes, ninguém se conheça. O fato de não cumprimentar outros transeuntes no centro parece um índice de estrangeirismo local.

Como vimos, um grupo de pessoas precisa ter sua marca identitária, e a língua é o maior símbolo de identidade de um grupo. Em síntese, como forma de se caracterizar como pertencente a um grupo, um indivíduo faz uso da linguagem verbal e não verbal, associando-se a um grupo quando há identificação pessoal com o grupo ou, ao contrário, desassociando-se desse grupo por não se identificar como parte dele. Essa associação ou desassociação a um grupo pode ser mais marcada – quando os indivíduos usam as linguagens verbal e não verbal para se marcarem como parte integrante de determinada identidade social – ou menos marcada – quando os indivíduos aceitam seu pertencimento a determinado grupo, mas não assinalam tão fortemente sua participação mais ativa na identidade social em questão.

A vontade de fazer parte de um grupo em que não se está inserido pode vir tanto do interesse por se diferenciar dos demais quanto da falta de aceitação por fazer parte de um grupo que não se quer, buscando, assim, outro caminho, tendo um novo grupo como referência.

A diferenciação entre os moradores de Bonfim Paulista e os de Ribeirão Preto é extremamente importante para quem sempre morou em Bonfim, indivíduos que se autodenominam bonfinenses. Para quem mora em Ribeirão Preto, essa diferenciação não é tão relevante; os novos moradores dos condomínios que se localizam em Bonfim Paulista, apesar de ali residirem, por sua vez, se consideram ribeirão-pretanos.

⁵ Texto original: “Our speech, from this perspective, is emblematic in the same sense as is the car we drive or the way we habitually dress for work but, obviously, our speech is much less manipulable, much harder to control consciously, and for that reason much more revealing.”

Ademais dessa falta de relação explícita entre os bonfinenses e Ribeirão Preto, também fica explícito que os moradores dos condomínios, ainda que residam em Bonfim, não fazem parte do grupo que se considera bonfinense. Mais uma vez os autores do Relatório da Fase 1 do Inventário de referências culturais (INRC) de Ribeirão Preto (2010, p.17) deixam claro que há “a falta de relação de pertencimento entre Bonfim Paulista e Ribeirão preto, sob o aspecto cultural”.

Assim, há sempre uma imagem coletiva que fazemos de um grupo, fixada pela sociedade e percebemos essa imagem de determinados grupos de forma mais definida, mais marcada que a de outros. Nem sempre há a consciência de que formamos uma identidade, tanto individual como em grupo, porém, a escolarização e a cultura urbana podem ajudar o despertar dessa consciência.

2.3 AVALIAÇÃO E ATITUDE LINGUÍSTICA

Este estudo contempla a problemática dos princípios empíricos para a Teoria da Mudança Linguística de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) sobretudo no que diz respeito ao problema da avaliação das variáveis linguísticas, brevemente mencionada anteriormente. Esse problema está intimamente relacionado a variáveis linguísticas que carregam valores sociais importantes para a comunidade, ou seja, as avaliações são reações dos ouvintes quando expostos a traços linguísticos. Quando esse traço é superavaliado, os autores dizem que “o nível de consciência social é tão elevado que se tornam tópicos salientes em qualquer discussão sobre a fala”.

É preciso deixar claro, no entanto, que nem todo fenômeno linguístico recebe avaliação social. De acordo com Labov (2006 [1972], p. 354) “nem todas as mudanças linguísticas recebem avaliação social explícita ou sequer reconhecimento. Algumas parecem ficar muito abaixo do nível das reações sociais explícitas”. Há fenômenos que carregam mais ou menos avaliações sociais e que são, conseqüentemente, mais ou menos reconhecidos pelos falantes. Neste *continuum* da avaliação social que se faz de um fenômeno linguístico estão os chamados indicadores, os marcadores e os estereótipos.

Enquanto os primeiros são elementos que indicam diferenciação entre os falantes, mas não possuem muita força avaliativa, os segundos, chamados marcadores, podem estar ainda abaixo do nível de consciência, porém recebem “respostas subjetivas”, ou seja, produzem reações, mais força avaliativa que os indicadores. Já os estereótipos “são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade” (Labov, 2006 [1972], p. 360).

Assim, por serem valores relevantes para a comunidade em questão, as variantes linguísticas que carregam mais força avaliativa passam a ser mais facilmente identificadas, ou seja, passam a ser salientes aos falantes e isso faz com que os indivíduos passem a monitorar sua fala com o intuito de não serem avaliados.

A variável dependente escolhida neste estudo, a concordância verbal de terceira pessoa do plural, é um fenômeno superavaliado socialmente no Brasil – os falantes atribuem valores sociais a cada variante, estigmatizando uma e prestigiando outra –, o que pode influenciar no uso dessa variável. Essa reação subjetiva de ajuizar o outro através de sua fala é chamada avaliação linguística. A avaliação e a atitude linguísticas são formas de expressar como os indivíduos reagem frente ao outro, revelando os valores sociais por trás das variantes linguísticas, como reflete Cyranka (2007, p. 33).

Conforme observa Amaral (1979, p. 25-26), em geral, os estudos de atitudes linguísticas revelam que o falante, utilizando uma língua ou variedade linguística de prestígio, é percebido favoravelmente pelos ouvintes em relação a inteligência, competência, ambição, segurança, sucesso educacional e ocupacional. Daí é derivada a consideração de que a variedade padrão é associada à dimensão de poder, “status” e controle social. Em outras palavras, é a variedade que cumpre funções sociais privilegiadas pelo poder (CYRANKA, 2007, p. 33)

É de extrema importância esclarecer, ainda, que os conceitos de avaliação, crenças, percepção e atitudes linguísticas não são conceitos fechados – ainda não há consenso entre autores e alguns acabam por amalgamar uns e não outros, enquanto há autores que diferenciam cada um destes termos. Não há conceitos completos, o que há são discussões quanto ao tratamento destes. Optamos, portanto, por tratar destes conceitos como distintos.

Neste trabalho, chamamos avaliação linguística a forma com que um ouvinte/falante mensura os valores que carrega consigo e como associa esses valores à produção linguística de si ou de outros. Essa é atividade metalinguística e seguramente sofre influências das crenças que os falantes já carregam. Crenças são, portanto, parte essencial da avaliação linguística. É o que os sujeitos acreditam, o que pensam a respeito de algo. A exteriorização da avaliação linguística (que carrega certas crenças individuais ou coletivas) é o que chamamos atitude linguística.

A atitude linguística é já uma atividade, uma reação, uma exteriorização do que se pensa, do que se avaliou enquanto se pensava. É, de acordo com Lambert (1966), assim conceituada:

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido com nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo inter-relacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associados com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos. (LAMBERT, 1966, p. 77-78)

Para Lambert (1993), atitudes e crenças linguísticas podem ser verificadas em diferentes domínios: cognoscitivo, afetivo e conativo.

[...] o cognoscitivo, em que estão incluídas as percepções, as crenças e os estereótipos presentes no indivíduo; o afetivo, referido a emoções, sentimentos e o de comportamento, que se descreve como a tendência a agir e reagir de certa maneira em relação ao objeto (LAMBERT, 1993, p. 233)⁶

Por se tratar de atividades mentais ou reativas, as atitudes linguísticas, por meio das quais acreditamos que as avaliações linguísticas são exteriorizadas, são personagens principais no processo de inclusão ou exclusão social. De acordo com Tarallo (1985, p.14) “atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado”. Assim, é através dessa atividade de demarcar um espaço como sendo seu (e não de outro), ou um grupo social diferente dos demais, que as avaliações linguísticas vêm à tona. Ao ter a atitude de estigmatizar uma variante A e valorizar uma variante B nos diferenciamos dos demais, traçamos nossas identidades, demonstramos nossas avaliações e, conseqüentemente, as crenças por trás deste pensamento.

Já a percepção linguística, conforme aponta Oushiro (2015, p. 32), diz respeito a “inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante, que podem ou não ser conscientes – e que, portanto, podem não ser objeto de comentário metalinguístico”. Assim, ouvir um indivíduo falar e fazer inferências a respeito desse falar é uma atividade que chamamos percepção linguística. A diferença entre a percepção e a avaliação linguística está no comentário metalinguístico. Enquanto a percepção não é necessariamente atividade que produz um comentário, uma avaliação o faz, passando a ser um objeto de estudo mais concreto.

⁶ Tradução própria. Texto original: [...] el cognoscitivo, em el que incluyen las percepciones, las creencias y los estereótipos presentes em el individuo; el afectivo, referido a emociones y sentimientos, y el de comportamiento, que se describe como la tendencia a actuar y a reaccionar de certa manera com respecto al objeto. (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 233)

Para associar a língua a categorias sociais, todos esses conceitos podem e devem ser mobilizados, afinal, estão correlacionados. Ademais, as escolhas avaliativas podem ser visualizadas através de métodos que consigam colher a avaliação ali presente. Lambert et al. (1960), em seu trabalho que pretendia analisar o que os jovens canadenses falantes de inglês e de francês pensavam sobre sua língua, formularam um teste de atitude, hoje conhecido como *matched guise*, em que o indivíduo deveria ler um mesmo texto em diferentes línguas (inglês e francês). O teste revelou que os estereótipos agem de maneira a influenciar a construção de uma autoimagem.

Lambert (1967) propõe o método do questionário de atitudes utilizando uma gravação da fala de uma mesma pessoa que, em um momento faz o uso estigmatizado de uma variável e, em outro momento, o uso prestigiado desta mesma variável; a gravação é reproduzida para um indivíduo que, ao ouvir, deve definir quais foram suas impressões sobre o falante: qual é sua profissão, seu local de moradia, dentre outras.

Com esse questionário é possível perceber as impressões que o falante causa no informante e as avaliações que são feitas a partir disso, para cada uma das variantes de um fenômeno, o que denota, também, quais são as categorias naturais e os valores prestigiados daquele grupo ou comunidade.

Lambert (1967) ressalta que a atitude linguística é uma manifestação de preferência e de convenções sociais no que diz respeito ao prestígio e ao status dos usuários da língua. Dessa forma, são os grupos com maior prestígio social que estabelecem o padrão do que consideram aceitável. Assim, ao avaliar uma variedade linguística, um falante tem uma atitude que delimita as fronteiras das identidades em questão na comunidade de fala.

Há outros e vários caminhos para medir as atitudes linguísticas: há uma medição em escala estabelecida em termos de “mais” e “menos”, com uma área neutra possível, técnica utilizada por Thurstone (1931); há, como apresentou Lickert (1932), a avaliação de opiniões de 5 níveis em que cada enunciado deveria ser associado a um valor numérico; e há, também, como em Osgood (1963), a escala de diferencial semântico – talvez a técnica mais utilizada nos estudos de atitudes linguísticas.

Nessa escala, após um estímulo (sonoro ou conceitual, por exemplo), o indivíduo deve avaliar o tópico em questão através da aproximação ou distanciamento numa escala em que em uma ponta há um adjetivo A e, em outra, um adjetivo B, sendo A e B semanticamente opostos, como a seguir:

Bom _____ Ruim

De maneira análoga, Cyranka (2007, p. 28) explica como são os testes de atitude da técnica *matched guise*, de Lambert et al. (1960). Segundo a autora,

A técnica do *matched guise*, [...] tendo sido muito aplicada, foi sofrendo modificações, ora quanto ao tipo de produção de estímulos (entrevistas, ao invés de leitura de textos, por exemplo) ora quanto à escala de avaliação. Em relação a esta última, a mais conhecida tem sido a do diferencial semântico, que consiste na construção de uma série de escalas bipolares de sete pontos, com adjetivos de valores opostos colocados em ambas as extremidades de cada escala. [...] Construindo-se um conjunto de escalas desse tipo, obtém-se uma classificação múltipla de atitudes em relação a um estímulo. Como as respostas são marcadas por números nos traços da escala, pode-se chegar a um cálculo descritivo-demonstrativo das reações subjetivas dos falantes às amostras de fala e, conseqüentemente, aos dialetos dos sujeitos avaliados. (CYRANKA, 2007, p. 28-29)

O presente estudo, como forma de medir as avaliações e atitudes linguísticas dos indivíduos de diferentes grupos da comunidade (principalmente dos bonfinenses e dos moradores de condomínios), utiliza um teste de atitude inspirado na técnica *matched guise*, em que a fala de Bonfim deverá ser analisada e associada a algum dos graus dispostos entre adjetivos opostos.

2.4 REDES SOCIAIS

Redes sociais são conjuntos complexos de relações entre indivíduos. Servem como unidades de análise, quando se objetiva explicar as possíveis correlações entre o comportamento dos indivíduos que compõem a rede e o tipo de relações que mantêm com as outras pessoas de sua rede. É importante ressaltar que o conceito de “rede social” passou a ser usado nos estudos sociolinguísticos, no entanto, é conceito emprestado da Sociologia. As primeiras aplicações nos trabalhos sociolinguísticos deste conceito apareceram com Milroy (1980) no estudo intitulado *Language and Social Networks*.

A definição das redes sociais como conceito microssociológico se diferencia da abordagem que levava em conta o conceito macrossociológico das classes sociais, como explica Battisti (2014). As redes são um agregado de relações contraídas com outros indivíduos, são microagrupamentos sociais fortemente estruturados, relativamente homogêneos, como as vizinhanças ou as paróquias, por exemplo.

Como forma de análise das redes sociais, foram criadas medidas de vínculos por meio de três fatores, considerados fundamentais. O primeiro fator é a densidade da rede, uma medida

quantitativa do número de pessoas que são conhecidas por um indivíduo. O segundo fator são os tipos de laços entre os indivíduos, que podem se manifestar como ligações diretas (1ª ordem) ou indiretas (2ª ordem), fracos ou fortes, ativos ou passivos (quando há ausência de contato regular, mas um sujeito é avaliado como influenciador). Já a multiplexidade mede a combinação entre a densidade da rede e seus tipos de laços. Quanto menor uma comunidade e quanto mais densas suas relações, mais multiplexa ela provavelmente será.

Redes de densidade baixa se caracterizam por relações que contribuem para uma mudança enquanto que as redes de alta densidade são mais dificilmente penetráveis. Da mesma maneira, um conjunto de laços fortes entre indivíduos é caracterizado por relações densas e multiplexas e, quanto mais forem fortes os laços de uma rede, mais esses laços fazem com que uma comunidade resista a mudanças.

As redes densas, cujos laços são contraídos em um território limitado, são próprias de grupos de nível socioeconômico mais baixo, em que prevalece a orientação para a identidade local e, portanto, há a preservação do vernáculo. Já quando há engajamento em processo de mobilidade social há a participação em redes mais esparsas, mais abertas à influência das pressões padronizadas da cultura dominante. Assim, em redes mais abertas há uma orientação para o prestígio e, portanto, há uma tendência a adotar o padrão.

As redes podem se configurar como redes de troca, em que seus componentes compartilham informações, apoio, e há interações próximas com afetividade, ou redes interativas em que só há a interação, sem afetividade envolvida. Por meio de uma rede social é possível medir a circulação dos usos linguísticos em uma comunidade. É uma teia de relações. O fato de o indivíduo ter mais ou menos ligações na teia de rede social corresponde a diferenças no valor das formas e na possibilidade de expansão delas.

Nos estudos da primeira onda da sociolinguística (cf. Eckert, 2012), as categorias sociais a que o indivíduo pertence pareciam ser parte principal do estudo, localizando os informantes em um determinado grupo das macrocategorias, associando tais categorias como atributo pessoal de alguém. Caracterizam-se, assim, por uma visão mais determinista e definitiva dos informantes – uma visão essencialista. Não é essa perspectiva mais rígida a do presente estudo.

Por entendermos que a noção de identidade abre caminhos menos rígidos para a análise sociolinguística, de forma a reconhecer o indivíduo como um ser que pode agir e escolher caminhos na formação de sua identidade e dos outros, de forma às vezes consciente e às vezes inconsciente, optamos pelo trabalho com a noção de identidade social, em que há uma construção da identidade nos níveis individual e coletivo.

Apesar de tratar-se de um estudo de uma comunidade de fala e apesar de ser, também, objetivo do trabalho encontrar padrões de uso através de generalizações quantitativas, o presente estudo também possui um enfoque de base etnográfica, dando destaque à análise qualitativa dos dados. Essa abordagem é feita através da análise da fala de indivíduos, contextualizados em determinada rede social, focalizando o papel do indivíduo e sua atitude linguística local, revelando sua percepção de si e do outro e, assim, compondo o quadro de uma identidade social local. A investigação se dá, portanto, pela conciliação entre macro e micro abordagens da sociolinguística variacionista, fazendo parte, então, do paradigma descritivo-interpretativo que tem como objeto de estudo a língua em uso e correlaciona dados linguísticos com fatores extralinguísticos.

Bortoni-Ricardo (2001, p 84) explica como são usadas as redes sociais em estudos de inspiração laboviana: “a análise de redes é o estudo das relações existentes num sistema em processo de mudança. Quando aplicadas a sistemas sociais, a análise de redes é uma estratégia social voltada para as relações entre os indivíduos em grupo”. As redes sociais, são, nesse estudo, utilizadas como ferramenta metodológica para a obtenção dos informantes das entrevistas sociolinguísticas. Não é objetivo do trabalho, portanto, aprofundarmo-nos em redes sociais como em outros estudos em que este é o enfoque.

2.5 CONCORDÂNCIA VERBAL

Quando o fenômeno em questão é a concordância verbal (CV), estão em evidência duas variantes: a ausência de marcação de plural no verbo (ou a falta de concordância verbal) e a presença de marcação de plural no verbo (ou a presença de concordância verbal). Trata-se de um fenômeno linguístico morfossintático descrito pelos linguistas como a propriedade do verbo de concordar em número e pessoa com o sujeito da oração; ou seja, num caso em que há a presença de concordância de verbo na oração, o sintagma verbal está concordante ao número e à pessoa do sintagma nominal sujeito de um enunciado.

Isso ocorre na sintaxe, pois sujeito e verbo são elementos sintáticos que mantêm algum tipo de relação em um sintagma. É também fenômeno que depende da morfologia, pois a concordância verbal de número e pessoa é exposta nos verbos por meio das desinências verbais, elementos pertinentes à estrutura morfológica da língua.

No entanto, no dia a dia, é possível perceber que a concordância verbal nem sempre é realizada e que a não marcação desse tipo de concordância não faz com que o sentido da oração

fique incompleto. Não há diferenças quanto à semântica dos enunciados em que não concordam o verbo e o sujeito.

Marcar ou não o plural nos verbos depois de sujeitos de primeira ou terceira pessoa do plural é um ato que pode ser, portanto, de posicionamento social, em que quem concorda sujeito e verbo se coloca em posição de prestígio e quem não o faz acaba por ser estigmatizado e, muitas vezes, por sofrer preconceito linguístico.

O fenômeno da concordância verbal no Português Brasileiro figura amplamente como objeto de estudo desde os primeiros trabalhos sociolinguísticos no Brasil, na década de 70, tanto no que diz respeito aos estudos que tratam da 1ª pessoa do plural (1PP) quanto aos estudos que tratam da concordância de 3ª pessoa do plural (3PP), cf. Naro (1981); Guy (1981); Bortoni-Ricardo (1985); Rodrigues (1987); Scherre; Naro (1998, 2006); Scherre et al.(2007); Monte (2007, 2012); Monguilhott (2009); Brandão e Vieira (2012); Lucchesi (2012); Rubio (2008); etc;.

Já são conhecidos, por exemplo, diversos fatores linguísticos que podem influenciar na marcação de concordância verbal e já é possível fazer afirmações genéricas quanto ao uso deste fenômeno. Uma afirmação é, por exemplo, a influência exercida por um grau de saliência fônica maior entre as formas singular e plural de um verbo, que influencia o fenômeno para a marcação de plural (NARO, 1981). O paralelismo sintático, em que um sintagma nominal possuidor de marca explícita de plural antecede um sintagma verbal também favorece a marcação de plural no verbo (SCHERRE, 1998), assim como a anteposição imediata do sujeito em relação ao verbo (GUY 1981). Tantos outros fatores condicionantes para a marcação ou não do plural no verbo são e já foram minuciosamente analisados: a animacidade do sujeito, indeterminação do sujeito, presença de material interveniente entre o sujeito e o verbo, presença do “que” relativo, paralelismo formal no nível clausal e paralelismo formal no nível discursivo são alguns deles.

Já dentre os fatores extralinguísticos associados ao fenômeno, a escolaridade é considerada a maior influência, sendo os maiores graus de escolarização influenciadores para uma frequência maior de marcação de plural nos verbos. Além deste fator, sexo, faixa etária e local de moradia também figuram na maioria dos estudos.

Além de ser um fenômeno de ampla visibilidade científica no Brasil, há diversos estudos que contemplam a temática da concordância em outras variedades do português, como no português europeu e no moçambicano. É importante ressaltar a relevância desses estudos para um panorama geral do fenômeno na língua portuguesa como um todo, entretanto, por se tratar de um estudo inserido no contexto do Português Brasileiro, mais especificamente do interior paulista, neste estudo, fazemos referência a estudos científicos que retratam o quadro de

variação presente no português falado no Brasil. Há, portanto, um vasto panorama de estudos científicos acerca da concordância verbal de terceira pessoa do plural no qual este estudo se apoia.

O estudo de Lemle e Naro (1977), que se refere à marcação de concordância de terceira pessoa no português brasileiro urbano, através da análise dos fatores variável estilística, variável morfológica, variável sintática e variável semântica, evidenciou que, na fala de indivíduos mobralsenses do Rio de Janeiro, havia alternância entre as variantes do fenômeno na fala de um mesmo indivíduo, num mesmo contexto linguístico e até mesmo num mesmo tempo e modo verbais. Já os fatores que mediam os diferentes graus de saliência fônica entre as formas singular e plural, a indeterminação do sujeito e a posição do sujeito foram comprovadamente relevantes como influenciadores no fenômeno. Assim, ficou comprovado o uso variável desse fenômeno nessa região.

Pontes (1986) analisou mais profundamente os efeitos da relação entre as diferentes posições de sujeito e a concordância de número no verbo, evidenciando que a posposição do sujeito influencia de maneira extremamente relevante a não marcação de pluralidade no verbo, tendo em vista a relação estabelecida entre o sintagma nominal posposto (tratado como objeto pela maioria dos falantes) e o verbo em questão.

Outro estudo com a fala de indivíduos cariocas é o de Scherre e Naro (1993), em que os autores analisaram a influência do paralelismo formal no nível discursivo e o paralelismo formal no nível clausal. Acerca da última variável, os autores concluíram que o verbo aparece mais frequentemente com a marcação de pluralidade nos casos em que o último elemento flexionável do sintagma nominal com função de sujeito possui também a marca de pluralidade explícita. Da mesma forma, no fator que se referia às marcas do sujeito, assim como no fator em que o objeto de estudo eram as marcas do verbo, os autores concluíram que marcas explícitas levam a marcas explícitas e ausências de marcações levam a ausências de marcações.

Aprofundando-se ainda mais nas questões da concordância verbal, Scherre e Naro (1997) analisaram a posição do sujeito, a saliência fônica, a escolaridade, o sexo e a idade de informantes do banco de dados de fala do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua. Nesse estudo ficou comprovado que, conforme aumentam os anos de escolaridade na vida de um indivíduo, aumentam as marcações explícitas de pluralidade no verbo em sua fala. Já no estudo de Scherre e Naro (1998), os autores analisaram a influência do traço mais humano no sujeito e a interação entre o traço de número e traço humano na concordância verbal, chegando à conclusão que, na fala, verbos com sujeito [+humano] influenciam pra uma marcação de pluralidade no verbo.

Já Bortoni-Ricardo (2008) analisou, em duas diferentes comunidades de fala, a avaliação às diferentes marcações no fenômeno da concordância verbal de acordo com dois diferentes experimentos, concluindo que a ausência de concordância é estigmatizada por falantes com mais anos de escolarização, confirmando o significado social que o fenômeno em questão possui.

De acordo com Scherre (2005), que também destaca o estigma social carregado pelo fenômeno da concordância de número, tanto verbal quanto nominal, as avaliações negativas que os indivíduos fazem acerca da ausência de concordância não têm razão de ser linguisticamente. As avaliações ocorrem, na verdade, por valores sociais imbricados na própria comunidade em questão:

Estudos linguísticos de fenômenos estigmatizados podem ter, portanto, como consequência imediata, a possibilidade de evidenciar que o certo considerado inerente, em termos de linguagem, não tem razão de ser (por mais óbvio que isso possa parecer). Certo é tudo o que está conforme às regras ou princípios de um determinado grupo dentro dos limites do próprio grupo. Considerando isto, a falta de concordância de número pode ser errada para um grupo que domina uma variedade linguística que tem essa regra ou este mecanismo. Mas para um grupo que não apresenta mecanismos de concordância em sua variedade, o errado é exatamente uma construção que exhibe todas as marcas formais explícitas de concordância. (SCHERRE, 2005, p.18)

Vieira e Brandão (2013) citam o levantamento de Vieira (1995) em seu estudo intitulado “Concordância verbal: variação em dialetos populares no norte fluminense” que mostra quais contextos influenciam na marcação ou não da concordância no verbo na região. Os fatores que mais influenciaram para a não marcação são: sujeitos pospostos, a distância entre o núcleo do sujeito e o verbo, o menor número de marcas explícitas de plural no sujeito, a animacidade do sujeito, o paralelismo discursivo, a saliência fônica e o tempo verbal e a estrutura morfossintática.

Em “O papel do tipo de verbo na concordância verbal do Português Brasileiro”, Scherre, Naro e Cardoso (2008) fizeram pesquisas que verificassem a marcação ou não de concordância entre o verbo e o sujeito da terceira pessoa do plural e obtiveram como resultados algumas variantes que influenciam nesses casos. O verbo mais saliente da oposição singular/plural favorece a marcação de concordância e o contrário (menos saliente), desfavorece. O sujeito com traço semântico humano (traço de animacidade) favorece a concordância e a não animacidade desfavorece. Por último, o sujeito à esquerda do verbo favorece a marcação da concordância e o sujeito à direita (posposto) desfavorece.

Monte (2007), em sua dissertação sobre a variação da concordância na cidade de São Carlos –SP, mostra, com os resultados de sua pesquisa, que a saliência fônica é o fator que mais influencia a concordância verbo-sujeito naquela comunidade: quanto mais saliência oposicional entre singular e plural do verbo, maior a concordância. O paralelismo formal no nível oracional influencia a marca de concordância verbal quando a forma de plural está presente no último ou único elemento do sintagma nominal. O mesmo autor afirma que a presença do *que* relativo inibe a marca explícita de plural nos verbos, enquanto que o sujeito na posição anteposta imediatamente ao verbo, favorece a concordância.

Estudos como o de Scherre e Naro (2006, p.120) afirmam que o fenômeno da concordância verbal no português brasileiro parece não caracterizar um processo de mudança da língua, mas apenas um caso de variação estável, um caso em que há uma mudança sem que haja, necessariamente, uma mudança linguística.

Assim, os resultados das pesquisas comprovam a importância e a veracidade da influência de tais variáveis quanto à concordância verbo-sujeito, corroborado por diversos autores da área da linguística, que continuam a analisar todos os aspectos que influem neste tipo de concordância. Por reconhecermos a importância das contribuições dos estudos linguísticos para o panorama extenso acerca do fenômeno, foram considerados no presente estudo a análise de fatores linguísticos já comprovadamente relevantes na marcação de concordância verbal, como forma, além de corroborar os estudos anteriores, de relacionar estas respostas linguísticas ao contexto sociocultural em Bonfim Paulista.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção são descritos os procedimentos metodológicos utilizados para alcançar os resultados deste trabalho. Também são mais detalhadamente apresentados os universos de investigação da pesquisa, os dois diferentes grupos que dividem o espaço na localidade do distrito de Bonfim Paulista, como forma de reconhecer a história local para compreender seus indivíduos e valores sociais importantes da comunidade.

3.1 UNIVERSO DE INVESTIGAÇÃO DA PESQUISA

O universo de investigação da presente pesquisa é a localidade do distrito de Ribeirão Preto/SP, Bonfim Paulista. Apesar de que o distrito é considerado uma única localidade mais ampla (Bonfim Paulista), ele pode ser subdividido entre dois diferentes grupos que ali se inserem: o dos bonfinenses e o dos moradores de condomínio. É importante dizer que seguramente esses não são os dois únicos grupos desta comunidade, no entanto, o território era, até pouco tempo atrás, majoritariamente habitado pelo grupo dos bonfinenses, quando uma forte onda de investimento imobiliário alcançou o distrito, levando milhares de ribeirão-pretanos (que não se consideram, obviamente, bonfinenses) a habitarem o distrito, causando reações adversas nos indivíduos que ali já estavam.

3.1.1 BONFIM PAULISTA E OS BONFINENSES

No Relatório da Fase 1 do Inventário de referências culturais (INRC) de Ribeirão Preto (2010, p.17), produzido pela Prefeitura Municipal em conjunto com a Secretaria da Cultura e da Rede de Cooperação de Identidades Culturais⁷, os pesquisadores previam analisar o município de Ribeirão Preto como um sítio dividido em 6 diferentes localidades: o Centro, o distrito de Bonfim Paulista, os Campos Elíseos, a Vila Tibério, a Vila Virgínia e o Ipiranga, bairros tradicionais da região. Entretanto, ao entrar em contato com a comunidade, os pesquisadores perceberam, após se aprofundarem um pouco mais no trabalho de campo, que, na verdade, o distrito de Bonfim Paulista deveria ser tratado como um outro sítio, desassociado do sítio de Ribeirão Preto.

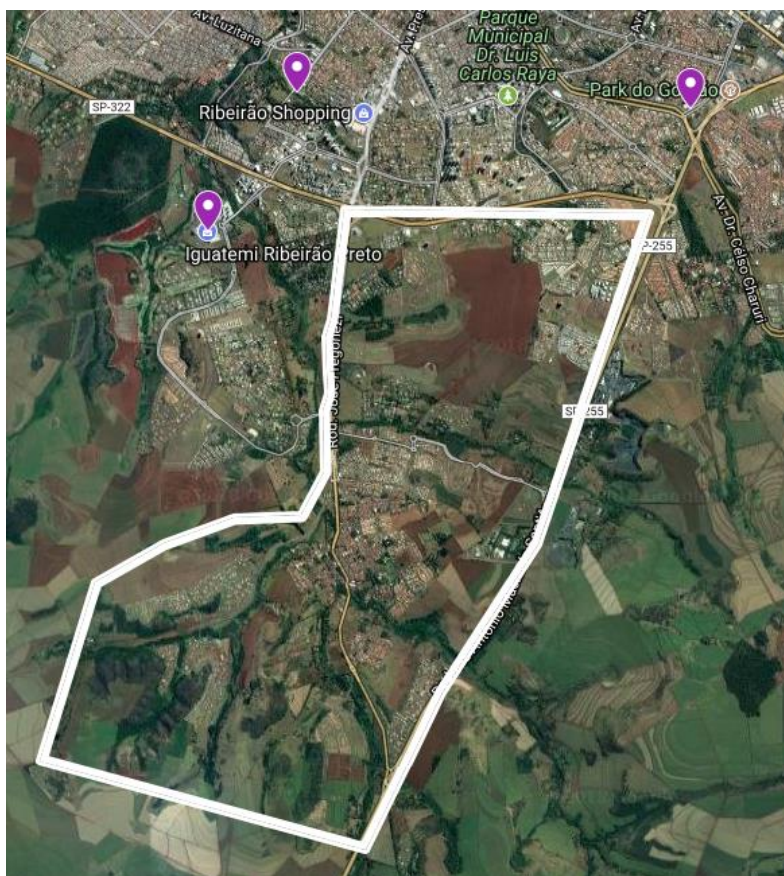
⁷ Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto – Secretaria da Cultura – Secretaria do Planejamento - Coderp --Museu da Imagem e do Som – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural de Ribeirão Preto – Universidade de Ribeirão Preto – Centro Universitário Barão de Mauá – Centro Universitário Moura Lacerda – Faculdades COC – Faculdade de Economia Aplicada/USP – Curso de Ciências da Informação/USP – Grupo Amigos da Fotografia – Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto – Sindicato dos Arquitetos de Ribeirão Preto.

O motivo que os levou, então, a separar Ribeirão Preto e Bonfim Paulista como dois sítios distintos e desassociados foi a manifestação dos moradores do distrito, que se diziam bonfinenses, não ribeirão-pretanos.

Ao longo do trabalho observou-se a complexidade de se propor essa divisão, mesmo que para fins de trabalho de inventário. A pesquisa de campo realizada no Distrito de Bonfim Paulista mostrou que este não é uma simples subdivisão do sítio Ribeirão Preto. Os moradores do local, (importante contextualizar que a referência são os moradores da área previamente entendida como histórica, portanto a zona de ocupação mais antiga), não se percebem ribeirão-pretanos e sim, autenticamente bonfinenses. Alguns entrevistados afirmaram não visitar o município de Ribeirão Preto há três anos. Fato que elevou o grupo a uma reorganização normativa. (INRC, 2010, p.17)

Bonfim Paulista, localizado a aproximadamente 12km do centro do município de Ribeirão Preto, interior paulista, compreende toda a área do destaque assinalado na cor branca (Figura 1) e é o espaço com o qual os bonfinenses se identificam e são identificados. Apesar da pouca distância em quilômetros com o município, há, em Bonfim, quem não se sintam parte do município ou necessidade do contato com Ribeirão Preto. O sentimento de não-pertença dos bonfinenses como ribeirão-pretanos parece não ser esperado pelos pesquisadores, demonstrando também que essa posição de distanciamento da identidade dos dois grupos não faz parte do senso comum.

Figura 1: Delimitação territorial de Bonfim Paulista



Fonte: Google Maps com alteração própria.

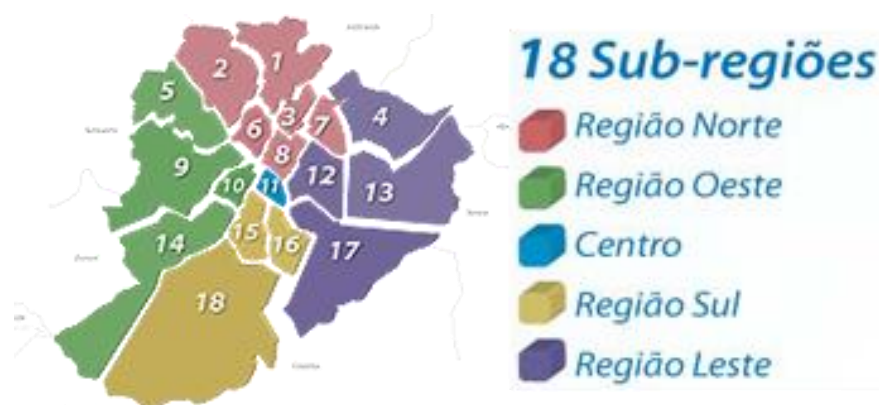
Os moradores do distrito outrora pacato não se dizem parte do município do oeste paulista em questão. Bonfim, que até os anos 90 contava com aproximadamente 10 mil habitantes, ainda destoa da imagem de Ribeirão, município que conta com uma população estimada, em 2017, em 682302 habitantes estimados (IBGE). Principal cidade da Região Metropolitana de Ribeirão Preto (RMRP), primeira região metropolitana do estado localizada fora da macrometrópole, Ribeirão possui um Índice de Desenvolvimento Humano (2010) de 0,855, ou seja, é classificado com IDH muito elevado. Seu PIB é avaliado em R\$ 28,1 bilhões de reais (2014). Excluindo-se as capitais brasileiras, é a 11ª cidade mais populosa do país, figurando como 8ª cidade de maior população do estado de São Paulo em 2016, perdendo apenas para São José dos Campos, Osasco, Santo André, São Bernardo do Campo, Campinas, Guarulhos e São Paulo, de acordo com o Relatório da Fase I do Inventário de Referências Culturais (INRC) de Ribeirão Preto de 2010.

O município é dividido entre três Administrações Regionais: uma nos Campos Elíseos, uma na Vila Tibério e outra em Bonfim Paulista. A última é responsabilidade, presentemente,

do Administrador José Durval Affonso Madureira. De acordo com o plano diretor do município de Ribeirão Preto, Bonfim Paulista é um distrito considerado núcleo histórico pelo Programa de Reestruturação Urbana da cidade. O Poder Executivo Municipal deve cumprir com o compromisso de valorizar e proteger a região.

Além das três divisões administrativas, o município dispõe de 5 sub-regiões, sendo Bonfim Paulista localizada na área de número 18, inserida na sub-região Sul (Figura 2).

Figura 2: Divisões das 18 Sub-regiões de Ribeirão Preto



Fonte: site da Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto

O que é hoje Bonfim Paulista, sub-região 18, era, antigamente, uma área com aproximadamente 40 fazendas povoadas, chamada informalmente por seus habitantes de Viaduto. Já por volta da década de 1870, a localidade passou a ser conhecida como Gaturamo pela população local e, alguns anos após, em 1893, Gaturamo passou a ser chamada de Vila Bonfim - homenagem ao fundador do povoado Francisco Rodrigues dos Santos Bonfim. Foi apenas em 1902 que a região foi finalmente registrada como Bonfim Paulista.

A região, ainda quando era chamada Vila Bonfim, já despontava no cenário nacional como uma grandiosa área produtora de café nas fazendas comandadas pelas famílias dos coronéis do café da fértil terra roxa paulista. De acordo com o Relatório da Fase I do Inventário de Referências Culturais (INRC), os habitantes começaram para ali migrar por enxergarem na vila uma área para possíveis investimentos associados à cultura cafeeira da época. Assim, as grandes fazendas movimentavam a região, no entanto, foi em 1883, com a chegada da Cia Mogiana de Estrada de Ferro em Bonfim, que o desenvolvimento da região foi alavancado. A estação da Mogiana da Vila Bonfim aparece, na Figura 3, em um registro de 1910 do álbum da Mogiana.

Figura 3: Estação da Mogiana – Vila Bonfim em 1910



Fonte: Álbum da Mogiana. (Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/b/bonfim.htm>> Acesso em: 10 de fev. de 2018)

O comércio da localidade começou a se expandir em função da demanda da população das fazendas próximas e a primeira escola se instalou na comunidade no ano de 1906. Entretanto, apesar do crescimento do distrito e de sua expansão como importante região cafeeira, a crise do café, em 1929, fez com que Bonfim se adequasse a novas perspectivas de produção agrícola. O algodão, o amendoim, o milho, o tomate e a cana-de-açúcar mudaram o cenário, dividindo o espaço com as fazendas que, tempos depois, foram desmembradas e se tornaram chácaras e pequenas fazendas.

A produção rural e os comércios ali instalados, com o fim de abastecer a comunidade das fazendas que cercavam o entorno do distrito, foram protagonistas da região até o início do século XX, mas o distrito começou seu processo de urbanização apenas em 1948, quando paralelepípedos foram colocados em suas ruas principais. A ligação entre o município de Ribeirão Preto e o distrito, no entanto, ficou prejudicada com a saída dos trilhos da Cia Mogiana, deixando as distâncias entre Ribeirão e Bonfim maiores. Só no ano de 1958 é que as duas localidades foram devidamente unidas pela continuação da Avenida Presidente Vargas (Rodovia Estadual SP -328).

Figura 4: Estação da Mogiana – Bonfim Paulista em 1960



Fonte: fotografia por Dimas L. Dornellas. Disponível em <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/b/bonfim.htm>> Acesso em: 10 de fev. de 2018)

Figura 5: Prédio da antiga Estação da Mogiana – Bonfim Paulista em 2011

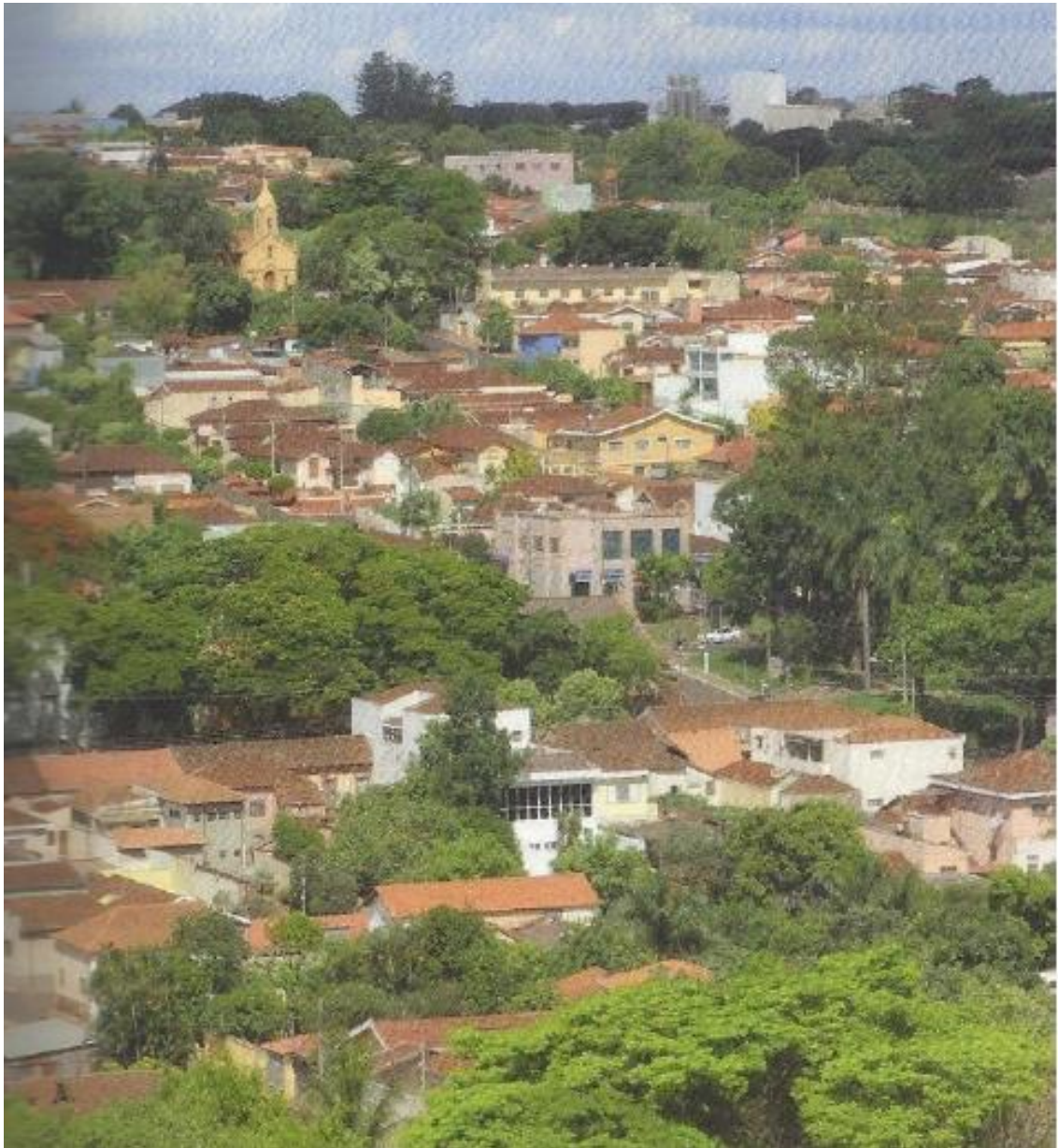


Fonte: Google Maps.

O que restou da estação Mogiana, além da memória de alguns bonfinenses e da história local, foi o prédio em que funcionava a estação (Figura 5). Esquecido, o prédio passa despercebido no cotidiano dos moradores locais e se encontra deteriorado. Ali não há qualquer indicação da importância histórica local, apesar de haver esforços por parte de alguns bonfinenses, arquitetos e historiadores locais por manter viva a história do antigo distrito.

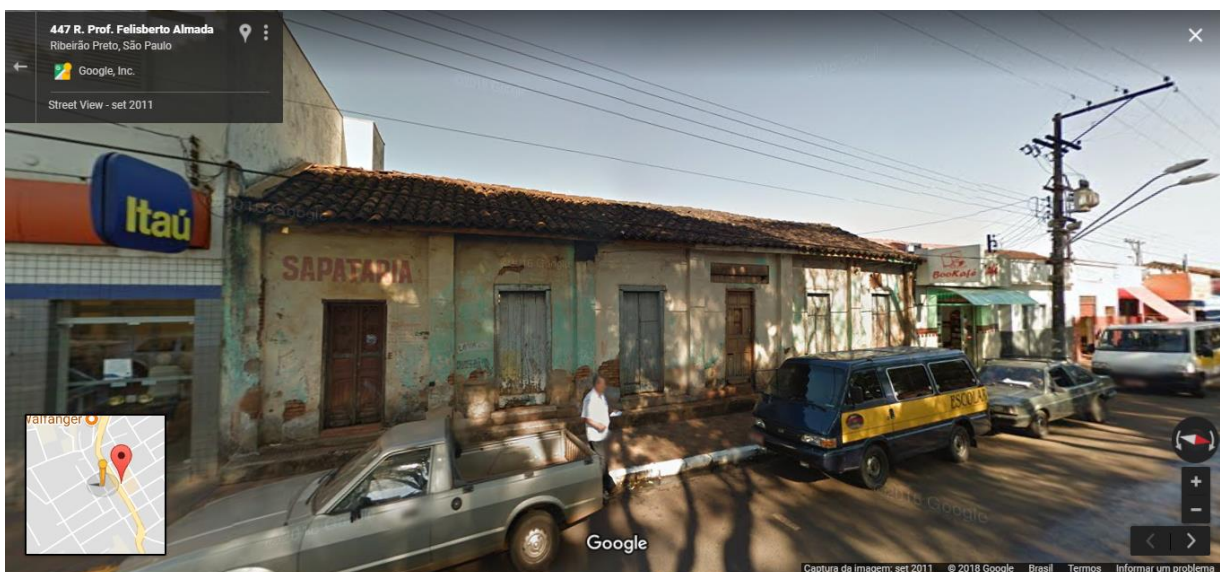
Antes cercada por fazendas, hoje Bonfim é cercada por condomínios de alto padrão e por fazendas tradicionais, misturando aspectos rurais aos mais modernos conceitos urbanísticos. A praça central, ponto de encontro da população local e lugar de interação social, divide a paisagem com as casas antigas (Figura 7), alguns carros exuberantes que estacionam vez ou outra por ali, charretes simples, o novo terminal rodoviário de Bonfim (Figura 8), o casarão esquecido em que ficava a antiga parada da Cia Mogiana, os novos restaurantes que anunciam serviço de delivery, etc. Em pouco tempo, o distrito passou a se adequar para receber os 17 mil novos moradores da região (1990 – 10 mil habitantes; 2016 – 27 mil habitantes).

Figura 6: Capela de Bonfim Paulista vista de cima



Fonte: GUIMARÃES (2012, p. 7)

Figura 7: Construções de uma das ruas principais de Bonfim Paulista em 2011



Fonte: Google Maps

Figura 8: Inauguração do novo terminal de ônibus de Bonfim em 2017



Fonte: fotografia por Mastrangelo Reino / jornal Acidade. Disponível em <<https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/onclick/fotosdodia/GFOT,0,3,18470,Terminal+de+onibus+e+inaugurado+em+Bonfim+Paulista.aspx>> Acesso em: 10 de fev. de 2018)

Renato Andrade Vieira, artista local, retratou Bonfim Paulista, em sua série “bonfinices”, costumes do distrito, destacando, assim como outros bonfinenses fizeram nas

entrevistas sociolinguísticas, Bonfim Paulista como sendo um local que emana tranquilidade, onde as pessoas e os animais caminham pela rua. Esse cenário não parece ter sido tão alterado pelos caminhões que ali passam, congestionando toda a via. Apesar deles, os cachorros ainda conseguem “tirar uma soneca” no meio dessas vias.

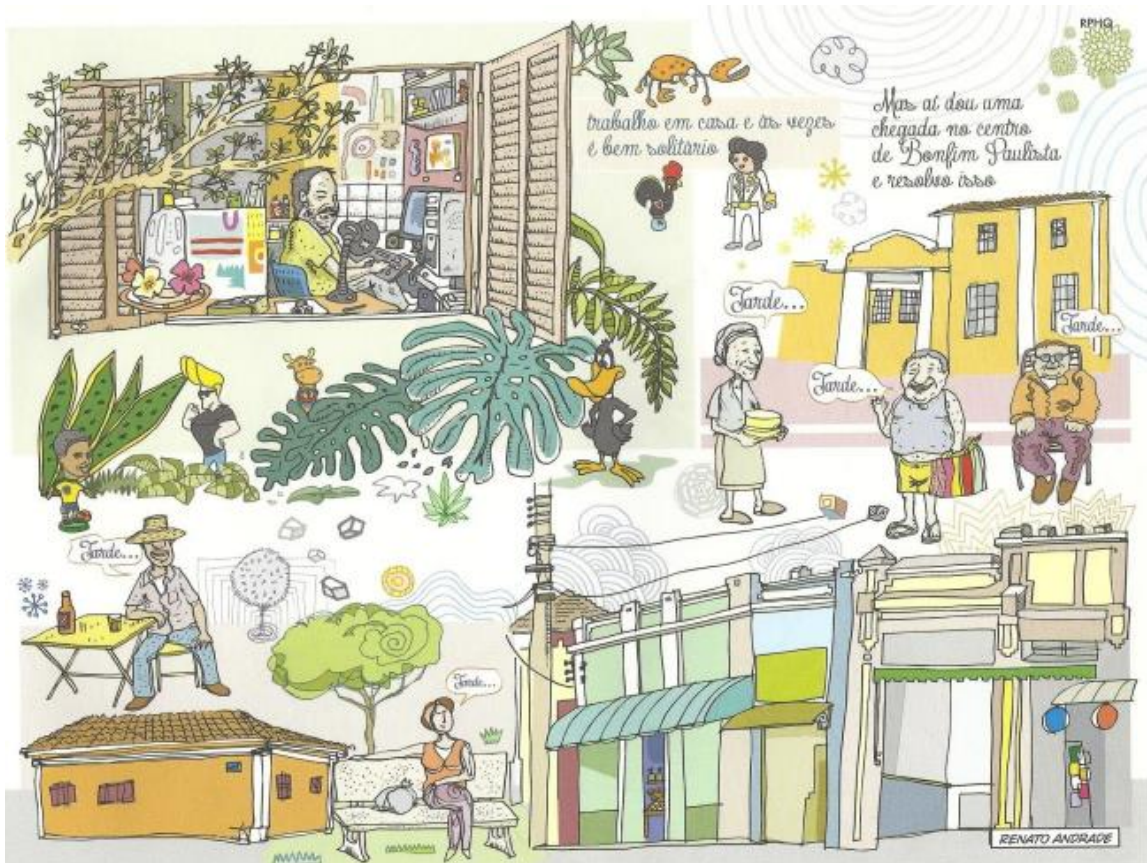
Figura 9: Tira sobre Bonfim Paulista



Fonte: Charge de Renato Andrade Vieira. (Disponível em <<http://villabonfim.com.br/bonfinioces/>> Acesso em: 10 de fev. de 2018)

Em outra arte de Renato, o artista destaca o clima amistoso na vizinhança, em que todos se cumprimentam e são cumprimentados, fazendo com que ninguém se sinta sozinho. As praças, os bares e as ruas são ocupadas por moradores, ainda que em horário comercial. O visual do distrito, também em destaque na arte, deixa indícios da diversidade cultural que ali pode ser encontrada (Figura 10).

Figura 10: Charge sobre Bonfim Paulista (2)



Fonte: Charge de Renato de Andrade Vieira. SÁ Filho, Cordeiro de (org.) RPHQ (Ribeirão Preto em Quadrinhos, vol. 2, Ribeirão Preto, 2014. Acesso em: 10 de fev. de 2018)

3.1.2 CONDOMÍNIOS FECHADOS

Desde a década de 1990, Bonfim Paulista experimenta mudanças sociais com a construção de aproximadamente 28 condomínios fechados, o que pode levar a uma reação da comunidade local. Cione (1992), autor do livro “História de Ribeirão Preto – Volume IV”, faz referência a Bonfim como um distrito de aproximadamente 10 mil habitantes no início da década de 90. Já de acordo com o site da Prefeitura de Ribeirão Preto, o censo de 2010 do IBGE o registra como tendo 13.324 habitantes, o que se contrapõe às informações da revista *Revide* de 21 de setembro de 2011, que aponta aproximadamente 20 mil habitantes no distrito.

Um registro mais recente, o da revista *A Cidade – Ribeirão Preto*, datada de 02 de fevereiro de 2016, apresenta Bonfim com 27 mil habitantes – o que demonstra, em números, o crescimento demográfico e as prováveis mudanças sociais da região, comprovando o crescimento que relata, também, o *Jornal de Bonfim Paulista* (Figura 11).

Figura 11: Jornal de Bonfim Paulista: “Desenvolvimento da zona sul chega a Bonfim”

Setembro de 2013

Jornal de Bonfim Paulista 5

Capa

Mesmo que progresso seja sinônimo de aumento da violência, comerciantes do distrito comemoram a chegada de novos moradores

Desenvolvimento da zona sul chega a Bonfim



Desde que a expansão imobiliária da Zona Sul de Ribeirão ultrapassou os limites do anel viário em direção ao distrito de Bonfim Paulista, as terras dessa região passaram por um intenso processo de valorização.

Dezenas de empreendimentos imobiliários, sobretudo condomínios horizontais e alguns verticais, têm mudado, e muito, o cenário do até então pacato distrito.

problemas, os comerciantes locais comemoram a chegada de novos moradores. Para Sidnei Santos e a esposa Célia, o fechamento da loja que tinham no centro de Ribeirão Preto para se instalarem em Bonfim, onde moram, foi uma decisão acertada. “Eu percebi a mudança do perfil dos consumidores do distrito e falei para meu marido abrir a loja aqui em Bonfim. Ele chegou a cogitar ir para outro

gráfico, cresce também a necessidade por serviços das áreas de instalações elétricas, construção civil, pet shop, estética, além do setor alimentação com serviços delivery.

Mas nem só o setor de serviços tem sido beneficiado com a expansão demográfica bonfinense. Grandes estabelecimentos comerciais, tradicionalmente instalados em Ribeirão Preto, estão buscando pontos

lacionamento que a rede já tinha com clientes em Bonfim e no seu entorno despertou para a necessidade de estar mais próximo do consumidor. “Bonfim Paulista tem crescido muito e a tendência é crescer ainda mais, estamos com uma ótima expectativa de aumento nas vendas, haja vista o potencial de expansão dessa região”, diz o gerente.

Fonte: Jornal de Bonfim Paulista, setembro de 2013

Com a construção e a inauguração do Ribeirão Shopping, em 5 de maio de 1981, a estrada que une Ribeirão e Bonfim passou a ser um grande vetor de crescimento urbano, tendo em vista a proximidade com o local de maior valorização da época: o primeiro shopping da cidade. Permanecendo até os dias de hoje como área de destaque comercial, valorização imobiliária e principal vetor de crescimento urbano do município, a região em que o Ribeirão Shopping se localiza se desenvolveu a passos largos e trouxe consigo todo o prestígio para a região sul.

Hoje, o Ribeirão Shopping, após sua VIII Expansão, conta com 380 lojas, praça ecumênica, centro médico, espaço para a realização de eventos, etc. e é referência de compras e entretenimento tanto para o município como para as cidades da região. A valorização imobiliária e o crescimento vertical e horizontal de empreendimentos prestigiados pode ser

observada no contraste entre a imagem da inauguração do Shopping (Figura 12) e uma imagem da região nos dias atuais – 37 anos após (Figura 13).

Figura 12: Inauguração do Ribeirão Shopping em 1981



Fonte: Disponível em <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1457987&page=46>
Acesso em: 10/02/2018

Figura 13: Ribeirão Shopping atualmente



Fonte: disponível em <http://emribeirao.com/cidades/prefeitura-desapropriara-42-imoveis-particular-para-ampliacao-da-avenida-que-liga-ao-ribeiraoshopping-14873>>. Acesso em: 10/02/2018.

O Ribeirão Shopping, localizado na avenida Presidente Vargas, impulsionou o crescimento da região sul de Ribeirão Preto e, como um vetor de expansão, chegou até Bonfim Paulista em forma de grandiosos investimentos imobiliários. A rodovia que liga Ribeirão-Bonfim se transforma, após aproximadamente 6km, na Av. Presidente Vargas e o cenário de tranquilidade de Bonfim se reconfigura para um cenário caótico de carros, engarrafamentos e empreendimentos.

Os bonfinenses, acostumados com a vida pacata das áreas das grandes fazendas cafeeiras e com o comércio familiar e tradicional, hoje dividem seu espaço com os grandes empreendimentos imobiliários, novos moradores e a abertura de redes famosas de comércio, levando a Bonfim o *status* que estes empreendimentos carregam. A distância física do centro de Ribeirão ao centro do distrito é de aproximadamente 12km, no entanto, a distância invisível que separa os bonfinenses dos ribeirão-pretanos e dos moradores dos condomínios parece muito maior. A inauguração do Shopping Iguatemi, em 2013, também próximo ao entorno da área do distrito de Bonfim, trouxe ainda mais visibilidade à localidade, assim como a chegada do complexo Alphaville, que trouxe prestígio e influência para a região.

Figura 14: Entrada de um condomínio no complexo Alphaville



Fonte: acervo próprio

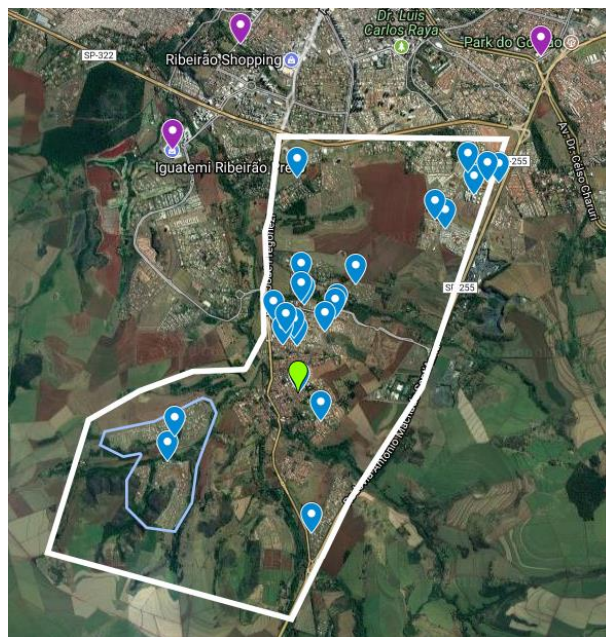
Hoje, são 28 condomínios fechados que envolveram Bonfim num rápido crescimento populacional. A expansão imobiliária traz consigo novas pessoas e, conseqüentemente, novos

valores sociais, novas preocupações, novos estilos de vida. De acordo com Carlucci (2015), essa expansão pode provocar impactos. Para o autor,

Em outras cidades brasileiras, a implantação de novas, extensas e muradas áreas urbanizadas, em curtos períodos de tempo, provocou impactos na configuração social, econômica e espacial dos núcleos vizinhos de forma intensa e concreta. [...] nos parece possível a repetição do quadro de adensamento populacional acompanhado de uma mudança significativa dos valores e modos de vida, fruto da atração operada pelos condomínios sobre atividades e categorias sociais e de seus impactos sobre o mercado imobiliário e o uso do solo. (CARLUCCI, 2015, p.87)

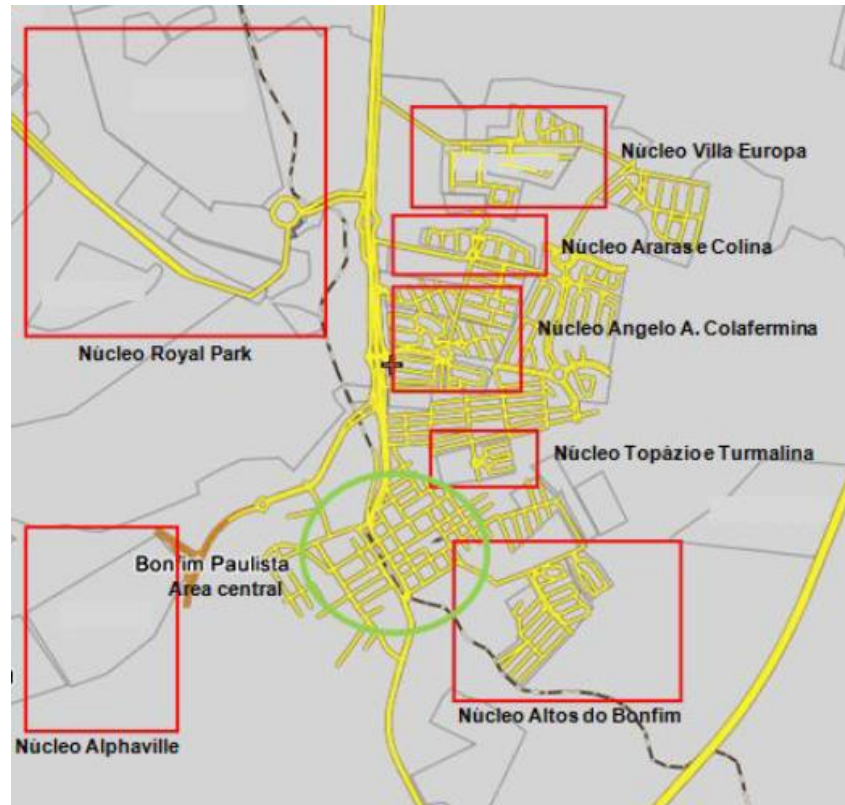
Na Figura 15, os condomínios encontrados pelo satélite estão localizados com o símbolo azul. Na delimitação em azul mais claro, há o território pertencente ao completo Alphaville (Figura 15); na marcação do símbolo na cor verde, está localizado o marco da área central do distrito e, nas marcações em roxo, a localização de três dos quatro shoppings do município.

Figura 15: Delimitação de Bonfim Paulista e localização dos condomínios fechados



Fonte: Google Maps com modificações da autora

Figura 16: Núcleos de condomínios próximos a Bonfim Paulista



Fonte: CARLUCCI, 2015, p. 117

Na Figura 16 (CARLUCCI, 2015, p.117), estão detalhados os núcleos de condomínios horizontais fechados da área de Bonfim Paulista nas delimitações em vermelho. Para cada núcleo há em média 4 condomínios fechados. A delimitação circular em verde expõe a área territorial que é considerada a região central de Bonfim – onde se localizam as casas dos bonfinenses e os comércios locais.

Já na Figura 17 é possível comparar os tipos de moradias da região e a clara diferença entre os dois grupos: selecionados com a cor amarela estão os complexos dos condomínios Vila Florença, Santa Mônica I, Santa Mônica II e Santa Ângela; selecionado com a cor laranja está o bairro Jardim San Leandro, tradicional de Bonfim, onde se localiza o cemitério do distrito, destacado na cor branca. As casas da área amarela possuem, como padrão prototípico, dois andares e piscina, cenário muito diferente daquele das residências do Bairro Jardim San Leandro.

Figura 17: Limites: condomínios fechados e Bonfim Paulista



Fonte: Google Maps com modificações da autora

Para atrair novos compradores, na propaganda da Imobiliária Fortes Guimarães, que anuncia investimentos do Alphaville Ribeirão, disponível no youtube, são anunciados valores sociais relacionados aos empreendimentos. Para se referir ao Alphaville são utilizadas palavras como “glamour” e “grife”; assim, ao comprar uma casa no complexo, o morador passa a ser proprietário não só de uma residência, mas passa a fazer parte de uma grife glamorosa. As residências são anunciadas para quem quer “morar bem, com qualidade de vida” e o vendedor reforça, para convencer sua audiência, que vende um lugar que possui o que todos buscam hoje: segurança e privacidade. “Você merece morar num lugar assim”, diz o consultor de vendas.

Ser morador de um condomínio fechado significa muito mais que isso. Significa, portanto, merecimento, privacidade e glamour – valores que não pareciam figurar na região antes dominada exclusivamente por um povoado associado a fazendas, charretes e convivência com a vizinhança.

A reação que os novos empreendimentos causam em Bonfim Paulista varia: alguns se posicionam favoráveis a toda essa mudança; outros se incomodam. Recentemente, a construção do primeiro condomínio vertical em Bonfim tem causado críticas por parte dos antigos moradores da região e também dos moradores de condomínios fechados horizontais. O artigo “Asas do Sul incomoda”, veiculado pelo endereço virtual Villa Bonfim, site criado com a proposta de “fomentar o comércio local aos novos moradores que chegam pelos condomínios, incentivando a economia e boa convivência da população de Bonfim Paulista” (Villa Bonfim,

2018), relata a insatisfação da população. Publicado também na página Villa Bonfim do site de relacionamentos Facebook, o texto é de autoria do(a) anônimo administrador(a) da página e a publicação do texto foi compartilhada por mais 70 perfis da rede social.

o Residencial Asas do Sul é um desrespeito a toda a população de Bonfim Paulista, principalmente aos moradores dos condomínios próximos, como o Vila Real e Alto do Bonfim. Além de alterar a paisagem de uma área de natureza predominante e horizonte aberto, as duas torres do Asas do Sul vão tirar toda a privacidade e fazer sombra em várias casas dos condomínios citados. Se você pensa em vir morar em Bonfim Paulista, ou investir em algum imóvel, pense melhor e cogite se adequar ao nosso meio e qualidade de vida. Invista ou more em uma casa térrea, em um dos maravilhosos condomínios implantados por aqui. Não compre apartamentos nesses projetos que desrespeitam os moradores de nosso distrito! Esse não é o primeiro projeto que desrespeita Bonfim Paulista. Um outro empreendimento ao lado dos condomínios Turmalina e Topázio, também tira o sono dos moradores com torres altas que já alteram toda a nossa paisagem. Não somos contra o progresso. Mas somos contra o egoísmo e ganância que passam por cima das leis e do próximo para lucrar. [...] Nem tudo o que é legal é justo! (Villa Bonfim, 2017⁸)

A queixa da construção dos prédios é insatisfação tanto dos bonfinenses quanto dos moradores de condomínio:

Eu fico bravo que vai chegar a Fiusa⁹ aqui. Eu não quero que chegue porque eu vim pra tranquilidade e pra fugir de trânsito... e a construção de prédios que tá vindo pra Bonfim piora o trânsito, a movimentação... (Maurício¹⁰, morador de condomínio, 39 anos, ensino médio)

3.2 METODOLOGIA

O estudo se dividiu em algumas etapas. De acordo com os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (Labov, 2008 [1972]), na primeira etapa foi aprofundada a fundamentação teórica sobre a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas, sobre os conceitos de identidade social, avaliação, atitudes linguísticas, redes sociais e sobre o fenômeno da concordância verbal.

Na segunda, foi montado um *corpus* constituído por entrevistas feitas com indivíduos de dois grupos: os que são habitantes de Bonfim Paulista, moradores do distrito desde

⁸ Disponível em <<http://villabonfim.com.br/asas-do-sul-incomoda-bonfim-paulista/>>

⁹ Referência à movimentada avenida Professor João Fiusa, onde estão localizados grandes empreendimentos imobiliários.

¹⁰ A fim de preservar a identidade dos indivíduos entrevistados na pesquisa, seus nomes foram trocados por outros fictícios.

anteriormente aos anos 90, e os moradores dos condomínios de alto-padrão de Bonfim, membros do grande grupo de pessoas que, desde a década de 90, têm se mudado para o distrito em busca de conforto e tranquilidade.

Os informantes dos dois grupos foram estratificados a partir de variáveis extralinguísticas que dizem respeito à escolaridade, ao sexo biológico dos informantes e às regiões de residência (condomínios residenciais ou bairros residenciais de Bonfim). Entendemos que a estratificação social generaliza pessoas de um contexto similar, no entanto, concluímos necessária a estratificação para uma análise quantitativa dos dados de forma a identificar padrões de uso linguístico característicos do falar local. Entendemos como relevantes as análises qualitativas e com as redes sociais traçadas para a comunidade.

A entrevista semiestruturada foi guiada por um roteiro de perguntas criado com o fim de transformar a entrevista em um episódio casual, menos formal, mas ao mesmo tempo colher informações sobre as opiniões dos bonfinenses e dos moradores de condomínio. Há perguntas sobre o cotidiano das pessoas, suas experiências e sobre a região, para que o informante se sentisse à vontade e falasse livremente. É importante dizer que o roteiro funcionou apenas como um guia na hora da entrevista, porém a pesquisadora, no trabalho de campo, seguiu a entrevista como uma conversa informal, fazendo perguntas sobre as últimas respostas, comentando sobre fatos da semana ou outro assunto qualquer que a pesquisadora percebesse ser relevante ou instigue o entrevistado a falar. Assim, o roteiro (Apêndice I) ficou com a pesquisadora, mas só foi realmente utilizado quando necessário, já que o objetivo é tornar a entrevista como uma conversa. Também é necessário esclarecer que todos os informantes entrevistados possuem 15 anos ou mais por entendermos que as crianças e os pré-adolescentes (11-13 anos) reproduzem, majoritariamente, as identidades de sua família e/ou entorno familiar.

Na terceira etapa foram identificadas e transcritas as orações em terceira pessoa do plural¹¹ dos 875 minutos ou aproximadamente 14 horas e meia de gravação, o que contabiliza, em média, 36 minutos de gravação por informante. Vale ressaltar que há entrevistas que duraram mais ou menos que o esperado, sendo a mais curta com a duração de 27 minutos e a mais longa com a duração de 120 minutos. Todas as entrevistas foram utilizadas para as análises linguísticas e extralinguísticas.

O Quadro 1 traz a composição da amostra de acordo com o perfil social dos falantes/informantes.

¹¹ Camacho (1993 p.105) afirma que “a ausência de concordância na 3ª pessoa (...) tem frequência mais elevada que a de 1ª pessoa, diferença essa justificada por fatores extralinguísticos”. Dessa forma, optamos por analisar apenas ocorrências da terceira pessoa do plural.

Quadro 1: Composição da amostra – perfil dos informantes

	<i>Sexo feminino</i>		<i>Sexo masculino</i>	
	Bonfim Paulista	Condomínios	Bonfim Paulista	Condomínios
<i>Ensino Fundamental</i>	2	2	2	2
<i>Ensino Médio</i>	2	2	2	2
<i>Ensino Superior</i>	2	2	2	2
Total	24			

Fonte: própria

Numa quarta etapa, os dados foram analisados e quantificados com o auxílio do programa estatístico *GoldVarb X*, realizando testes de correlações de acordo com três grupos de fatores linguísticos que potencialmente mais influenciam o uso variável da concordância verbal de 3ª pessoa do plural: a saliência fônica entre a oposição das formas singular e plural, a posição do sujeito e o paralelismo sintático. As variáveis linguísticas mencionadas foram determinadas após a leitura dos resultados de diversos estudos que tratam da temática da análise da concordância verbal de acordo com os pressupostos da Sociolinguística (cf. VIEIRA, 1995; RUBIO, 2008; LUCCHESI, BAXTER e SILVA, 2009; GAMEIRO, 2009; OLIVEIRA, 2010; MONTE, 2012, entre outros)

Vale lembrar que os três fatores referidos já foram extensamente estudados e analisados pelos tantos e diversos pesquisadores do fenômeno da concordância verbal. Por já considerarmos, então, esses aspectos como relevantes, o objetivo do trabalho não é exatamente verificar sua influência na marcação de concordância, mas, a partir dos resultados da atuação destes fatores, que já sabemos ser influenciadores para a marcação ou não da concordância de 3ª pessoa do plural, verificar as avaliações e atitudes dos bonfinenses e dos moradores de condomínio, analisando os valores sociais por trás da variação linguística. Justifica-se, assim, a escolha de apenas 3 grupos de fatores linguísticos – e que já sabemos ser relevantes.

A *saliência fônica* é o grupo de fatores que mede a influência de diferentes graus de saliência fônica entre as formas singular e plural de um verbo. De acordo com a escala de Naro e Lemle (1977) há diversos graus diferentes em que um verbo no singular pode se opor a um no plural. Há o caso dos verbos regulares (ex.: *fala/falam*; exemplo abaixo) e dos verbos com vogal final átona (ex.: *quer/querem*), que são níveis com menor saliência fônica. Há também as oposições de maior saliência fônica que são a dos verbos com elemento vocálico tônico oral

no singular em oposição a um ditongo tônico nasal no plural (ex.: *vai/vão*), as oposições do pretérito perfeito regular (ex.: *falou/falaram*) e as formas distintas entre singular e plural (ex.: *é/são*; exemplo abaixo). Esta escala foi reformulada por Naro (1981) e são muitos os trabalhos que utilizam a nova escala; é escolha metodológica do trabalho utilizar a escala antiga, de 1977, por entendermos que a escala abarca as necessidades do trabalho. Ela distingue um maior número de graus e permite, caso os resultados assim demonstrem, amalgamar categorias. A hipótese a ser testada é de que os menores graus de saliência fônica favorecem a não marcação do plural no verbo.

os professores... eles são bem abertos...tipo, a hora que você precisar, você pode chamar no facebook, se quiser (Saulo, morador de condomínio, 18 anos, ensino médio)

as prefeitura das cidade aí comprava mil roseira de uma vez (Alice, bonfinense, 47 anos, ensino superior)

Para o grupo de fatores *paralelismo formal* (paralelismo sintático/marcas do sujeito) consideramos haver duas categorias possíveis neste grupo. A primeira é a presença de uma forma explícita de plural no último elemento do sintagma nominal que tem função de sujeito (ex.: os meninos sabem brincar; exemplo abaixo). A segunda diz respeito à presença da forma zero de plural no último elemento do sintagma nominal sujeito (ex.: os aluno_ é chato; exemplo abaixo). A hipótese, conforme Scherre e Naro (1993), é de que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros”, ou seja, em casos em que não há concordância nominal é provável que também não haverá a marcação de concordância verbal.

o prefeito...os vereador que ganha não faz nada (Josué, bonfinense, 76 anos, ensino fundamental)

os adolescentes não fumavam (Mateus, morador de condomínio, 38 anos, ensino superior)

Para o grupo de fatores *posição do sujeito*, foram consideradas três posições mais frequentes em que o sujeito pode estar em uma oração: sujeito anteposto imediatamente ao verbo, anteposto de forma distante ou sujeito posposto (exemplos abaixo). Por escolha metodológica¹², outras formas como o sujeito posposto imediatamente ou o sujeito posposto distante não serão analisadas. Testaremos a hipótese de que o sujeito anteposto imediatamente

¹² A escolha metodológica se dá porque a distinção entre as formas referidas não se mostrou frequente nos dados.

ao verbo favorece a concordância verbal, enquanto que o sujeito distante, ainda que anteposto, e o sujeito posposto favorecem a não marcação de plural.

as crianças tão meio que amadurecendo um pouco mais cedo (Saulo, morador de condomínio, 18 anos, ensino médio)

os jovens são muito alienados, não conhecem nada, são preguiçosos mentalmente, não querem saber de pensar um pouco (Breno, morador de condomínio, 17 anos, ensino fundamental)

Depois do cemitério, aquela foi a primeira Cohab, construída pelo Nogueira, pai do Nogueirinha. Aí, depois, ela expandiu...né? ... foi feita mais algumas pra cima (Maurício, morador de condomínio, 39 anos, ensino médio)

De acordo com a norma padrão, em uma oração em que há sujeito posposto composto por nomes no plural, o verbo deve ir para o plural, construção que raramente vemos nas ruas. O que é visto, então, como erro na gramática normativa é completamente explicado e aceito pelo viés linguístico: o verbo fica no singular nestes casos, pois estamos diante da ordem V-SN (verbo-sintagma nominal) e, portanto, deixamos de tratar o SN como sujeito e passamos a tratá-lo como objeto, uma vez que, inconscientemente, percebemos que aquele é o lugar do objeto e não concordamos sujeito e verbo já que esse sujeito é visto pelos falantes como objeto (cf. Pontes 1986).

Essa discussão é pertinente, também, de acordo com Vieira e Brandão (2013) que dizem que nos casos de sujeito posposto o cancelamento da marca de concordância verbal é mais frequente, chegando quase que à totalidade de casos, o que mostra o uso efetivo da concordância, marcada ou não, nas falas e escritos da língua portuguesa do Brasil

As variáveis extralinguísticas são, basicamente, fatores sociais que influenciam na marcação ou não marcação da concordância entre verbo e sujeito da oração em questão. Foram analisados como fatores sociais influenciadores na marcação de pluralidade no verbo de 3ª pessoa a escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior), o local de moradia (Bonfim Paulista ou condomínio fechado) e o sexo dos informantes (sexo feminino e sexo masculino) entrevistados para a formação do *corpus*.

A afirmação de vários estudiosos da área e a hipótese deste estudo no que diz respeito à escolaridade é que conforme maior for o número de anos escolares vividos, maior o número de ocorrências da concordância verbal. Como dizem Cardoso e Cobucci (2014, p.92):

As pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado: quanto mais alto o nível de ensino formal de uma pessoa, mais concordância de número ela faz. Mesmo assim, é importante atentar para os fatos descritos acima: ter alto grau de escolaridade não quer dizer ter alta posição social. (CARDOSO E COBUCCI, 2014, p. 92)

Outro fator que influencia no fenômeno da concordância verbal é a variável sexo/gênero. A diferença de uso das variantes por homens e mulheres se relaciona não só com o modelo de organização social de cada sociedade, mas também com a atitude social, com os papéis sociais de homens e mulheres. A hipótese prevista é de que as mulheres tendem a preferir as formas prestigiadas. Além disso, escolaridade e gênero são variáveis, em geral, fortemente correlacionadas. Conforme Paiva (2013, p. 39) “a mulher se revela mais receptiva à atuação normativa da escola, mais predisposta à incorporação de modelos linguísticos”.

Como supracitado em seções anteriores, todos os aspectos, tanto os linguísticos quanto os extralinguísticos, foram analisados no contexto de dois grupos distintos de moradores que compõem a comunidade. Sendo assim, ressaltamos que a comunidade em questão, o distrito de Bonfim Paulista, antiga área de referência rural, hoje é destaque pela valorização imobiliária e lembrada pela qualidade de vida bucólica, tão almejada pelos moradores dos condomínios fechados, antigos habitantes de áreas mais urbanas do município de Ribeirão Preto, região-referência do estado de São Paulo. Os moradores do distrito, acostumados com um ritmo de vida mais simples e desacelerado, se depararam com a chegada expressiva de milhares de novos moradores, portadores de *status* e reconhecidos por um estilo de vida ostentativo, alterando a dinâmica social e quiçá linguística da região.¹³

Como forma de medir as avaliações, os valores sociais e as atitudes linguísticas dos bonfinenses e dos moradores de condomínios, foram elaborados testes de atitude linguística - a quinta etapa do trabalho. Nela elaboramos o primeiro teste de atitude, que serviu como teste piloto. Depois de elaborá-lo, o teste foi aplicado a moradores de condomínio e moradores do distrito de Bonfim Paulista e consistia na ação de reagir a trechos de áudios de fala espontânea com marcação ou não de concordância verbal. A partir dessa escuta, o ouvinte deveria preencher o teste, associando àquela fala os valores sociais que acreditava estarem associados. Em seguida, após analisar quais alterações deveriam ser feitas para que o teste fosse bem compreendido por todos, elaboramos o teste de atitude *online*. Optamos por um teste online

¹³ É importante lembrar que a comunidade é composta por um cenário mais complexo e um número maior de grupos sociais do que o exposto e analisado neste trabalho. O estabelecimento dos dois grupos sociais se deu em função de dois parâmetros interligados - antiguidade de moradia no distrito e local de moradia.

para que o alcance e, conseqüentemente, o número de respondentes ao teste fosse maior, o que nos daria informações valiosas sobre as avaliações e atitudes linguísticas presentes na região. Assim, o teste foi elaborado contendo três diferentes partes: na primeira, o respondente dava informações pessoais – sua idade, escolaridade, sexo e tipo e local de moradia. Além dessas informações, o respondente deveria se posicionar quanto a sua identidade, assim, escolhendo entre bonfinenses, ribeirão-pretano ou outro. Dessa forma, foi possível comparar a identidade social dos informantes às suas respostas quanto ao local e tipo de moradia.

Num segundo momento do teste, era necessário associar valores sociais a Bonfim Paulista, aos bonfinenses e aos moradores de condomínio, como num teste de percepção. Nesta parte, portanto, com foco nos valores sociais atribuídos a diferentes adjetivos relacionados a esses três tópicos, foi possível verificar avaliações de diferentes valores sociais, associados ou não aos bonfinenses e aos moradores de condomínio, por exemplo. Já na terceira etapa do teste, os informantes eram expostos a 4 áudios, tendo que associar o falante a Bonfim, aos condomínios ou a outro espaço; assim, foi possível associar as identidades (referentes a primeira etapa do teste), as avaliações (referentes a segunda etapa do teste) à fala, colhendo, enfim, as atitudes linguísticas – a materialidade das avaliações linguísticas; foram colhidas 80 respostas.

As respostas foram separadas e analisadas de acordo com a identidade do respondente ao teste (bonfinenses, ribeirão-pretano ou outro), sendo possível, portanto, analisar diferentes visões dos grupos sociais que convivem na comunidade (os bonfinenses, os moradores de condomínios e, ainda, os ribeirão-pretanos).

A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da FCLAr/Unesp que, reunido em 11/10/2016, aprovou o protocolo de pesquisa proposto com o número do parecer de 1.771.135.

Este é um trabalho com base etnográfica, pois a pesquisadora está inserida na comunidade de Bonfim Paulista como moradora desde a última década, conhecendo, portanto, os grupos, as práticas e os valores da comunidade. Conseqüentemente, a escolha da localidade como tema central desta dissertação não é apenas advinda de um olhar de cima, de um pesquisador de fora que analisa a comunidade de acordo com suas crenças, o que nem sempre é similar à visão do morador desta comunidade em questão; ao contrário, Bonfim Paulista foi, primeiramente, espaço de observação participante. As categorias sociais que foram contrapostas para a elaboração do *corpus* e para a estratificação dos falantes foram destacadas de acordo com as categorias sociais que emergiam da própria comunidade, como a diferenciação entre moradores do distrito e moradores dos condomínios localizados no distrito.

Essa diferenciação é feita pelos próprios moradores, tanto de Bonfim quanto dos condomínios, e já foi exposta, também, em outros trabalhos que tiveram Bonfim Paulista como objeto de estudo: (cf. BOCCHI, 2007; CACERES, 2001; CAMARGO, 2009; CARVALHO, 2009; FERREIRA, 2005; FIUZA, 2010; NOGUEIRA, 2005)

3.2.2 DECISÕES METODOLÓGICAS

Ao longo do trabalho, algumas decisões metodológicas foram necessárias. Os desafios de um trabalho de campo, por exemplo, demanda certos cuidados. Para minimizar os efeitos do paradoxo do observador, a pesquisadora procurou tratar de assuntos variados nas entrevistas, ainda que, no geral, a temática em questão fosse o distrito de Bonfim Paulista. No trabalho de campo nos deparamos com locais muito barulhentos para a realização da entrevista, indivíduos que não quiseram ser entrevistados, interferências de outros indivíduos que se interessavam pela entrevista ao ver seu colega sendo entrevistado, etc. Como forma de resolver esses impasses, algumas entrevistas acabaram por ser em grupo ou dupla e alguns áudios tiveram partes prejudicadas que, conseqüentemente, não foram transcritas. O informante que afirmou desistir de ser entrevistado foi plenamente respeitado e, inclusive, indicou um novo informante, que foi entrevistado no mesmo momento.

Houve também quatro casos em que os informantes pouco falavam. Monossilábicos, eles apenas respondiam perguntas diretas mas não desenvolviam os assuntos. Ainda que a entrevistadora tentasse abordar outros assuntos ou questões, a conversa não fluiu e os áudios dessas entrevistas foram desconsiderados por não conter tempo nem ocorrências suficientes. Desta maneira, foi necessário encontrar mais informantes que se encaixassem no mesmo perfil destes – uma jornada que foi se tornando mais difícil conforme os entrevistados não se dispunham a indicar um outro indivíduo.

Outra dificuldade enfrentada foi a falta de engajamento na temática principal (Bonfim Paulista) no caso de indivíduos moradores de condomínios. Alguns diziam não saber nada sobre o assunto e outros pareciam receosos em expor suas opiniões. Afortunadamente, esses casos foram exceções no conjunto do *corpus*.

A elaboração de um segundo teste de atitude foi a solução encontrada para a dificuldade, percebida pela pesquisadora, que os entrevistados tinham ao responder o teste 1. Nesse teste piloto, muitos indivíduos afirmaram não entender o que deveria ser feito e, ainda, muitos pareciam marcar qualquer resposta. Assim, foi necessário a reelaboração do teste de atitude, por entendermos que o primeiro não foi compreendido por parte de muitos informantes.

Os dados foram submetidos ao programa *GoldVarb X* e, para a análise estatística, as ocorrências foram rodadas juntas e, depois, separadamente, de acordo com o local de moradia do informante. Assim, são analisadas de forma conjunta, num primeiro momento, e, num segundo momento, são apresentados os resultados das localidades separadas, a fim de que seja possível identificar padrões das falas dos grupos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Como descrito na seção de procedimentos metodológicos, foram transcritas e classificadas as ocorrências em que havia a ausência ou a presença da marcação de pluralidade em orações de 3ª pessoa produzidas por informantes das entrevistas semi-estruturadas dos dois diferentes grupos que dividem espaço: os bonfinenses e os moradores de condomínios fechados em Bonfim Paulista. Submetidos ao programa estatístico GoldVarb X, foram foco da análise os fatores selecionados pelo programa como portadores de maior relevância (*step-up*) no que diz respeito à sua influência na variação de concordância verbal.

É importante salientar que os conceitos da estatística descritiva mobilizados para organização, interpretação e representação dos dados em tabelas ou gráficos são utilizados para as análises quantitativas. A *frequência*, portanto, é o número de ocorrências, ou seja, a quantidade de vezes em que determinada variante ocorre. Como *proporção*, entendemos o número de ocorrências em que determinada variante ocorre (frequência) proporcionalmente ao número de ocorrências total dos dados, ou seja, a proporção como uma frequência relativa aos dados totais. É fulcral diferenciar estes dois conceitos, pois os dados apenas em número de ocorrências podem ser enganosos, já que não são tomados como parte proporcional ao que realmente representam do total de ocorrências.

Ademais, por entendermos que os resultados das diferentes variantes são complementares, somando-se representam 100% dos dados, abordaremos apenas os resultados que dizem respeito à ausência de marca de concordância no verbo das orações de 3ª pessoa; ou seja, optamos pela ausência de concordância como valor de aplicação da regra variável, como forma de tornar a representação dos dados mais clara e menos repetitiva.

4.1 VISÃO GERAL DOS RESULTADOS

Todas as variáveis – linguísticas e extralinguísticas – foram rodadas juntas, por isso, sua ordem de seleção é apresentada pelo programa GoldVarb X na rodada *step-up*. Nessa rodada, tanto os dados dos moradores de condomínios quanto os dos bonfinenses foram rodados juntos, como forma de analisar os resultados gerais da comunidade como um todo. Assim, na tabela 1 é possível perceber que apenas a variável *sexo* não foi considerada relevante na marcação de concordância verbal em Bonfim Paulista.

O local de moradia foi selecionado como fator relevante no fenômeno, o que demonstra que a comunidade está, realmente, dividida entre dois diferentes grupos quando confrontamos seu falar.

Tabela 1: Resultado geral

	Fator	Frequência de ausência de CV	Frequência total do fator	Proporção de ausência de CV	Peso relativo	Range
Paralelismo sintático	Marcação de CN no último elemento do SN-sujeito	149	620	24%	0.398	449
	Ausência de marcação de CN no último elemento do SN-sujeito	113	150	75%	0.847	
	Ocorrências descartadas	Não se aplica				
Escolaridade	Ensino fundamental	163	286	57%	0.768	423
	Ensino médio	81	321	25%	0.345	
	Ensino superior	44	217	20%	0.348	
Saliência fônica	Maior saliência	81	393	21%	0.311	363
	Menor saliência	207	431	48%	0.674	
Local de moradia	Bonfim Paulista	230	514	45%	0.608	

	Condomínio fechado	58	310	19%	0.326	282
Posição do sujeito	Anteposto imediatamente	151	456	33%	0.465	307
	Anteposto distante	111	314	35%	0.498	
	Posposto	26	54	48%	0.772	
Sexo	Feminino	132	406	32%	Não foi selecionada	
	Masculino	156	418	37%		

Fonte: própria

Na rodada no GoldVarb X dos dados que amalgamam as ocorrências das duas localidades, foi possível auferir os resultados estatísticos para a variável local de moradia, de forma a verificar se essa é, também, relevante na marcação de concordância verbal da comunidade. Através das informações coletadas com o programa, a variável foi selecionada como relevante, como podemos verificar na tabela 2, a seguir.

Tabela 2: Ausência no uso da concordância verbal em função do local de moradia

		Frequência / Frequência total do fator	Proporção	Peso relativo
Bonfim Paulista	Ausência de CV	230/ 514	45%	0.608
Condomínios fechados	Ausência de CV	58/ 310	19%	0.326
Input: 0.299 Significância: 0.038 Range: 282				

Fonte: própria

Nessa rodada, a ordem de seleção das variáveis se estabeleceu da seguinte maneira: em primeiro lugar, foi selecionado o *paralelismo sintático* (range 449), seguido da variável extralinguística *escolaridade* (range 423), da *saliência fônica* (range 363), do *local de moradia* dos informantes (range 282) e, por fim, da *posição do sujeito* (range 307). A variável sexo, para a qual era esperada relevância, não foi selecionada como fator influenciador nas escolhas linguísticas da comunidade.

Comparando os resultados gerais com a ordem de seleção dos resultados dos diferentes grupos de moradores (tabela 3), é possível verificar a ordem de seleção do programa estatístico através do *range* apresentado.

Tabela 3: Ordem das variáveis através dos índices de *range* em relação ao local de moradia

Range		Bonfim	Range		Condomínios
	Escolaridade	0.602		Paralelismo sintático	0.453
	Saliência fônica	0.456		Escolaridade	0.445
	Paralelismo sintático	0.413		Saliência fônica	0.233

Fonte: própria

Enquanto em Bonfim uma categoria social, a escolaridade, parece ser determinante na influência da ausência de marcação de plural nos verbos, muito mais que as categorias linguísticas, nos condomínios fechados uma categoria linguística é mais relevante para a ausência de concordância verbal. É mais influenciado por um contexto linguístico do que por um fator social que o morador de condomínio deixa de marcar a concordância. Ainda assim, a escolaridade exerce influência significativa nos condomínios e nos contextos linguísticos em Bonfim, mas a inversão da ordem dos fatores relevantes nos dá indícios sobre o uso do fenômeno e sua relação com a comunidade. Esse resultado prova que os usos da língua das duas comunidades são distintos.

Para constatar as diferenças e semelhanças do tratamento de três diferentes variáveis de natureza linguística (saliência fônica, paralelismo sintático e posição do sujeito) e de três variáveis de natureza extralinguística (escolaridade, sexo e local de moradia), o *corpus* das entrevistas dos informantes foi separado de acordo com a variável independente local de moradia. Para conferir aos dados a significância da variável que comporta os fatores “morar em Bonfim Paulista” ou “morar em um condomínio fechado em Bonfim Paulista” foi necessário, portanto, rodar os dados das ocorrências coadunadas, a fim de verificar se o programa estatístico selecionaria essa variável como relevante; por ter sido selecionada pelo programa GoldVarb X, os cálculos foram novamente refeitos, mas separando o *corpus* em dois – dados dos bonfinenses e dados dos moradores de condomínios de Bonfim Paulista.

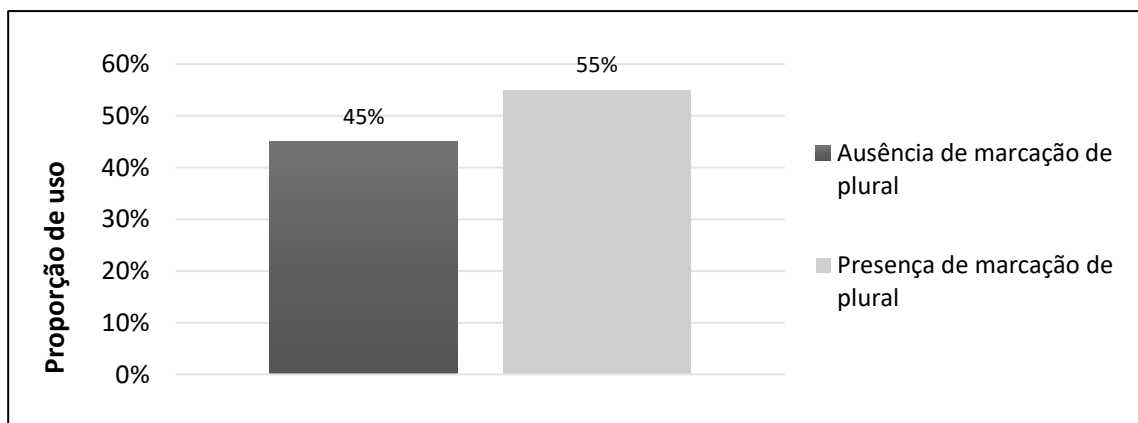
4.2 A LÍNGUA EM USO DOS BONFINENSES

Todas as variáveis linguísticas escolhidas como fatores de possível influência no uso da concordância verbal já são, comprovadamente, bastante influenciadoras no fenômeno de terceira pessoa (cf. VIEIRA, 1995; RUBIO, 2008; LUCCHESI, BAXTER e SILVA, 2009; GAMEIRO, 2009; OLIVEIRA, 2010; MONTE, 2012, entre outros). Foram escolhidos esses e não outros fatores exatamente porque o objetivo do trabalho é, apoiando-se nos resultados numéricos e quantitativos que já eram esperados, ainda que seja necessário comprovar se o mesmo ocorre com essa nova amostra, interpretar as comunidades em questão, seus valores, suas identidades e entender como as questões sociais podem influenciar em um fenômeno linguístico em um espaço compartilhado por dois grupos que não se veem nem são vistos como semelhantes.

No entanto, é necessário verificar, primeiramente, como os fatores linguísticos atuam sobre as escolhas das variantes em cada grupo analisado. É possível que os resultados mostrem que os mesmos contextos linguísticos sejam tratados de formas diferentes em Bonfim e nos condomínios.

Para a análise da fala apenas dos bonfinenses, foi possível auferir a quantidade de 514 ocorrências de 3ª pessoa do plural. Apresentamos, primeiramente, os resultados gerais do uso da concordância verbal em Bonfim para, depois, esmiuçar estes resultados. Ainda depois, analisamos os fatores mais relevantes para o fenômeno de forma separada, por queremos entender o comportamento destes individualmente.

De maneira geral, foi encontrada a frequência de 230 ocorrências de terceira pessoa (Tabela 2) em que não havia marcação de pluralidade no verbo, ou seja, em 45% dos dados da fala dos bonfinenses havia a ausência de concordância verbal. Como se vê através da exibição dos índices de frequência e proporção de uso da concordância, é possível afirmar que se trata de um fenômeno indiscutivelmente em variação linguística em Bonfim Paulista.

Gráfico 1: Proporção de uso da marcação de concordância verbal em Bonfim Paulista

Fonte: própria

Como já mencionamos, vamos apresentar apenas os resultados de ausência de concordância, de modo a tornar a exposição dos resultados mais simples. Assim, estes 45% de ausência de marcação de plural nos dados estão apresentados mais minuciosamente a seguir, formando um panorama do uso da ausência de concordância em Bonfim Paulista.

A Tabela 4 foi constituída de acordo com a ordem de seleção das variáveis na rodada *step-up*, ou seja, a variável apresentada no topo do esquema é a mais relevante, enquanto que as duas últimas não foram, nesta primeira rodada, consideradas atuantes sobre a concordância verbal de forma significativa em Bonfim Paulista, sendo, portanto, excluídas na rodada *step-down*.

A escolaridade (range 619), de valor social, é a variável mais significativa para estes dados, enquanto que, logo em seguida, figura a *saliência fônica* figura (range 471), seguida pelo *paralelismo sintático* (range 413). Na rodada *step-down*, a variável *posição do sujeito* foi descartada, ficando excluída dos fatores que influenciam na marcação de concordância verbal, seguida por outra variável excluída: o *sexo*.

Tabela 4: Resultado geral do uso da ausência de concordância verbal em Bofim Paulista

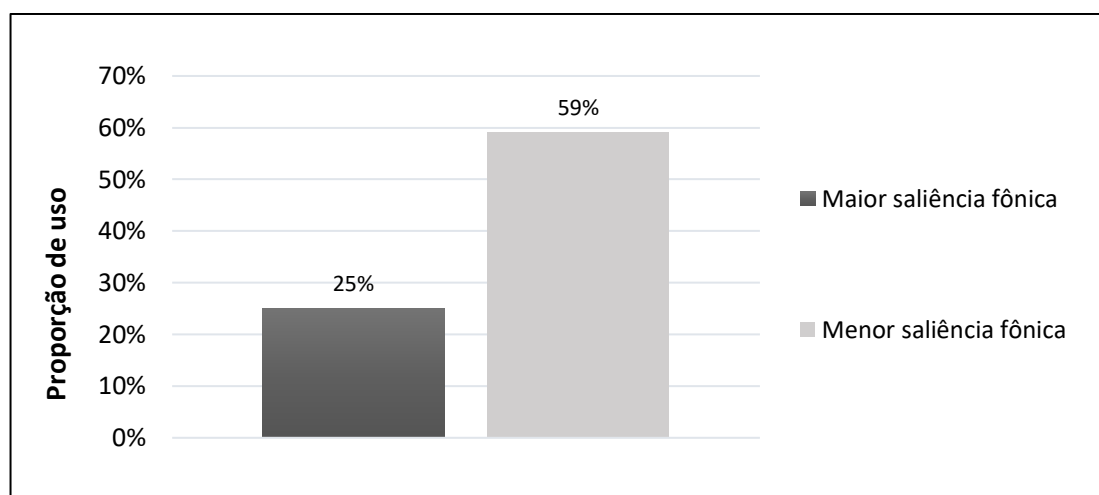
	Fator	Frequência de ausência de CV	Frequência total do fator	Proporção de ausência de CV	Peso relativo	Range
Escolaridade	Ensino fundamental	137	173	79%	0.855	619
	Ensino médio	52	206	25%	0.236	
	Ensino superior	41	135	30%	0.383	
Saliência fônica	Maior saliência	55	219	25%	0.235	471
	Menor saliência	175	295	59%	0.706	
Paralelismo sintáticos	Marcação de CN no último elemento do SN-sujeito	115	355	32%	0.385	413
	Ausência de marcação de CN no último elemento do SN-sujeito	95	121	78%	0.798	
	Ocorrências descartadas	Não se aplica				
Posição do sujeito	Anteposto imediatamente	125	286	44%	Não foi selecionada	
	Anteposto distante	85	190	45%		
	Posposto	20	38	53%		
Sexo	Feminino	109	301	36%		

	Masculino	121	213	57%	Não foi selecionada
--	-----------	-----	-----	-----	---------------------

Fonte: própria

Após a visualização mais geral das ocorrências em Bonfim Paulista, começaremos a análise das variáveis linguísticas para, em seguida, abordar as variáveis extralinguísticas. Como variável sintática mais relevante na seleção *step-up*, o programa estatístico selecionou a *saliência fônica* entre as formas verbais do singular e do plural no verbo, representada por um *range* de valor 471. A hipótese era a de que o menor grau de *saliência fônica* influenciasse o uso da concordância no sentido da ausência de marcação da forma de plural no verbo, o que se comprovou nos resultados da amostra da comunidade.

Gráfico 2: Proporção de ausência de concordância verbal de dois diferentes graus de *saliência fônica* em Bonfim Paulista



Fonte: própria

É possível perceber que, em verbos com um maior grau de *saliência fônica* entre as formas singular e plural, o índice de ausência de concordância verbal é mais baixo se comparado ao uso de não marcação de pluralidade em verbos de menor grau de *saliência fônica* (exemplos a seguir) Dessa forma, confirmou-se a hipótese de que em verbos com menor *saliência fônica* a proporção de ausência de marcação de plural aumenta pois, em contexto de maior *saliência fônica*, houve ausência de marcação de pluralidade em 25% dos dados, já em contexto de menor *saliência fônica*, em 59% dos dados - uma influência perceptível do contexto de menor *saliência fônica* favorecendo a ocorrência de não concordância verbal na fala dos bonfinenses.

quando os problemas estão mais próximos do centro administrativo, eles são mais facilmente resolvidos (Olívia, 38, bonfinense, ensino superior)

aqueles italiano tinha aquela fazenda como se fosse deles, levantava cinco hora da manhã. Cinco e meia, seis hora já tava no leito da roça trabalhando...vinha só na hora que o sol baixava (Maurício, morador de condomínio, 39 anos, ensino médio)

Ao contrário do que se vê nos dados de menor saliência, nas situações em que o verbo da oração possui maior saliência fônica entre as formas plural e singular, há uma diferença numérica de 50% entre o uso da presença e da ausência de concordância verbal (75% de presença e 25% de ausência). Essa diferença contrasta completamente com o cenário visto nas ocorrências de menor saliência, em que há 18% de diferença que separa ausência e presença de CV (59% de presença e 41% de ausência), demonstrando o que também podemos confirmar com os índices de peso relativo dos fatores de saliência referentes à ausência de marcação de pluralidade: a menor saliência tem um peso relativo de índice 0.706 como influenciador na ausência de marcação, enquanto que a maior saliência fônica registra um índice de 0.235, demonstrando que influencia os dados no sentido da presença de CV.

Como segunda variável linguística mais relevante na influência de marcação de pluralidade no verbo em Bonfim está o *paralelismo sintático*. A hipótese era que a ausência de marcação de pluralidade no último elemento do sintagma nominal levaria também à ausência de marcação de pluralidade no verbo nas orações, enquanto que a marcação de pluralidade no último elemento do sintagma nominal levaria à marcação de pluralidade no verbo, como foi comprovado através dos dados (exemplos a seguir).

Tem coisas que, tipo, antigamente, os pais não falavam...tem coisas que os pais não falam com as pessoas...e os youtubers falam, tipo, eles explicam as coisas (Breno, 16 anos, morador de condomínio, ensino fundamental)

Toda segunda e sábado do mês tem o culto de jovens que todos os jovens da igreja vai...da comunidade cristã...e de sábado nois faz célula. As menina pega tipo que nem uma folha assim... elas fica com uma folha assim...á elas fica lendo, sabe? Áí elas manda nois abrir na bíblia e fica... lê um versículo (Julia, 19 anos, bonfinense, ensino médio)

Foram desconsideradas da análise da variável *paralelismo sintático* as orações que apresentaram sujeito posposto, por entendermos que o paralelismo entre a marcação de sujeito do sintagma nominal e, em seguida, do sintagma verbal pode ser influenciada de maneira diferente em casos em que a sintaxe da oração não segue o mesmo padrão. Dessa forma, as 38

ocorrências dos dados de sujeito posposto em Bonfim, 7% das orações, não foram colocadas sob análise por considerarmos que a análise não se aplicava a estes dados.

Tabela 5: Distribuição de uso da ausência de concordância verbal em relação à variável paralelismo sintático na fala dos bonfinenses

	Frequência / Frequência total do fator	Proporção	Peso relativo
Presença de marca de plural no último elemento do SN	115/ 355	32%	0.385
Ausência de marca de plural no último elemento do SN	95/ 121	78%	0.798
Input 0.429	Significância = 0.000	Range = 413	

Fonte: própria

É possível perceber a relevância dessa variável através do *range* de número 413, indicando que a diferença entre os pesos relativos em que há marcação de plural no sujeito (0.385) e em que não há marcação (0.798) é bastante significativa.

Saber apenas a distribuição dos dados em relação a esta marcação variável no sintagma nominal não nos diz sua influência sobre os dados no sintagma verbal. Para isso, portanto, é necessário entender a distribuição dos dados desta variável em relação à variável dependente.

Nas orações em que houve marca de pluralidade no último elemento do sintagma nominal, a grande maioria das ocorrências também apresentou a mesma marca de plural no verbo: das 355 ocorrências em que havia concordância nominal, em 68% dos dados também houve concordância verbal, confirmando a hipótese de que marcas levam a marcas. Já nas orações em que não houve concordância nominal (frequência de 121), 78% das ocorrências também não apresentaram marcação formal de plural no verbo, confirmando que o contrário também é verdadeiro: zeros levam a zeros.

É imprescindível descrever os usos e o tratamento que os falantes de diferentes comunidades fazem dos mesmos contextos linguísticos, mas para interpretar esse tratamento e o uso diferente que fazem é preciso analisar fatores e os valores sociais que cada comunidade possui em relação ao fenômeno. Assim, as análises das variáveis sociais foram separadas da análise das variáveis linguísticas por demonstrarem que influem de forma bastante distinta nas duas diferentes comunidades. Para melhor entender essa influência é importante verificar a relevância que cada variável extralinguística teve na rodada do programa estatístico.

Para a análise dos dados dos bonfinenses, a *escolaridade*, primeiro fator na seleção *step-up* de todo o *corpus*, se refere a três diferentes níveis de escolarização: o nível “ensino fundamental”, o nível “ensino médio” e o nível “ensino superior”. Na tabela 6, é possível perceber que a hipótese de que, conforme aumenta o nível escolar, aumenta também a marcação normativa da CV e que, conforme há menor grau de escolaridade, aumenta a ausência de marcação de CV foi confirmada, principalmente no que se refere à comparação entre o nível fundamental e os níveis médio e superior:

Tabela 6: Ausência no uso da concordância verbal em função da escolaridade na fala dos moradores de Bonfim Paulista

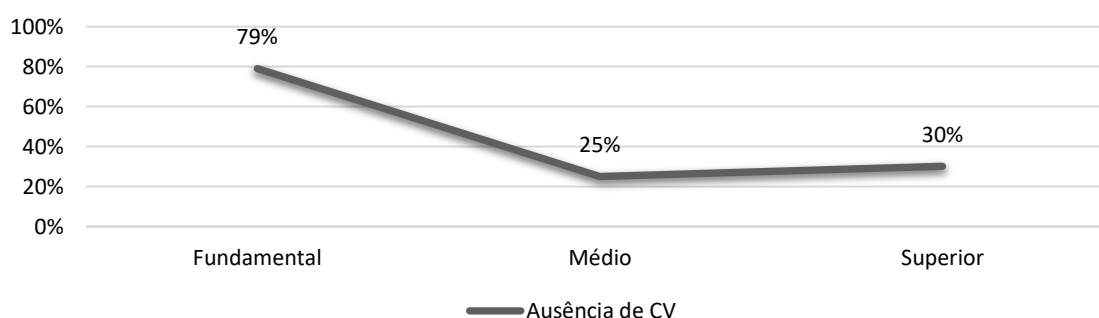
	Frequência / Frequência total do fator	Proporção	Peso relativo
Ensino Fundamental	137/ 173	79%	0.848
Ensino Médio	52/ 206	25%	0.246
Ensino Superior	41/ 135	30%	0.378
Input 0.429	Significância = 0.000	Range = 602	

Fonte: própria

A diferença de marcação de concordância entre os níveis médio e superior é bem menos relevante, com uma diferença de 5 pontos percentuais entre os dois contextos. Já no Ensino Fundamental a influência do mais baixo nível de escolaridade se mostrou muito significativa, sendo o valor do peso relativo da influência do ensino fundamental na ausência de CV numericamente representado por 0.848: maior valor de peso relativo nas análises para os bonfinenses. A influência do Ensino Médio foi representada pelo peso relativo 0.246 e a influência do Ensino Superior pelo peso relativo 0.378, demonstrando que é o fato de possuir apenas o Ensino Fundamental que se correlaciona com a diminuição no uso da marca de plural.

A diferença visível de E. Fundamental em relação aos E. Médio e E. Superior pode ser explicada pela pressão que o sistema escolar exerce nos anos finais da escolarização básica no sentido de exigir dos alunos maior normatividade na escrita e na fala, levando-os a uma aproximação ao padrão, o que pode ser comprovado com os dados observados na Tabela 6 e no Gráfico 4.

Gráfico 4: Proporção do uso da ausência de concordância verbal em diferentes níveis de escolaridade na fala dos moradores de Bonfim Paulista



Fonte: própria

Apesar de que os resultados seguem o que previa a hipótese principal no que diz respeito ao Ensino Fundamental, é possível perceber que há alguma força que faz com que os informantes de Ensino Médio marquem mais o plural que os informantes de Ensino Superior – resultado não esperado: no Ensino Médio, eles marcam a presença de concordância em 75% das ocorrências, número superior ao esperado, já os falantes do Ensino Superior marcaram um pouco menos, um total de 70%. Para saber o porquê disso seria preciso investigar mais a fundo quem são os informantes do Ensino Médio e do Ensino Superior associando-os aos valores sociais da comunidade, verificando o que realmente influencia nesse caso.

O que já é possível prever apenas com uma análise linguística é que há ênfase na ausência de marcação da concordância no que diz respeito aos informantes do Ensino Fundamental, revelando que a escolaridade faz diferença significativa no uso da CV.

Vemos que a escolaridade se revela como fator preponderante, principalmente quando nos referimos ao Ensino Fundamental, no que diz respeito a Bonfim Paulista, e essa situação prova que o processo de marcação de CV está intrinsecamente ligado à escolarização e o que ela carrega consigo – o acesso maior à cultura letrada e à informação.

Na variável *sexo*, apesar de não ter sido selecionada na rodada *step-up*, foram observados os resultados apresentados na Tabela 7. Com os valores percentuais e de número de ocorrências, vemos que os homens marcam menos a pluralidade no verbo numa oração de 3ª pessoa que as mulheres e, portanto, possuem índice de ausência de CV mais alto. Esses resultados, no entanto, por não terem sido selecionados, não são representativos do comportamento dos homens e das mulheres em geral.

Tabela 7: Ausência no uso da concordância verbal em função do sexo em Bonfim Paulista

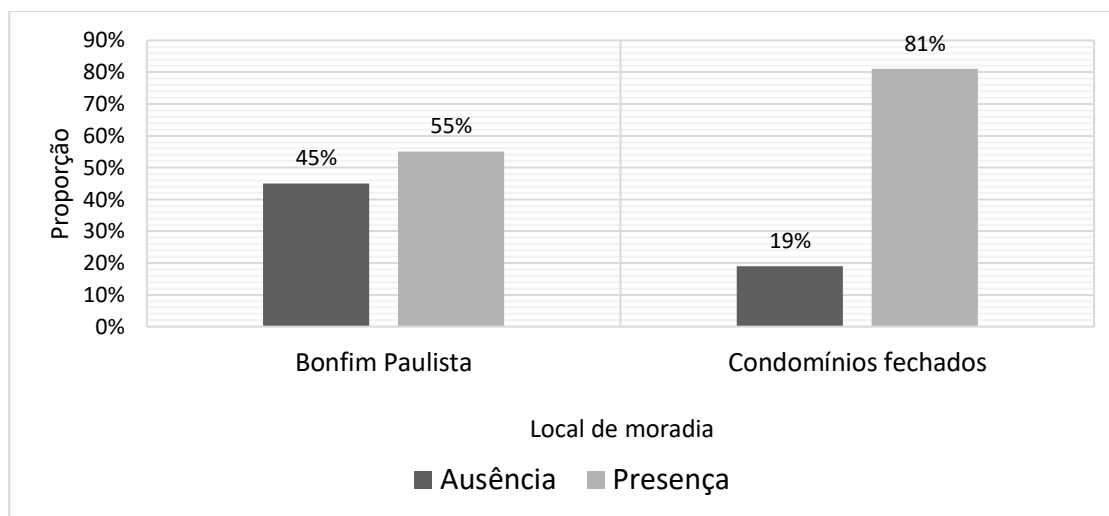
		Frequência / Frequência total do fator	Proporção
Sexo feminino	Ausência de CV	109/ 301	36%
Sexo masculino	Ausência de CV	121/ 213	57%

Fonte: própria

4.3 A LÍNGUA EM USO NOS CONDOMÍNIOS

Da mesma forma que nos dados de Bonfim, as ocorrências nos condomínios foram separadas das demais e submetidas ao programa *GoldVarb X*, obtendo-se a quantidade total de 310 ocorrências de orações em 3ª pessoa em que havia ou não a marcação de pluralidade no verbo. Dessas, apenas 58 são orações de terceira pessoa em que não havia marcação de pluralidade no verbo, ou seja, em apenas 19% dos dados da fala dos moradores de condomínios havia a ausência de concordância verbal – índice bastante baixo se comparado ao mesmo resultado em Bonfim, em que 45% dos dados totais do *corpus* eram de orações sem marcação de plural no verbo.

Como se vê através da exibição dos índices de proporção de uso da concordância (Gráfico 5), é possível afirmar que se trata de um fenômeno variável, embora em níveis bem menores do que se observou na fala dos bonfinenses. Para melhor visualizar a diferença entre os resultados gerais dos dois grupos apresentamos, no Gráfico 5, os índices de ausência e presença de marcação de plural segundo o local de moradia dos entrevistados:

Gráfico 5: Proporção de uso da concordância verbal em relação ao local de moradia

Fonte: própria

Fica claro, através dos índices, que os dois grupos, que dividem o espaço em uma mesma localidade, fazem usos bastante distintos da língua que falam. Esse resultado comprova que, nesta comunidade, ser chamado de bonfinense ou ser identificado como um morador de condomínio carrega diferenças para além do local de moradia das pessoas que ali vivem.

Para entender essa diferença entre os usos linguísticos das duas localidades, verificamos se os mesmos contextos linguísticos atuam da mesma maneira nos dados dos falantes das comunidades. Nesse sentido, para a análise estatística dos dados dos condomínios, apresentamos uma tabela geral do detalhamento da influência das variáveis no uso da ausência de concordância verbal, tanto linguísticas como extralinguísticas, a fim de sintetizar estes resultados.

Como na apresentação da tabela dos resultados de Bonfim, a Tabela 8, que apresenta as ocorrências dos moradores dos condomínios, está organizada de maneira que a primeira variável, no topo da tabela, apareceu como mais relevante na seleção de influência do uso de ausência de CV, a segunda variável como segunda maior influenciadora e assim por diante. As duas últimas variáveis não foram selecionadas pelo programa, sendo excluídas na rodada *step-down*.

Algo semelhante na influência do uso da marcação de concordância verbal na comunidade de fala é o fato de que as mesmas variáveis, posição do sujeito (linguística), e sexo (extralinguística) não foram selecionadas para os dois grupos, como vemos na tabela a seguir.

Tabela 8: Resultado geral do uso da ausência de concordância verbal nos condomínios fechados

	Fator	Frequência de ausência de CV	Frequência total do fator	Proporção de ausência de CV	Peso relativo	Range
Paralelismo sintático	Marcação de CN no último elemento do SN-sujeito	34	265	13%	0.442	453
	Ausência de marcação de CN no último elemento do SN-sujeito	18	29	62%	0.895	
	Ocorrências descartadas	Não se aplica				
Escolaridade	Ensino fundamental	26	113	23%	0.633	445
	Ensino médio	29	115	25%	0.625	
	Ensino superior	3	82	4%	0.188	
Saliência fônica	Maior saliência	26	174	15%	0.397	233
	Menor saliência	32	136	23%	0.630	
Posição do sujeito	Anteposto imediatamente	26	170	15%	Não foi selecionada	
	Anteposto distante	26	124	21%		
	Posposto	6	16	37%		

Sexo	Feminino	23	105	22%	Não foi selecionada
	Masculino	35	205	17%	

Fonte: própria

Nos condomínios, o primeiro fator selecionado, com um range de 453, é o *paralelismo sintático*. O contexto em que há marca de plural no último elemento do sintagma nominal revelou um peso relativo de 0.442 na ausência de marcação de pluralidade verbal e o contexto em que não há marcação de pluralidade nominal revelou um peso relativo de 0.895, demonstrando a forte influência que a ausência de marca de plural no sintagma nominal exerce sobre a ausência de concordância verbal, confirmando a hipótese de que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros também para os moradores de condomínios.

Tabela 9: Distribuição de uso da ausência de concordância verbal em relação à variável *paralelismo sintático* na fala dos moradores de condomínios

	Frequência / Frequência total do fator	Proporção	Peso relativo
Presença de marca de plural no último elemento do SN	34 / 265	13%	0.442
Ausência de marca de plural no último elemento do SN	18 / 29	62%	0.895
Input 0.128	Significância = 0.003	Range = 453	

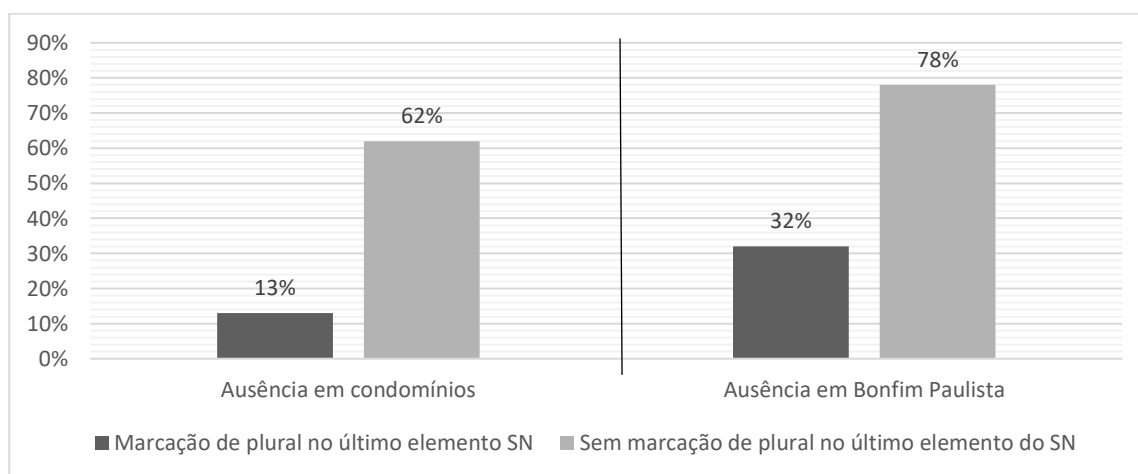
Fonte: própria

A diferença entre as proporções da variável *paralelismo sintático* é ainda maior do que o visto na fala dos moradores de Bonfim, o que demonstra que essa variável possui maior influência na fala de um grupo, os moradores de condomínio, que no outro, os bonfinenses. Ainda assim, quando não há marcação de concordância nominal, os índices de ausência de concordância verbal aumentam, seja em Bonfim ou para os condôminos, enquanto que, quando há a marcação de concordância nominal no último elemento do SN, os moradores de condomínio realizam a mesma marcação no verbo. A ausência de concordância no nome influencia para uma ausência de concordância no verbo, enquanto que a concordância nominal influencia para a concordância verbal (exemplos a seguir). Nesse contexto, a hierarquia de fatores funciona no mesmo sentido para as duas localidades.

A primeira pergunta que as pessoas fazem e às vezes perguntam: “qual condomínio?”...é a pergunta que as pessoas mais fazem, assim (Isabel, moradora de condomínio, 42 anos, ensino superior)

Tem pessoas que são...com mais idade, assim, que gostam de mais sossego. Eu acho que eles não devem gostar muito não (Maurício, morador de condomínio, 39 anos, ensino médio)

Gráfico 6: Proporção de uso de ausência de marcação de concordância verbal associada à variável paralelismo sintático em relação ao local de moradia



Fonte: própria

Para a variável *saliência fônica* entre as formas singular e plural dos verbos, segunda selecionada como relevante na marcação de concordância verbal, há os contextos de maior ou menor saliência fônica. A hipótese de que a menor saliência levaria a um aumento no uso da ausência de marcação de plural se comprovou (exemplos a seguir): no contexto de menor saliência, 32 ocorrências ou 23% foram de ausência de concordância verbal, o que diminuiu quando há o contexto linguístico de maior saliência verbal, em que 26 ocorrências ou 15% dos dados aparecem sem pluralidade formal no verbo.

Meus amigos que eu super confio, que eu sei que eu tenho pra mim, são todos de infância. Tipo, mas não são muitos, não são todos. Tem amigo que eu fiz com dois anos de idade e ta aí até hoje. (Olívia, 38, bonfinense, ensino superior)

Sempre seu pai e sua mãe vai tá falando o certo mas tem vez que eles... não pensa um pouco...eles fala uma coisa que vai mais pela maioria (Breno, 16 anos, morador de condomínio, ensino fundamental)

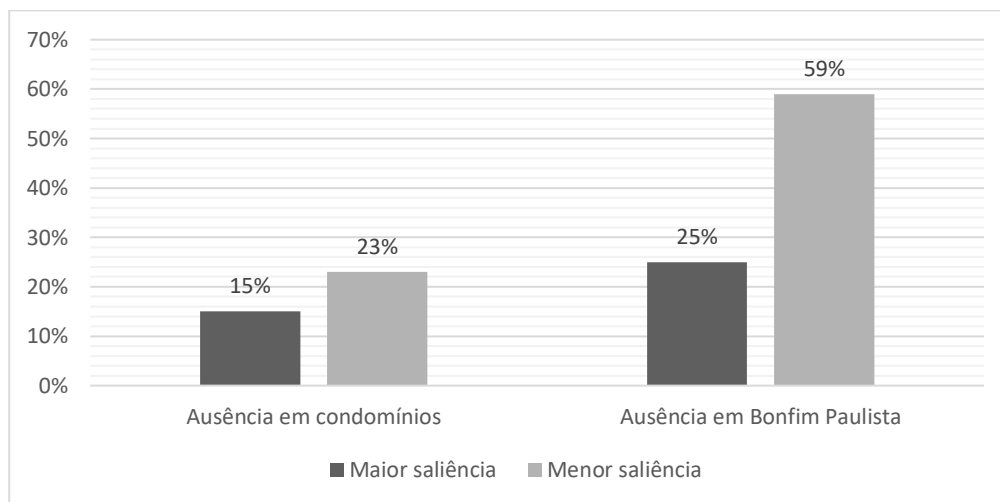
Tabela 10: Distribuição de uso da ausência de concordância verbal em relação à variável saliência fônica na fala dos moradores de condomínios

	Frequência / Frequência total do fator	Proporção	Peso relativo
Maior saliência fônica	26/ 174	15%	0.397
Menor saliência fônica	32/ 136	23%	0.630
Input 0.128		Significância = 0.003	Range = 233

Fonte: própria

Comparando os resultados de Bonfim e dos condomínios (Gráfico 7), no que diz respeito à saliência fônica, vemos que a ausência de pluralidade no verbo em contexto de menor saliência cresce nos condomínios de forma muito menor do que cresce em Bonfim, demonstrando que esse é um fator linguístico relevante mais para uma comunidade que para outra.

Gráfico 7: Proporção de uso da ausência de marcação de concordância verbal associada à variável saliência fônica em relação ao local de moradia

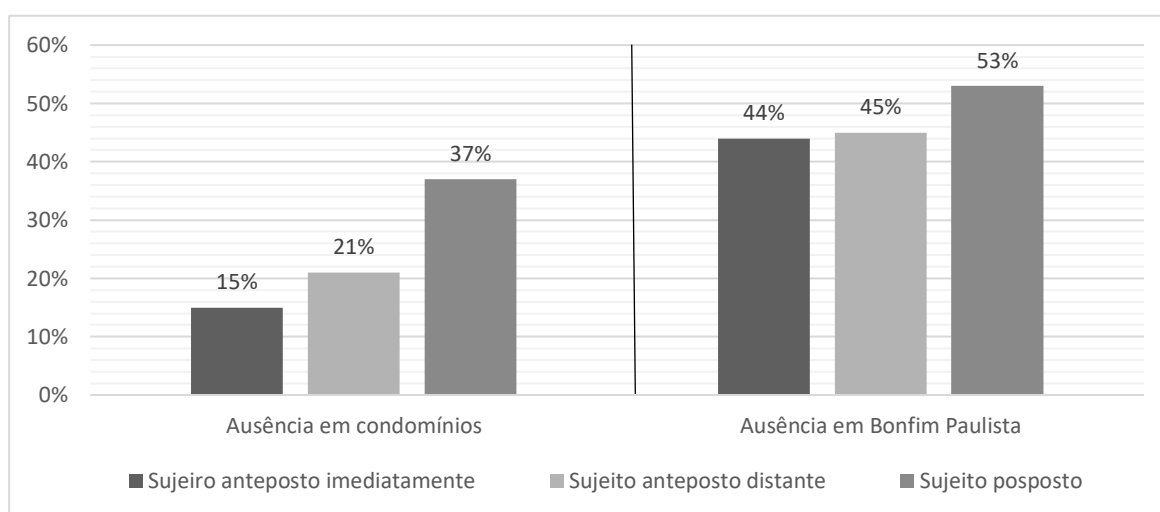


Fonte: própria

Dessa forma, o fato de o verbo ter saliência fônica menor em sua oposição entre as formas singular e plural é menos relevante para os moradores de condomínios que para os bonfinenses; nesse caso, o que é relevante é sua característica de marcar a pluralidade no verbo, independentemente da saliência. Já em Bonfim, a saliência fônica possui uma força de influência maior, mostrando sua atuação na realização de uma ou outra variante.

A variável *posição do sujeito* não foi selecionada como fator de influência significativa na marcação de pluralidade no verbo para os condomínios, assim como aconteceu em Bonfim. Ainda assim, nos dados coletados com os condôminos, a posição do sujeito parece ter atuado de forma mais pontual: em contextos de anteposição imediata do sujeito ao verbo os casos de ausência de concordância são mínimos, 26 ocorrências, 15% dos dados. Em Bonfim, a proporção teve índices muito maiores no mesmo contexto: 44%.

Gráfico 8: Proporção de uso da ausência de marcação de concordância verbal associada à variável posição do sujeito em relação ao local de moradia



Fonte: própria

Já em contextos de sujeitos antepostos distantes, os moradores de condomínios fazem um uso pouco maior, em termos proporcionais, da ausência de concordância em relação ao contexto de sujeito anteposto imediatamente: 26 ocorrências que contabilizam 21% dos dados; ou seja, conforme o sujeito e o verbo se distanciam a ausência de marcação de pluralidade cresce, como esperado. Em Bonfim, diferentemente do que acontece nos condomínios, o fato de o sujeito ser anteposto imediatamente ou anteposto distante não revela influência significativa: nos dois contextos, no entanto, a proporção de ausência de concordância é mais alta em relação às proporções de uso dos condomínios.

No contexto de sujeito posposto, os valores de ausência crescem ainda mais: as 6 ocorrências representam um total de 37% dos dados. A ausência em números percentuais cresceu 6 pontos percentuais de anteposto imediatamente para anteposto distante e 16 pontos percentuais de sujeito anteposto distante para sujeito posposto – crescimento esperado.

Comparando aos resultados de Bonfim, houve crescimento de apenas 8 pontos percentuais da ausência de CV entre os contextos de anteposição distante do sujeito e de sujeito posposto de apenas 8 pontos percentuais – resultado que demonstra que para o falar dos bonfinenses, a variável posição parece não ter efeito na marcação de concordância, enquanto que para os moradores de condomínios, a posição do sujeito é influência bastante significativa.

Para os dados dos condomínios, das duas variáveis sociais estratificadas, o programa estatístico selecionou apenas uma variável como relevante – o mesmo que aconteceu para os bonfinenses.

O fator que foi descartado pelo programa por não ser relevante em sua influência na marcação de pluralidade foi o *sexo*. Podemos perceber, então, que o fato de ser mulher ou o fato de ser homem não influencia na marcação de concordância verbal, seja em Bonfim, seja nos condomínios fechados. O exposto pode ser observado na Tabela 11.

Tabela 11: Ausência no uso da concordância verbal em função do sexo em condomínios fechados

		Frequência / Frequência total do fator	Proporção
Sexo feminino	Ausência de CV	23/ 105	22%
Sexo masculino	Ausência de CV	35/ 205	17%

Fonte: própria

Vemos que quase não há diferença entre as proporções de ocorrências dos dois diferentes sexos: houve 22% de ausência de concordância na fala feminina e 17% de ausência na fala masculina, diferença de apenas 5 pontos percentuais.

Já no que diz respeito à variável selecionada como relevante, a *escolaridade*, foi possível auferir um range de 445, demonstrando grande influência da variável social nos usos linguísticos. Vemos, através da exibição da Tabela 12, a pouca quantidade de ocorrências de ausência de marcação de pluralidade em todos os níveis de escolaridade, mas principalmente no ensino superior, em que aconteceram apenas três ocorrências.

Tabela 12: Ausência no uso da concordância verbal em função dos graus de escolaridade nos condomínios fechados

	Frequência / Frequência total do fator	Proporção	Peso relativo
Ensino Fundamental	26/ 113	23%	0.633
Ensino Médio	29/ 115	25%	0.625
Ensino Superior	3/ 82	4%	0.188
Input = 0.128	Significância = 0.003	Range = 445	

Fonte: própria

Olhando para as proporções, os índices continuam baixos: 23% de ausência para o ensino fundamental, 25% para o ensino médio e 4% de ausência para o nível mais alto de escolaridade na pesquisa. Percebemos, então, a influência dos diferentes graus de escolarização na marcação de concordância: como a hipótese previa, o maior grau de escolaridade possui o menor grau de ausência de concordância verbal.

As três ocorrências em que não há marcação de plural no verbo realizadas por três diferentes informantes moradores de condomínios com o ensino superior completo são, portanto, completa exceção. Entretanto, é possível perceber que, na ocorrência (1), o entrevistado parece concordar o verbo da oração com o sujeito “o pessoal mais tradicional”, no singular, sobre o qual o sujeito pronominal “eles”, no plural, faz referência. Já na ocorrência (2), em meio a uma produção de fala cortada algumas vezes pela própria informante, o sujeito fica indeterminado e posposto, o que pode levar à ausência de concordância. Em (3), assim como em (1), a entrevistada parece concordar o verbo “fica” com o sujeito anterior, “a moçadinha que entra lá”.

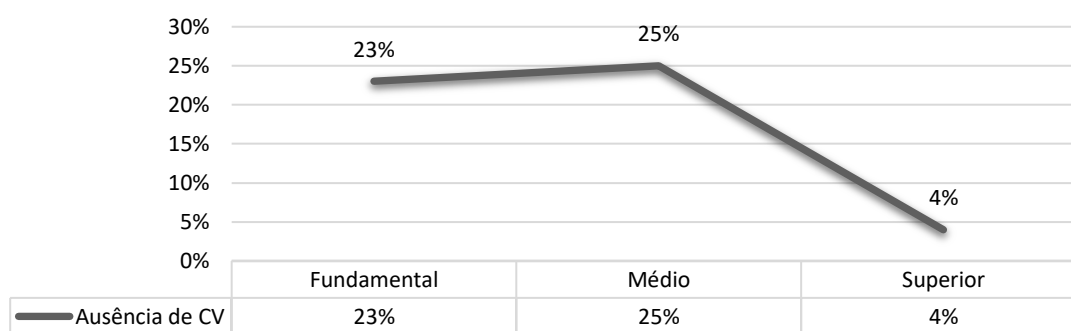
Tem essa diferença...o pessoal do condomínio é uma geração mais nova...que é de Bonfim, assim, que são filho de... que nasceram em Bonfim mesmo, e tem o pessoal mais tradicional... o pessoal mais tradicional é... só usa roupa, tipo assim, básica, pessoal mal sai de Bonfim, assim, eles procura resolver tudo em Bonfim... eu conheço muita gente assim, inclusive da família que não dirigia pra ir pra Ribeirão (Vanessa, moradora de condomínio, 37 anos, ensino médio)

Então, ainda não entrei lá com vizinho... a gente tá começando a conhecer, assim.. o Léo conhece uma, duas pessoas lá no.... Até porque, é um condomínio que tá crescendo...tá... tá subindo as casas agora. Então tem a nossa... sabe quantas moradoras? Assim, tem UMA moradora no condomínio! Uma casa...assim de moradora mesmo, já morando... NÃO, duas na verdade, dois...mas assim, a maioria das casas tá subindo agora. Nossa casa ficou pronta, agora começou assim a subir de repente começou a...a querer povoar o condomínio. Assim, as

peças tão querendo, realmente construindo... então tá subindo agora umas três quatro casas, mas por enquanto, pronto mesmo tem a nossa casa mais duas. (Vanessa, moradora de condomínio, 37 anos, ensino médio)

Cara, na minha profissão é o que a molecada mais quer (ter status)...É... que nem... [inaudível] ele trabalha com auditoria, né, então a moçadinha que entra lá, os treinees assim, já acha que é...que é A COISA (Olívia, 38, bonfinense, ensino superior)

Gráfico 9: Efeito dos diferentes níveis de escolaridade no uso da concordância verbal nos condomínios fechados



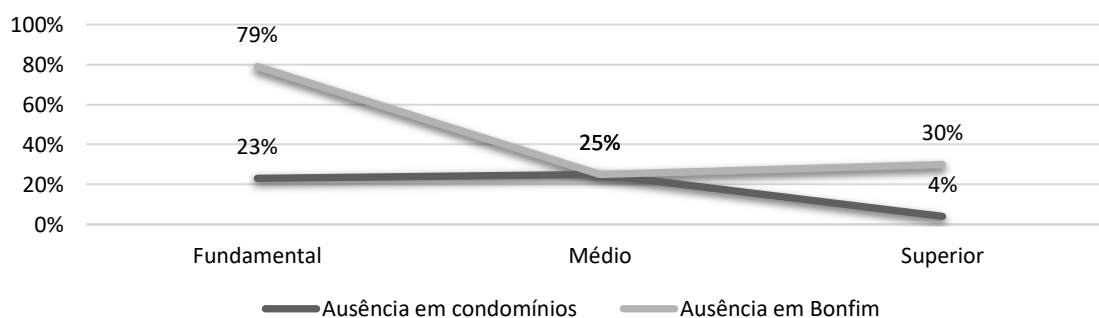
Fonte: própria

Se relembarmos os dados de Bonfim, verificamos que os informantes do Ensino Médio produziam 5 pontos percentuais mais de ausência de concordância verbal que os informantes do Ensino Superior – ou seja, o fato de ser do Ensino Médio ou do Ensino Superior pouco importava, o que era realmente relevante para que aumentasse o número e consequentemente a proporção de ausências era o fato de ser do Ensino Fundamental. É curioso, no entanto, que algo similar acontece nos condomínios, porém de maneira inversa: nos condomínios fechados os informantes do Ensino Médio produziram quase a mesma quantidade de ausências de CV que os informantes do Ensino Fundamental – ou seja, o fator que é realmente relevante e que influencia o uso de marcação de concordância é o Ensino Superior; neste caso, no entanto, o Ensino Superior influencia o uso para a marcação de concordância, tornando os resultados quase categóricos pois quase não há casos de falantes do Ensino Superior que produzam a ausência de CV.

Nos condomínios, a diferença entre as proporções de ausência de concordância nos ensinos fundamental e médio é de apenas 2 pontos percentuais, o que significa que não faz diferença possuir o Ensino Fundamental ou o Médio, nos dois graus os níveis de ausência serão similares.

No contraste entre as duas localidades e os diferentes graus de escolaridade no que diz respeito à ausência de marcação de plural no verbo, é interessante perceber que, apesar de que no Ensino fundamental e no Ensino superior os usos de marcação de concordância são completamente díspares e caminham para oposições totais, nos dados do Ensino Médio das duas localidades houve quantidade proporcional de ausência de marcação, 25%. Isso demonstra que, para os informantes do Ensino Médio, pouco importa para seu uso linguístico morar em condomínios fechados ou na vila, a marcação de concordância é influenciada por outros fatores, como podemos conferir no Gráfico 8:

Gráfico 10: Efeito dos diferentes níveis de escolaridade no uso da concordância verbal por local de moradia



Fonte: própria

É pertinente, também, ressaltar que em todo o ensino regular oferecido pela escola, seja no Ensino Fundamental ou Médio, a gramática com que se tem contato é a normativa, tanto pelos livros didáticos utilizados quanto pelos professores. Esse contraste visível entre o que aprendemos sobre gramática e o português do dia a dia parece não existir na escola e, assim, não somos incentivados a pensar na língua, em sua estrutura, em seu poder e em suas finalidades. Somos condicionados, simples e puramente, a obedecer às regras ali prescritas para provarmos nossa competência como seres pensantes.

Como se observou, as duas localidades apresentaram como relevantes as mesmas variáveis, tanto linguísticas como extralinguísticas. A ordem em que cada variável foi selecionada pelo programa estatístico, entretanto, não coincide – o que nos demonstra que a relevância dessas variáveis é distinta para cada um dos grupos.

5. AVALIAÇÕES E ATITUDES LINGUÍSTICAS EM BONFIM PAULISTA

Fico meio confusa, não sei como trato Bonfim: bairro, cidade, nem sei dizer como é a administração... eu misturo, bairro, cidadezinha do lado, próxima. No meu prédio em Ribeirão todo mundo me pergunta “pra onde você tá mudando?”. Eu falo “to mudando pra Bonfim”. O pessoal às vezes quer saber qual condomínio. “Mas é condomínio?”. “Você vai pra condomínio?” é a primeira pergunta. Ou então pergunta já qual condomínio que é. Dizem “ah, mas você tá indo pra condomínio, né?”. É a pergunta que as pessoas mais fazem, assim...mas eu falo, eu sinto que tô indo pra um bairro de Ribeirão, entendeu? É aqui do lado (Isabel, 42 anos, moradora de condomínio, ensino superior)

Conforme o exposto na seção 2.3, as atitudes linguísticas são atividades mentais ou reativas por meio das quais acreditamos que as avaliações e crenças linguísticas são exteriorizadas, “são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado” (TARALLO, 1985, p.14). Assim, é através dessa atividade de demarcar um espaço como sendo seu (e não de outro), ou um grupo social diferente dos demais, que as avaliações linguísticas vêm à tona.

Dessa forma, as respostas aos testes de atitude linguística realizados para a pesquisa puderam dar valiosas pistas para o entendimento da comunidade, dos grupos sociais ali presentes e dos valores sociais desses grupos. Através deles, informações sobre a identidade social dos grupos da comunidade puderam ser analisadas e relacionadas aos diferentes usos linguísticos.

Nas entrevistas sociolinguísticas do trabalho foi possível identificar diversos comentários feitos a respeito das diferentes visões que um grupo tem acerca de outro. Essas informações, apesar de serem reportadas como anônimas no trabalho escrito, exigiram do entrevistado uma exposição pessoal à pesquisadora. Todos deram suas opiniões e puderam expressar suas impressões sobre a comunidade tendo ciência de que sua identidade seria preservada no trabalho, entretanto, apenas o fato de expor opiniões frente a alguém numa posição de informante, de entrevistado, pode influenciar na modalização de algumas opiniões e posicionamentos. Expor uma opinião pessoalmente a uma pesquisadora é diferente de expô-la *online*, de maneira completamente anônima, também para a pesquisadora.

Dessa forma, foi possível conseguir informações sobre a identidade dos grupos da comunidade não só por seus usos linguísticos, mas pelos apontamentos que fazem de si e dos outros – tanto com os resultados dos testes de atitude e avaliação quanto através dos comentários e das falas dos informantes na entrevista sociolinguística.

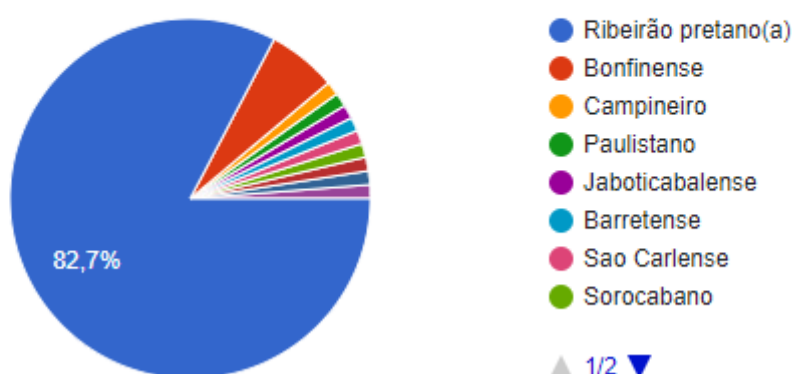
No teste de atitude, antes que os valores sociais fossem associados ao falar dos bonfinenses e dos moradores de condomínio em Bonfim Paulista, uma seção anterior foi feita para colher informações sobre os respondentes do teste como: sua escolaridade, idade, local de moradia, sexo e profissão. O teste foi divulgado através das redes sociais da pesquisadora e em grupos nas redes sociais de pessoas que moram em Bonfim Paulista. Assim, foi divulgado para moradores de condomínios, para bonfinenses e para moradores de Ribeirão Preto como um todo, a fim de perceber como são vistos os diferentes grupos da comunidade em questão.

O teste online recebeu 81 respostas das quais 12 são respostas de pessoas que residem, hoje, em Bonfim Paulista. Há, também, 8 indivíduos que moram em Ribeirão Preto porém não se consideram nem ribeirão-pretanos nem bonfinenses: há um barretense, um campineiro, um catanduvense, um goiano, um jaboticabalense, um paulistano, um são carlense e um sorocabano. Todos eles, no entanto, conhecem a realidade bonfinense por residirem, hoje, em Ribeirão Preto. A questão aberta “você se considera...” foi, portanto, representada por 82,7% dos dados de ribeirão-pretanos e 6,2% dos dados de bonfinenses, conforme representado no Gráfico 11.

Gráfico 11: Resultado da questão “Você se considera...?”

Você se considera

81 respostas



Fonte: própria

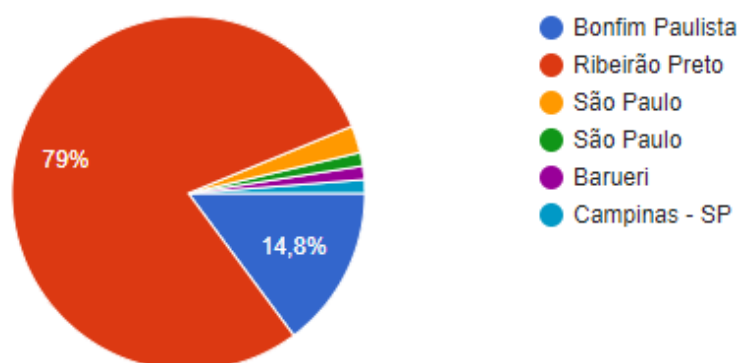
Já para a questão aberta “você reside na área de...” foram coletadas 79% das respostas de indivíduos que residem em Ribeirão Preto e 14,8% de respostas de indivíduos que residem

na área de Bonfim Paulista. Há 3 pessoas que residem hoje em São Paulo, uma que residem em Campinas e uma que reside em Barueri, mas que se consideram ribeirão-pretanos.

Gráfico 12: Resultado da questão “Você reside na área de...?”

Você reside na área de

81 respostas



Fonte: própria

Dos 12 respondentes que residem na área de Bonfim Paulista, 5 se consideram bonfinenses (em azul na tabela) e 7 se consideram ribeirão-pretanos (em cinza na Tabela 13). Todos os informantes que se consideram bonfinenses residem em casas em Bonfim, enquanto que 5 dos informantes que se consideram ribeirão-pretanos são moradores de condomínio em Bonfim Paulista. Apenas dois informantes se consideram ribeirão-pretanos e moram na área central de Bonfim Paulista (em verde na tabela).

A identificação dos moradores do centro de Bonfim com a identidade bonfinense fica evidente frente a esse resultado que demonstra que, dos 7 moradores da área central de Bonfim, 5 não se consideram ribeirão-pretanos, mas bonfinenses. A identidade como bonfinense só é deixada de lado por dois dos sete indivíduos. Além disso, conforme esperado, todos os respondentes que residem em condomínios fechados em Bonfim não se consideram bonfinenses, associando-se muito mais ao município de Ribeirão Preto.

Três bonfinenses que responderam ao teste correspondem à faixa etária dos 15 aos 25 anos; um bonfinense possui de 26 a 35 anos e outro possui mais de 55 anos. O indivíduo de mais de 55 anos é do sexo masculino e possui o ensino médio incompleto. Já o de 26 a 35 anos é do sexo masculino e possui pós-graduação. Dos três informantes da faixa etária dos 15 a 25

anos, dois são do sexo feminino e possuem ensino superior incompleto; o outro informante é do sexo masculino e possui pós-graduação.

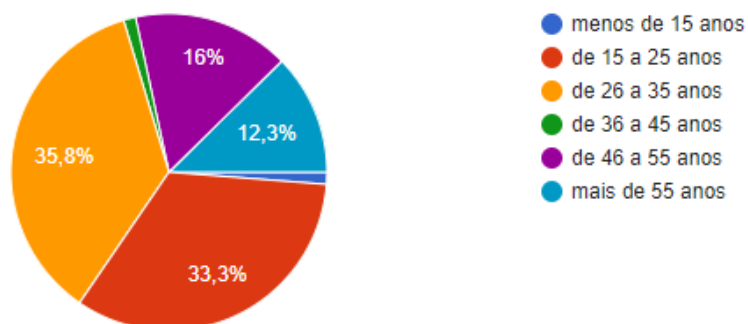
Dos dois respondentes do teste que moram em Bonfim Paulista, mas se consideram ribeirão-pretanos, um é do sexo feminino e possui ensino superior incompleto e um do sexo masculino e possui pós-graduação.

Tabela 13: Bonfinenses e moradores de condomínio – perfil dos respondentes

Idade	Escolaridade	Sexo	Identidade	Tipo de moradia	Local de residência
de 15 a 25 anos	Ensino superior incompleto	Feminino	Ribeirão-pretano(a)	Condomínio fechado	Bonfim Paulista
de 26 a 35 anos	Pós-graduação	Masculino	Ribeirão-pretano(a)	Condomínio fechado	Bonfim Paulista
de 26 a 35 anos	Pós-graduação	Feminino	Ribeirão-pretano(a)	Condomínio fechado	Bonfim Paulista
de 46 a 55 anos	Ensino superior completo	Feminino	Ribeirão-pretano(a)	Condomínio fechado	Bonfim Paulista
mais de 55 anos	Pós-graduação	Masculino	Ribeirão-pretano(a)	Condomínio fechado	Bonfim Paulista
de 15 a 25 anos	Ensino superior incompleto	Feminino	Bonfinense	Casa	Bonfim Paulista
de 15 a 25 anos	Ensino superior incompleto	Feminino	Bonfinense	Casa	Bonfim Paulista
de 15 a 25 anos	Ensino médio completo	Feminino	Bonfinense	Casa	Bonfim Paulista
de 26 a 35 anos	Pós-graduação	Masculino	Bonfinense	Casa	Bonfim Paulista
mais de 55 anos	Ensino médio incompleto	Masculino	Bonfinense	Casa	Bonfim Paulista
de 26 a 35 anos	Pós-graduação	Masculino	Ribeirão-pretano(a)	Apartamento	Bonfim Paulista
de 46 a 55 anos	Ensino superior incompleto	Feminino	Ribeirão-pretano(a)	Casa	Bonfim Paulista

Fonte: própria

O quadro geral de respondentes do teste de acordo com sua faixa etária está representado no Gráfico 12 em que 29 pessoas possuem de 26 a 35 anos, 27 pessoas de 15 a 25 anos, 13 pessoas de 46 a 55 anos, 10 pessoas com mais de 55 anos, 1 pessoa com menos de 15 anos e 1 pessoa de 36 a 45 anos:

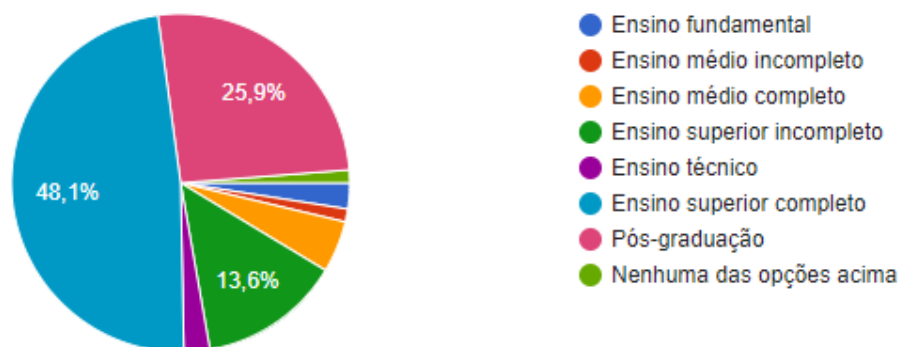
Gráfico 13: Resultado da questão “Quantos anos você tem?”**Fonte:** própria

Quanto aos diferentes graus de escolaridade dos respondentes do teste, foi possível auferir a quantidade de 39 indivíduos com ensino superior completo, 21 pós-graduados, 11 com o ensino superior incompleto, 4 com o ensino médio completo, 2 com o ensino técnico, 2 com o ensino fundamental, 1 com o ensino médio incompleto e 1 respondente que não se enquadrava em nenhuma destas opções selecionáveis, conforme representado no Gráfico 13.

Gráfico 14: Resultado da questão “Qual o nível de escolaridade mais alto você completou?”

Qual o nível de escolaridade mais alto que você completou?

81 respostas

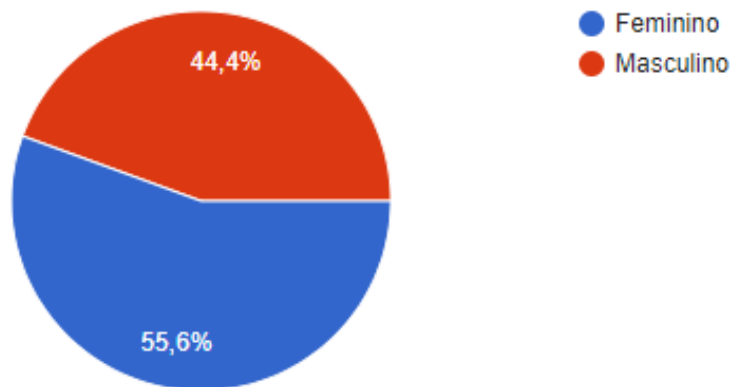
**Fonte:** própria

Desses dados, há 45 indivíduos do sexo feminino e 36 indivíduos do sexo masculino:

Gráfico 15: Resultado da questão “De qual sexo você é?”

De qual sexo você é?

81 respostas



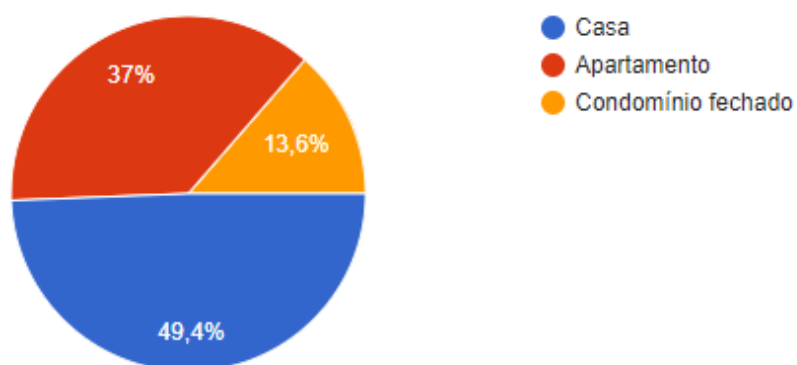
Fonte: própria

Além disso, dos 81 entrevistados, 49,4% dizem residir em casas, 37% em apartamentos e 13,6 em condomínios fechados:

Gráfico 16: Resultado da questão “Em qual tipo de moradia você reside atualmente?”

Em qual tipo de moradia você reside atualmente?

81 respostas



Fonte: própria

Do número geral de respondentes (81 indivíduos), os resultados gerais demonstram um olhar que representa o senso comum a todos os grupos da comunidade (moradores de condomínio em Bonfim, bonfinenses e ribeirão-pretanos). Assim, ao solicitar do respondente

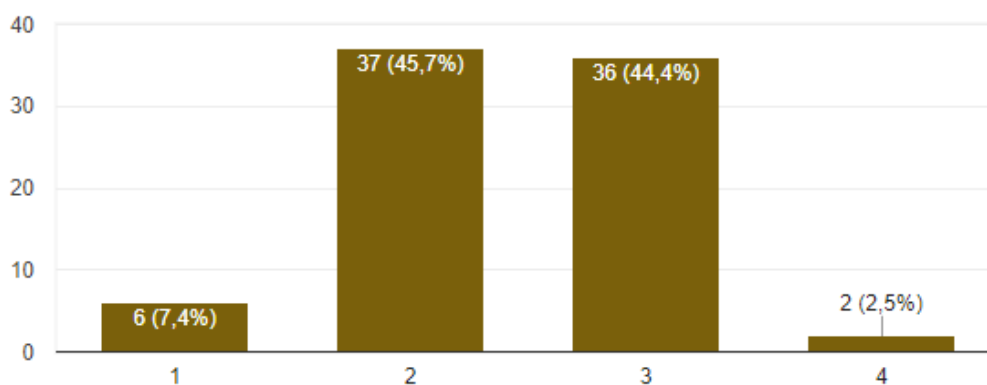
que associasse Bonfim Paulista a diversas características, obtivemos os resultados gerais apresentados a seguir.

Quanto a adjetivação Rico/Pobre, em que o número 1 representa “rico”, 2 “um pouco rico”, 3 “um pouco pobre” e 4 “pobre”, foi possível perceber que a opinião dos respondentes ficou bastante dividida entre 2 e 3. A maioria das pessoas não considera, portanto, Bonfim Paulista nem como uma área muito rica, nem muito pobre.

Gráfico 17: Resultado geral da escala Rico/Pobre

Para você, como é Bonfim Paulista?

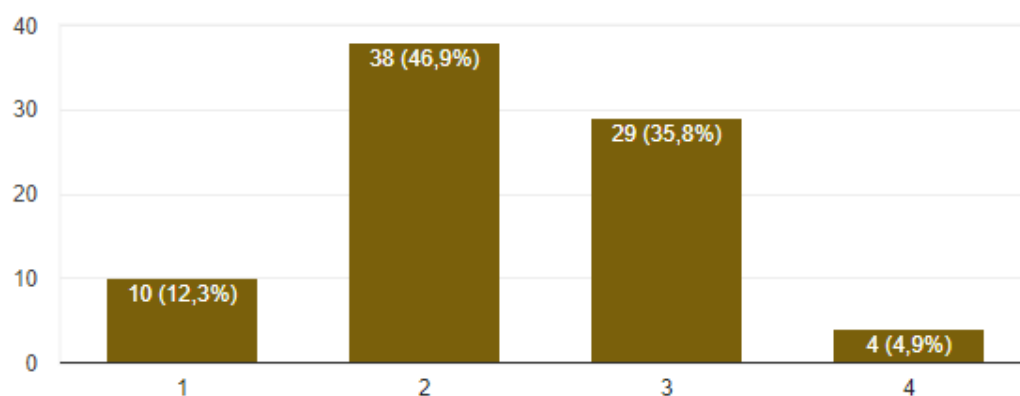
81 respostas



Fonte: própria

Quanto ao aspecto “beleza”, em que 1 representa “bonito”, 2 “um pouco bonito”, 3 “um pouco feio” e 4 “feio” os resultados obtidos apontam que os respondentes acreditam que Bonfim seja um lugar mais bonito que feio, dando à região uma avaliação positiva geral.

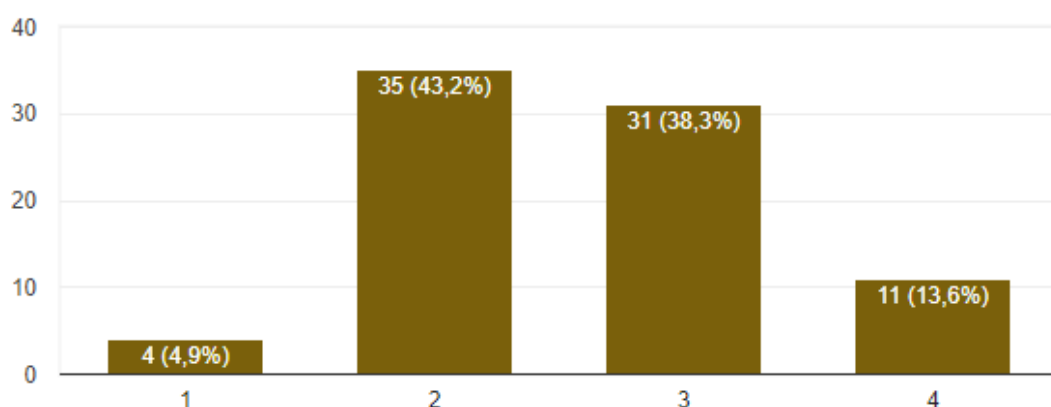
Gráfico 18: Resultado geral da escala Bonito/Feio



Fonte: própria

Já no que diz respeito ao *contínium* Rural/Urano em que 1 é Rural e 4 é Urbano, os respondentes associaram, em maioria, o distrito à ruralidade, conferindo a adjetivação de “um pouco rural” a 35 das 81 respostas (43% do *corpus*), confirmando a memória histórica local associada ao local rural e à imagem de Bonfim associada à natureza bucólica até os dias de hoje.

Gráfico 19: Resultado geral da escala Rural/Urano



Fonte: própria

Apesar do expressivo resultado que associa Bonfim à ruralidade, obtivemos, também, outro resultado expressivo: 31 respondentes (38% do total) associaram Bonfim Paulista à opção “um pouco urbano” – o que demonstra que o estado atual do distrito é resultado de uma transição (nunca completada) do rural para o urbano. O exposto é comprovado, também, com a associação de 14% dos resultados ao extremo “urbano”.

A ruralidade associada a Bonfim Paulista como um todo também foi percebida em diversos trechos das entrevistas sociolinguísticas feitas aos 24 participantes do estudo. Nessas falas, a associação do distrito com o meio rural fica bastante evidente, no entanto, essa associação é encarada e avaliada pelos informantes de maneiras diferentes: há quem perceba essa relação de maneira positiva (rural como espaço em que há relacionamento de confiança, troca direta entre vizinhos) ou de maneira negativa (a ruralidade associada a um rechaço de quem vive no meio urbano). É possível perceber através dos trechos:

Em Bonfim as pessoas têm mais relacionamento de confiança... ainda é meio rural aqui e isso é muito bom. Eu morava em apartamento e tinha gente que eu ficava dias sem nem ver, com aquela rotina você não encontra. (Maurício, morador de condomínio, 39 anos, ensino médio)

Quando você fala que mora em Bonfim o pessoal fala “nossa, mas você mora em Bonfim?” porque o pessoal acha que a gente mora nos condomínios chiques lá da entrada... é o extremo, ou é “Bonfim, nossa que chique” ou “nossa que rural”, tem essas duas reações. (Maurício, morador de condomínio, 39 anos, ensino médio)

No segundo trecho, a associação de Bonfim com um status financeiro ou social representado pela palavra “chique” é associada exclusivamente aos condomínios fechados – o símbolo de riqueza mais associado a Bonfim Paulista nos dias de hoje. Morar em condomínio é, portanto, ser chique, ter status. Quando o ouvinte, estrangeiro ao distrito, desconfia, no entanto, que se trata do centro de Bonfim Paulista, a associação feita à região é a ruralidade – vista, muitas vezes, de maneira negativa. Fica claro, portanto, que a área central de Bonfim é associada a um conceito negativo de ruralidade pelos moradores de outras localidades que não Bonfim Paulista. De maneira contrária, para quem ali vive, de acordo com o primeiro trecho, a ruralidade é vista como característica positiva, associada ao bom relacionamento entre clientes e vendedores do comércio local e a boa relação com a vizinhança conhecida.

Outra associação positiva feita em relação à ruralidade aparece na nomeação de lugares bucólicos – trechos que surgiram em diversas falas de informantes nas entrevistas sociolinguísticas fazendo referência a um local bucólico. Para diversos deles, por exemplo, há a associação clara entre morar em um condomínio fechado em Bonfim e obter qualidade de vida mais bucólica, o que foi percebido através de comentários como:

Pra mim (morar em condomínio) tem essa sensação boa de liberdade de morar em casa, de interior, indo pra perto do céu, sossego, paz, jardim.

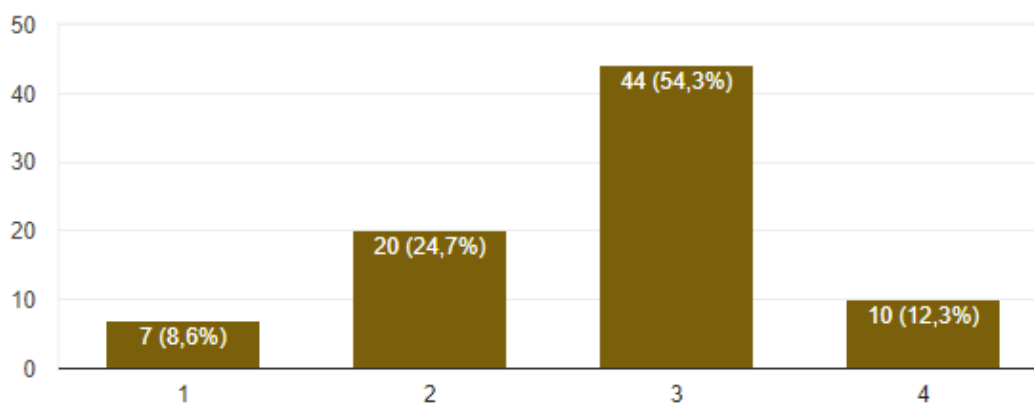
É um negócio... condomínio sossegado, tem muita natureza, muito pássaro (Isabel, moradora de condomínio, 42 anos, ensino superior)

Há também associações mais particulares de Bonfim Paulista como um lugar próximo à natureza, como a feita por uma informante que mora hoje em um condomínio fechado, mas conheceu Bonfim Paulista alguns anos antes, através da história de sua mãe:

Minha mãe ficou doente por 10, 15 anos e a doença vinha e voltava... aí ela foi preparando o terreno da família, o túmulo e ela escolheu Bonfim porque amou o cemitério de Bonfim. Ele é lindo, é alto, cemitério de interiorzinho, tem vista...e ela sempre gostou de natureza e se apaixonou por esse cemitério. (Isabel, moradora de condomínio, 42 anos, ensino superior)

Quanto à oposição Novo/Antigo, os respondentes foram mais categóricos ao caracterizar Bonfim Paulista: 54,3% dos respondentes associaram a região ao adjetivo “um pouco antigo” e apenas 8% das respostas seguiam o raciocínio de que Bonfim é considerada região “nova”.

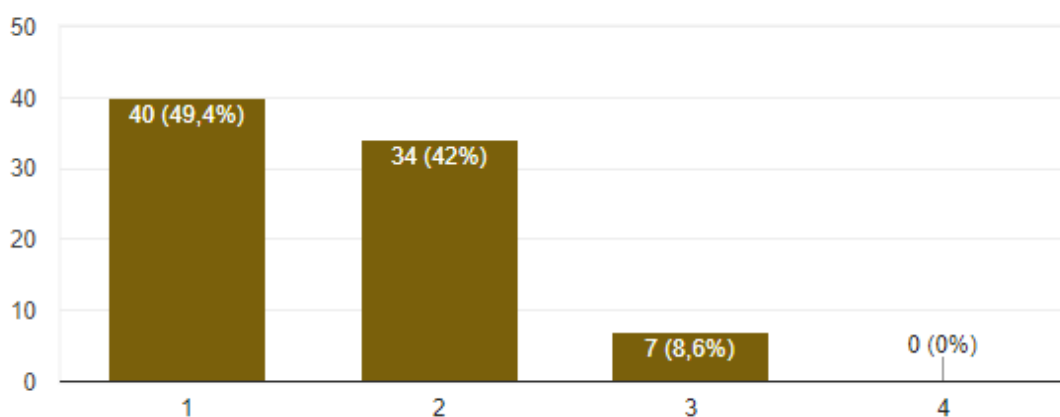
Gráfico 20: Resultado geral da escala Novo/Antigo



Fonte: própria

Um consenso maior pode ser observado no que diz respeito à associação de Bonfim Paulista ao *continuum* Pacato/Agitado, sendo 1 considerado pacato e 4 agitado, já que nenhuma pessoa associou Bonfim Paulista ao adjetivo “agitado”. Nesse sentido, 40 informantes disseram considerar Bonfim um lugar pacato.

Gráfico 21: Resultado geral da escala Pacato/Agitado



Fonte: própria

Outras 34 pessoas marcaram a opção que dizia respeito ao adjetivo “um pouco pacato”, demonstrando que Bonfim é mais visto associado à tranquilidade, a uma localidade em que não há agitação. A sensação de tranquilidade, de lugar calmo, pacato, foi observada também a partir comentários dos entrevistados na pesquisa:

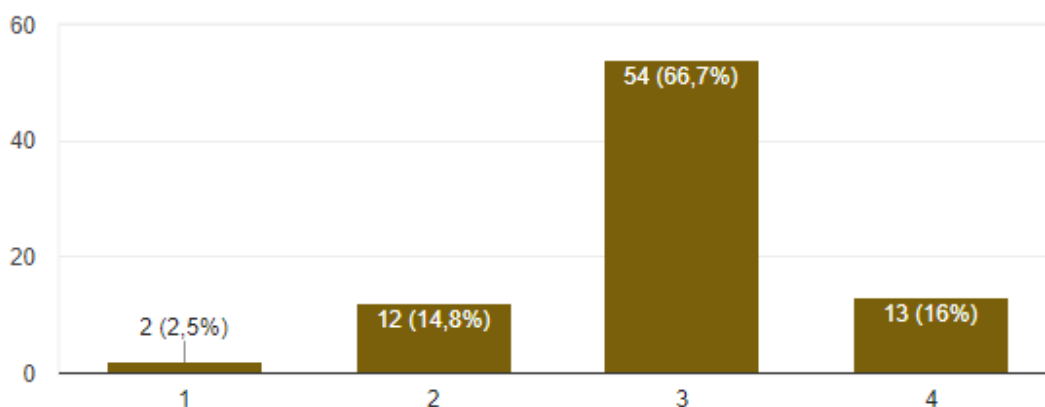
Quando eu penso em Bonfim me vem toda essa ideia de “ah, vamos ter uma vida tranquila, mais sossego, mais qualidade de vida num outro ritmo, atividade física, lazer... acho que é essa associação que eu faço quando eu digo que to indo pra Bonfim (Isabel, moradora de condomínio, 42 anos, ensino superior)

Eu sinto que tem uma coisa ainda de, apesar de ser tipo um bairro de Ribeirão, dá uma sensação de que você tá no interior, um interior que Ribeirão já foi há muito tempo atrás, mas já perdeu essa característica de cidadezinha de interior. Bonfim ainda mantém esse arzinho de interior, de povo assim simples, não sei se mais acolhedor, mais tranquilo, pessoas mais calmas, outro ritmo... ritmo que Ribeirão foi há muito tempo atrás, mas isso é uma impressão que eu tenho. Esse ar de cidadezinha pequenininha do interior, de a pessoa conseguir fazer tudo andando, não precisar de carro... todo mundo se conhece...e Ribeirão tá mais próxima de uma Campinas, de uma São Paulo no estilo de vida que das cidadezinhas pequenas do interior. (Isabel, moradora de condomínio, 42 anos, ensino superior)

Quanto à questão da segurança, 66,7% dos respondentes do questionário marcaram Bonfim Paulista como lugar mais seguro que perigoso (Gráfico 22). Da mesma maneira, se somados os 67% que acreditam que Bonfim é mais seguro que perigoso aos 16% que acreditam que Bonfim é localidade segura, temos um total expressivo de 83% dos respondentes que fazem avaliação positiva para a segurança no distrito.

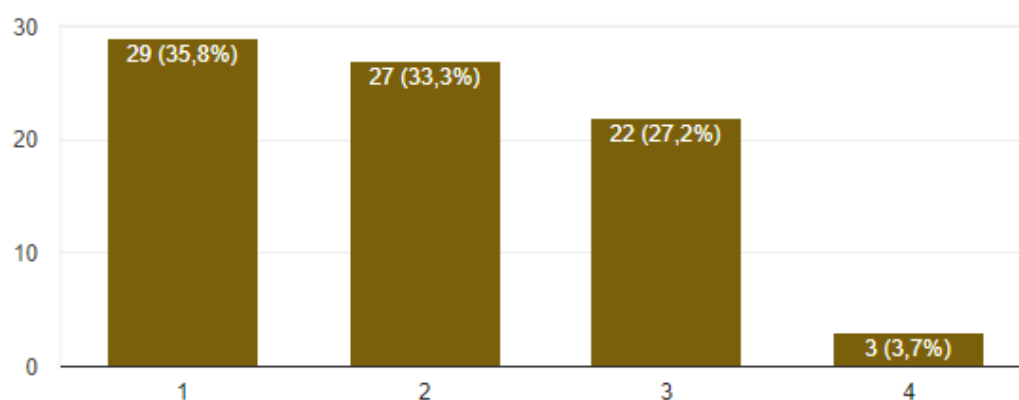
Já sobre a característica “valorização”, apenas 3 respondentes (4%) consideram Bonfim uma área desvalorizada, em contraposição a outros 29 respondentes, 35,8% dos dados, que consideram Bonfim uma área valorizada (Gráfico 23).

Gráfico 22: Resultado geral da escala Perigoso/Seguro



Fonte: própria

Gráfico 23: Resultado geral da escala Valorizado/Desvalorizado



Fonte: própria

Após qualificar o local de investigação, Bonfim Paulista, os respondentes do teste de atitude passaram a caracterizar os moradores de condomínios fechados e os bonfinenses. As

perguntas-guia para as caracterizações dos dois grupos foram: “No geral, para você, quem mora em condomínio fechado em Bonfim é...?” e “No geral, para você, o bonfinense é...?”. As respostas, fechadas, foram dadas de acordo com diferentes conceitos colocados quantitativamente em oposição. Para facilitar a leitura dos resultados, é importante compreender que havia uma escala com quatro pontos em que era possível marcar uma dentre as 4 opções disponíveis do *continuum*:

1. “Muito [adjetivo]”
2. “[adjetivo]”
3. “Pouco [adjetivo]”
4. “Nada [adjetivo]”

Dessa forma, numa escala que medisse a alegria, 1 corresponderia à caracterização “muito alegre”, 2 à caracterização “alegre”, 3 à “pouco alegre” e 4 à “nada alegre”. Os 81 respondentes do teste posicionaram-se a respeito dos adjetivos “rico”, “caipira”, “playboy”, “humilde”, “metido”, “educado”, “simpático”, “apressado”, “exigente”, “estudado”, “ vaidoso” e “amigável”.

Num panorama geral dos 81 respondentes, em relação à pergunta “Para você, no geral, quem mora em condomínio fechado em Bonfim é...?” foi possível observar os seguintes resultados:

Tabela 14: Como são vistos os moradores de condomínio – resultado geral

	1	2	3	4	
Muito rico	21%	67%	12%	0%	Nada rico
Muito caipira	0%	4%	38%	58%	Nada caipira
Muito playboy	11%	33%	44%	11%	Nada playboy
Muito humilde	1%	28%	62%	9%	Nada humilde
Muito metido	4%	27%	59%	10%	Nada metido
Muito educado	14%	62%	22%	2%	Nada educado
Muito simpático	11%	63%	25%	1%	Nada simpático
Muito apressado	9%	38%	48%	5%	Nada apressado
Muito exigente	17%	53%	30%	0%	Nada exigente

Muito estudado	10%	62%	27%	1%	Nada estudado
Muito vaidoso	16%	52%	30%	2%	Nada vaidoso
Muito amigável	12%	53%	35%	0%	Nada amigável

Dessa forma, no geral, a comunidade como um todo considera os moradores de condomínios em Bonfim indivíduos ricos, nada caipiras, pouco playboys, pouco humildes, pouco metidos, educados, simpáticos, pouco apressados, exigentes, estudados, vaidosos e amigáveis.

No que diz respeito aos bonfinenses, no entanto, outros resultados do total de 81 respondentes foram obtidos:

Tabela 15: Como são vistos os bonfinenses – resultado geral

	1	2	3	4	
Muito rico	1%	33%	59%	6%	Nada rico
Muito caipira	1%	42%	53%	4%	Nada caipira
Muito playboy	12%	62%	25%	1%	Nada playboy
Muito humilde	1%	10%	73%	16%	Nada humilde
Muito metido	14%	58%	27%	1%	Nada metido
Muito educado	2%	15%	63%	20%	Nada educado
Muito simpático	20%	58%	20%	2%	Nada simpático
Muito apressado	2%	18%	69%	10%	Nada apressado
Muito exigente	2%	28%	65%	4%	Nada exigente
Muito estudado	4%	27%	64%	5%	Nada estudado
Muito vaidoso	22%	55%	20%	2%	Nada vaidoso
Muito amigável	4%	34%	47%	15%	Nada amigável

Dessa forma, no geral, a comunidade como um todo considera os bonfinenses indivíduos pouco ricos, pouco caipiras, playboys, pouco humildes, metidos, pouco educados, simpáticos, pouco apressados, pouco exigentes, pouco estudados, vaidosos e pouco amigáveis.

As características que foram igualmente atribuídas aos dois grupos consideram tanto os bonfinenses quanto os moradores de condomínios fechados em Bonfim como pouco humildes, simpáticos, pouco apressados e vaidosos. Essas quatro características parecem estar presentes em como os dois grupos são vistos pelo senso comum dois grupos.

Tabela 16: Comparativo - os bonfinenses e os moradores de condomínio – resultado geral

Morador de condomínio fechado	Bonfinense
Rico	Pouco rico
Nada caipira	Pouco caipira
Pouco playboy	Playboy
Pouco humilde	Pouco humilde
Pouco metido	Metido
Educado	Pouco educado
Simpático	Simpático
Pouco apressado	Pouco apressado
Exigente	Pouco exigente
Estudado	Pouco estudado
Vaidoso	Vaidoso
Amigável	Pouco amigável

Ademais, é interessante observar que para apenas um adjetivo, caipira, a maioria das marcações foram feitas em um extremo da escala. Ser considerado, portanto, “nada caipira” parece ser uma característica importante na identidade social dos moradores de condomínio.

Nessa mesma escala, os bonfinenses foram considerados “pouco caipiras”, no entanto, é pertinente ressaltar que as respostas dos informantes no que diz respeito aos moradores de condomínios ficaram entre “nada caipira” e “pouco caipira”, enquanto que as respostas no que diz respeito aos bonfinenses ficaram entre “pouco caipira” e “caipira”, demonstrando que a associação de que os bonfinenses são “mais caipiras” que os moradores de condomínio é verdade e pode estar associada à história local do distrito paulista.

Ainda que o exposto seja verdadeiro, cabe dizer que a história de Ribeirão Preto, local de onde se consideram os moradores de condomínio, também está extremamente associada ao caipira, ao rural, às antigas fazendas cafeeiras, à terra roxa fértil que coloria os rios - de onde surge o nome da cidade. Essa imagem do caipira, no entanto, aparece completamente desassociada do morador de condomínio – que é ribeirão-pretano - e parcialmente associada ao bonfinense.

Na fala de um dos informantes entrevistados na pesquisa aparece o conceito de caipira associado à ruralidade e desassociado do morador de condomínio – mesmo sentido que parece ter sido dado ao conceito de caipira no teste de atitude por parte dos respondentes. A riqueza relacionada ao morador de condomínio também é associação tão frequente que passou inclusive a ser estereótipo do morador de Bonfim Paulista, de acordo com o informante:

Algumas pessoas, por exemplo, quando eu falo que eu sou, que eu moro em Bonfim, algumas pessoas pensam que eu sou rico e outras pessoas pensam que eu sou caipira. É sempre essa definição. Ficou estereotipado, né? Esse estereótipo antigo de zona rural que algumas pessoas tem e esse de...de...bairro de elite, né? Então eles acham que todo mundo que mora em Bonfim mora em condomínio (Renato, ensino superior, bonfinense, 28 anos)

Quando a gente fala que mora em condomínio em Bonfim as pessoas associam a status. Uma vez fui visitar minha mãe que mora no Ipiranga e comentei com uma colega que tinha ido... ela disse “nossa, mas você vai lá pro lado dos pobres também?” (Vanessa, moradora de condomínio, 37 anos, ensino superior)

Do número total de respondentes do teste, como dito anteriormente, 12 são moradores diretos da área do distrito, residindo ou em condomínios fechados dessa região, ou em bairros de Bonfim Paulista. Destes 12, 5 são moradores de condomínios e 7 de Bonfim. Para entender melhor a identidade social e os valores sociais da comunidade, é necessário, então, analisar como cada grupo se avalia e avalia o outro.

Os moradores de condomínios, quando perguntados sobre como enxergavam a si mesmos e a seus semelhantes informaram os seguintes resultados:

Tabela 17: Como são vistos os moradores de condomínio– resultado dos moradores de condomínio

	1	2	3	4	
Muito rico	0%	80%	20%	0%	Nada rico
Muito caipira	0%	0%	40%	60%	Nada caipira
Muito playboy	0%	40%	60%	0%	Nada playboy
Muito humilde	0%	20%	80%	0%	Nada humilde
Muito metido	0%	40%	60%	0%	Nada metido
Muito educado	40%	40%	20%	0%	Nada educado
Muito simpático	0%	80%	20%	0%	Nada simpático

Muito apressado	0%	60%	40%	0%	Nada apressado
Muito exigente	80%	20%	0%	0%	Nada exigente
Muito estudado	40%	40%	20%	0%	Nada estudado
Muito vaidoso	40%	40%	20%	0%	Nada vaidoso
Muito amigável	0%	60%	40%	0%	Nada amigável

Destarte, os moradores de condomínios se consideram, em maioria: ricos, nada caipiras, pouco playboys, pouco humildes, pouco metidos, educados/muito educados, simpáticos, apressados, muito exigentes, estudados/muito estudados, vaidosos/muito vaidosos e amigáveis.

Já na visão da maioria dos bonfinenses, os moradores dos condomínios fechados de Bonfim são: ricos, pouco/nada caipiras, pouco playboys, pouco humildes, pouco metidos, educados simpáticos, apressados/pouco apressados, exigentes, estudados, vaidosos e pouco amigáveis, como podemos observar através dos resultados da Tabela 18:

Tabela 18: Como são vistos os moradores de condomínio - resultado dos bonfinenses

	1	2	3	4	
Muito rico	0%	57%	43%	0%	Nada rico
Muito caipira	0%	14%	43%	43%	Nada caipira
Muito playboy	0%	43%	57%	0%	Nada playboy
Muito humilde	0%	14%	71%	14%	Nada humilde
Muito metido	14%	28%	57%	0%	Nada metido
Muito educado	0%	71%	14%	14%	Nada educado
Muito simpático	0%	100%	0%	0%	Nada simpático
Muito apressado	0%	43%	43%	14%	Nada apressado
Muito exigente	0%	71%	28%	0%	Nada exigente
Muito estudado	0%	71%	14,2%	14%	Nada estudado
Muito vaidoso	28%	43%	14%	14%	Nada vaidoso
Muito amigável	0%	43%	57%	0%	Nada amigável

Algumas diferenças podem ser percebidas entre o olhar que os moradores de condomínio têm sobre si e o olhar com que são vistos por parte dos bonfinenses. As diferenças estão assinaladas, na Tabela 19 nos quadrantes de cor cinza.

Tabela 19: Comparativo: moradores de condomínio - visão geral, a visão dos bonfinenses e a visão dos moradores de condomínio

Total de respondentes em relação aos moradores de condomínio fechado	Moradores de condomínio em relação aos moradores de condomínio fechado	Bonfinenses em relação aos moradores de condomínio fechado
Rico	Rico	Rico
Nada caipira	Nada caipira	Pouco caipira/Nada caipira
Pouco playboy	Pouco playboy	Pouco playboy
Pouco humilde	Pouco humilde	Pouco humilde
Pouco metido	Pouco metido	Pouco metido
Educado	Educado/Muito educado	Educado
Simpático	Simpático	Simpático
Pouco apressado	Apressado	Apressado/Pouco apressado
Exigente	Muito exigente	Exigente
Estudado	Estudado/Muito estudado	Estudado
Vaidoso	Vaidoso/Muito vaidoso	Vaidoso
Amigável	Amigável	Pouco amigável

No que diz respeito à característica de ser amigável, fica claro que os bonfinenses consideram os moradores de condomínio menos amigáveis do que os mesmos se consideram ser. Uma impressão similar pode ser observada na fala da entrevista sociolinguística de um bonfinense:

O pessoal de fora, pro pessoal mais antigo, é como se fosse alienígena mesmo, assim... é bem, é bem estranho mesmo, eles acham...eles têm meio que assim, eles têm medo de conversar com as pessoas, assim, de condomínio... eu acho meio estranho assim, eles acham que tipo assim, sei lá, é como se você tivesse em São Paulo alguma coisa assim que fosse totalmente diferente... e são pessoas de ribeirão que vieram morar (Renato, ensino superior, bonfinense, 28 anos)

Ao nomear os moradores de condomínio fechado em Bonfim de “pessoal de fora” já é possível perceber a falta de inserção dos mesmos na comunidade em que apenas os bonfinenses

são considerados incorporados. A fala retrata, já no início, a falta de identificação dos dois grupos. Além do exposto, o informante foi ainda mais enfático ao dizer que os bonfinenses provavelmente considerem os moradores de condomínio como “alienígenas”. Os bonfinenses, de acordo com a opinião do informante, sentem medo da “invasão” do estranho em seu ninho; a afirmação de Renato, entretanto, ressalta que os moradores de condomínio são apenas ex-moradores de Ribeirão Preto.

Essa visão de rechaço ao morador de condomínio por parte dos mais antigos moradores de Bonfim também foi opinião de bonfinenses em algumas outras entrevistas. A chegada de diversos condomínios em um lugar antes ocupado apenas por um grupo passou a ser vista, algumas vezes, de maneira negativa. O fato de ser barrado em uma portaria, ter que se apresentar e dar detalhes de seus dados pessoais incomoda bastante principalmente os bonfinenses, acostumados a conhecer todos, a conviver nas calçadas e nas praças. Na fala de Arthur (a seguir), essa chegada dos condomínios que mudaram a paisagem social do local também está relacionada à associação ao trabalho rural que parece ter diminuído.

Ih, foi ruim... [a chegada dos condomínios] cabou com os sítio, cabou com tudo... ah, é uma metideza, a senhora não pode entrar lá, tem que tocar o fone, dar o endereço, telefone... umas metideza que... quando eu aposentei, que eu...cabou esse sítio que eu trabalhava, eu comecei a fazer jardim nesses condomínio e até parei. Não dava nem pra entrar lá... uma coisa lá. E os que fica na portaria lá deve te até colega da gente já que fica tudo metido. Até eles ficaram... que é meu amigo ficaram tudo metido. Aí parei até de fazer esse serviço de tão chato que era. Aqueles caseiro que trabalha, os porteiro, era tudo conhecido daqui fica metido mais que os dono. (Arthur, 83, bonfinense)

O sentimento de recusa aos condomínio fechados aparece ainda mais exposto em outro momento da conversa. Neste trecho (a seguir), o informante relata sentir nojo do que representa o condomínio fechado, apesar de ser amigo próximo de alguns moradores de diferentes condomínios.

Tem alguns [moradores de condomínio] que tenho contato, mas é assim a gente encontra aqui no bar, porque outra vez eu fiz serviço pra eles... mas... lá nesse condomínio ainda trabalho, ainda faço algum serviço lá em alguma casa lá, né? lá tem um advogado que nós vai pro bar tomar uma cerveja, domingo no fim de semana. Aqui nesse outro condomínio também tem um que é advogado também, trabalhei pra ele. Ele vem “vamos tomar uma cervejinha em Ribeirão?” nós vai, vamo lá num sei aonde... então é assim. Mas condomínio...sei lá... eu...posso nem ver condomínio. Dá nojo.. É verdade. E aí foi cabando sítio, chácara, foi cabando tudo. (Arthur, 83, bonfinense)

Essas percepções corroboram para a formação da imagem que o morador de condomínio fechado em Bonfim tem. A associação do morador de condomínio a alguém rico, um pouco metido, vaidoso e um pouco playboy é também visão do próprio morador de condomínio, que considera que há condomínios mais luxuosos e outros menos:

Nesse condomínio ninguém aqui tem padrão de vida alto, todo mundo acorda seis horas pra trabalhar... apesar de que tem gente que come chuchu e arrota peru, mas em outros condomínios a pessoa busca status. Tem diferença entre condomínios. Um colega que estudei com ele, morei na mesma rua que ele em Ribeirão e nós dois viemos morar nesse condomínio em Bonfim por acaso, tempos depois ele mudou daqui porque afirmou que o padrão de vida daqui das crianças não é padrão equiparado ao padrão do filho dele. Ele não deixava o menino brincar com as outras crianças, ele mudou pra um outro condomínio muito mais luxuoso e tal. (Maurício, morador de condomínio, 39 anos, ensino médio)

Os moradores de condomínio, na mesma medida em que puderam se caracterizar através dos adjetivos em questão, também puderam dar suas impressões no que diz respeito à imagem do bonfinense, conforme o exposto na Tabela 20.

Tabela 20: Como são vistos os bonfinenses - resultado dos moradores de condomínio

	1	2	3	4	
Muito rico	0%	0%	100%	0%	Nada rico
Muito caipira	0%	40%	60%	0%	Nada caipira
Muito playboy	40%	60%	0%	0%	Nada playboy
Muito humilde	0%	20%	40%	40%	Nada humilde
Muito metido	60%	40%	0%	0%	Nada metido
Muito educado	0%	0%	40%	60%	Nada educado
Muito simpático	60%	40%	0%	0%	Nada simpático
Muito apressado	0%	0%	60%	40%	Nada apressado
Muito exigente	0%	0%	100%	0%	Nada exigente
Muito estudado	0%	20%	60%	20%	Nada estudado
Muito vaidoso	60%	40%	0%	0%	Nada vaidoso
Muito amigável	0%	80%	20%	0%	Nada amigável

A imagem que o bonfinense passa ao morador de condomínio é, portanto, a imagem de alguém pouco rico, pouco caipira, playboy, pouco ou nada humilde, muito metido, nada educado, muito simpático, pouco apressado, pouco exigente, pouco estudado, muito vaidoso e amigável.

Diferente da imagem que os moradores de condomínio possuem acerca dos bonfinenses, os mesmos deram outra interpretação a sua identidade, conforme exposto na Tabela 21.

Tabela 21: Como são vistos os bonfinenses - resultado dos bonfinenses

	1	2	3	4	
Muito rico	0%	28,5%	28,5%	43%	Nada rico
Muito caipira	0%	43%	43%	14%	Nada caipira
Muito playboy	0%	71%	28,5%	0%	Nada playboy
Muito humilde	14%	0%	86%	0%	Nada humilde
Muito metido	0%	43%	43%	14%	Nada metido
Muito educado	0%	14%	57%	28,5%	Nada educado
Muito simpático	0%	71%	14%	14%	Nada simpático
Muito apressado	14%	0%	71%	14%	Nada apressado
Muito exigente	0%	43%	57%	0%	Nada exigente
Muito estudado	14%	43%	43%	0%	Nada estudado
Muito vaidoso	0%	86%	0%	14%	Nada vaidoso
Muito amigável	14%	43%	28,5%	14%	Nada amigável

Para o bonfinense, ele pode ser considerado, de acordo com a maioria das respostas, nada rico, caipira/pouco caipira, playboy, pouco humilde, metido/pouco metido, pouco educado, simpático, pouco apressado, pouco exigente, estudado/pouco estudado, vaidoso e amigável – imagem bem distinta a que os moradores de condomínios têm sobre eles, como é possível observar na Tabela 22.

Há diferenças, entretanto, entre a imagem que o bonfinense tem de si e que o morador de condomínio tem do bonfinense. As diferenças, na Tabela 22, estão marcadas na coloração cinza do quadrante.

Tabela 22: Comparativo: bonfinenses - visão geral, a visão dos bonfinenses e a visão dos moradores de condomínio

Total de respondentes em relação aos bonfinenses	Moradores de condomínio em relação aos bonfinenses	Bonfinenses em relação aos bonfinenses
Pouco rico	Pouco rico	Nada rico
Pouco caipira	Pouco caipira	Caipira/Pouco caipira
Playboy	Playboy	Playboy
Pouco humilde	Pouco/Nada humilde	Pouco humilde
Metido	Muito metido	Metido/Pouco metido
Pouco educado	Nada educado	Pouco educado
Simpático	Muito simpático	Simpático
Pouco apressado	Pouco apressado	Pouco apressado
Pouco exigente	Pouco exigente	Pouco exigente
Pouco estudado	Pouco estudado	Estudado/Pouco estudado
Vaidoso	Muito vaidoso	Vaidoso
Pouco amigável	Amigável	Amigável

Na entrevista sociolinguística também houve a manifestação da atitude de um grupo em relação a outro. Na fala de Renato, por exemplo, é possível perceber a consciência de que os bonfinenses passam a imagem de pessoas tranquilas e amigáveis aos outros, mas que os moradores de condomínio provavelmente sintam alguma indiferença por parte dos bonfinenses – o “olhar torto” dos mais antigos bonfinenses aos condôminos é relatado.

Eu acho que que eles veem como pessoas, assim, tranquilas... amigáveis, eu acho, porque mesmo as pessoas tendo esse receio... eu acho que.... talvez... também, eu não sei.. mas eu acho que talvez eles sentem um pouco de uma indiferença assim, porque as pessoas não conhecem, né.. aí o pessoal mais velho olha torto e tal porque não sabe “o que essa pessoa tá fazendo aqui?” então talvez eles sentem...sintam isso. (Renato, ensino superior, bonfinense, 28 anos)

O que foi dito pelos moradores de condomínio sobre os bonfinenses, no entanto, é que há uma recepção acolhedora, pelo menos no que diz respeito ao comércio local. A tranquilidade dos bonfinense, também ressaltada, é vista como ponto de diferenciação entre a identidade do morador de condomínio e do bonfinense:

De Bonfim são pessoas mais simples, são pessoas que mantém, tipo, conversar na calçada de casa, num ritmo de vida diferente do da gente... (Maurício, morador de condomínio, 39 anos, ensino médio)

Tem uma recepção diferente. Não é um trato profissional que nem em Ribeirão que o relacionamento é meramente profissional. Aqui eu não sinto isso, aqui tem recepção mais acolhedora. (Maurício, morador de condomínio, 39 anos, ensino médio)

Ainda que imaginem que os bonfinenses não se sintam favoráveis à vinda dos condomínios ao distrito, os moradores de condomínio não parecem perceber a indiferença nos comércios locais.

Eu acho que mudou sim. Estudei na UNIP em 99 e não tinha nada depois da UNIP...eu lembro que tinha que lavar o carro do meu pai porque sujava de terra. E lembro que em Bonfim não tinha nada. Isso mudou por causa de vinda sim de condomínios. Quando nós mudamos pra cá tinham pouquíssimas casas. Eu acho que de repente pra quem já morava aqui não deve ver com bons olhos essa chegada de tantos condomínios porque tirou um pouco a privacidade. Depende também pra quem é de comércio... mas pra quem sempre morou aqui, tem pessoas... eu acho que eles não devem gostar muito não porque mudou o ritmo da cidade (Maurício, morador de condomínio, 39 anos, ensino médio)

Os moradores de condomínios, pelo que relatam, interagem com os bonfinenses quando frequentam os comércios locais, entretanto, para os moradores de condomínio, nem sempre Bonfim Paulista é o destino para quem deseja fazer alguma compra - muitas vezes o condômino prefere ir até Ribeirão Preto.

Tem o cenourão que recém inaugurou que a gente adora comprar legumes, frutas e o posto ali, logo na esquina num retorno que a gente tá frequentando que tem café, pão fresco... ali que a gente vai fazer umas compras de emergência, mas compra do mês, por enquanto, ainda é Ribeirão. (Isabel, moradora de condomínio, 42 anos, ensino superior)

A respeito das relações de comércio local e da relação entre bonfinenses e moradores de condomínios fechados, uma queixa foi percebida na entrevista: a imagem que o morador de condomínio passa associada à riqueza, status e luxo influencia o comércio local na cobrança de seus serviços.

O mesmo electricista, pra fazer o mesmo serviço dentro de condomínio e fora daqui faz um preço diferente. Eu acho aqui um absurdo, é tudo muito mais caro aqui (Vanessa, moradora de condomínio, 37 anos, ensino médio)

Após associar diferentes valores sociais às identidades dos dois grupos da comunidade, bonfinenses e moradores de condomínio, os respondentes do teste de atitude deram suas impressões e reagiram a quatro frases faladas, ditas por quatro diferentes moradores da região do distrito de Bonfim Paulista, sem saber quem são eles. Assim, conhecendo e participando do contexto socioeconômico e cultural local, o respondente deveria reagir e demonstrar suas impressões sobre cada pessoa.

Para cada frase o respondente deveria responder a seguinte questão: “De acordo com o que você ouviu no áudio, qual é sua impressão sobre o falante?”. As alternativas para essa questão variavam dentro de um *continuum* entre “Muito estudado”, representado pelo número 1, até “Nada estudado”, representado pelo número 5, e entre “Muito rico” até “Nada rico”:

1. “Muito [adjetivo]”
2. “Bastante [adjetivo]”
3. [adjetivo]
4. “Pouco [adjetivo]”
5. “Nada [adjetivo]”

Além dessas duas questões, o respondente deveria dar seu parecer quanto a outras duas alternativas opostas quanto ao local de moradia dos falantes:

Reside em um condomínio

[]

Não reside em um condomínio

[]

Reside em Bonfim Paulista

[]

Não reside em Bonfim Paulista

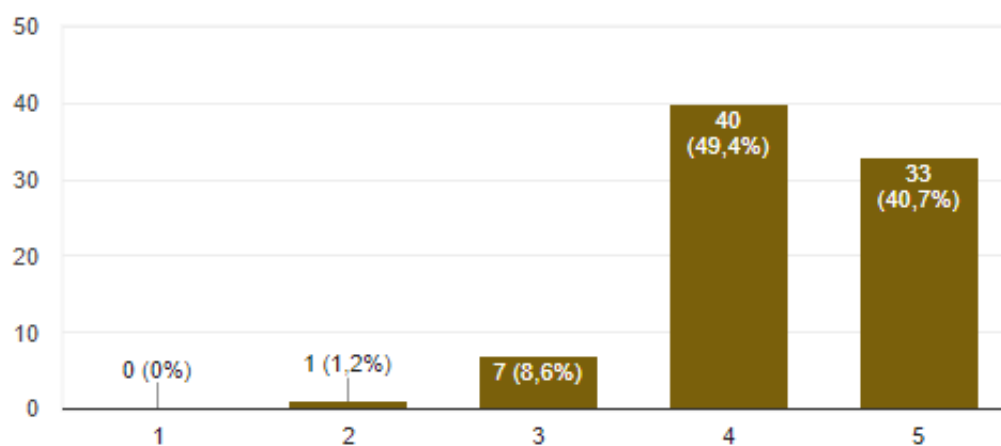
[]

Ao fazer a escolha por um destes locais de moradia, o respondente estará, portanto, associando o falar em questão aos valores sociais já mensurados pelos mesmos respondentes. Há a opção de não associar o falar a nenhuma das opções, marcando, nas duas questões, as alternativas “não reside em condomínio” e “não reside em Bonfim Paulista”.

As quatro frases escolhidas retratam diferentes graus de marcação de concordância verbal de terceira pessoa do plural e são falas naturais, espontâneas, retiradas do falar que representa a região do distrito de Bonfim Paulista.

Após escutarem o áudio que continha a frase “as mulher vinha tudo”, em que há ausência de concordância verbal da terceira pessoa do plural com o sintagma nominal “as mulher”, 49,4% dos 81 respondentes marcaram a opção 4, que corresponde ao adjetivo “pouco estudado”. Além disso, de maneira significativa, 40,7% dos respondentes marcaram a opção “nada estudado” – o que desassocia completamente o falante da escolarização regular.

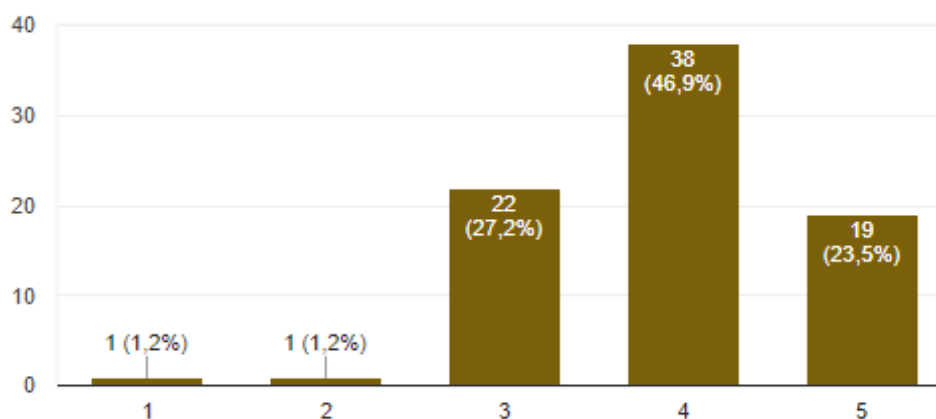
Gráfico 24: Resultado geral da escala Muito estudado/ Nada estudado (frase 1)



Fonte: própria

Em relação ao traço [+ rico] ou [- rico], os respondentes marcaram, em maioria (46,9%), a opção que associa esse falar ao adjetivo “pouco rico”.

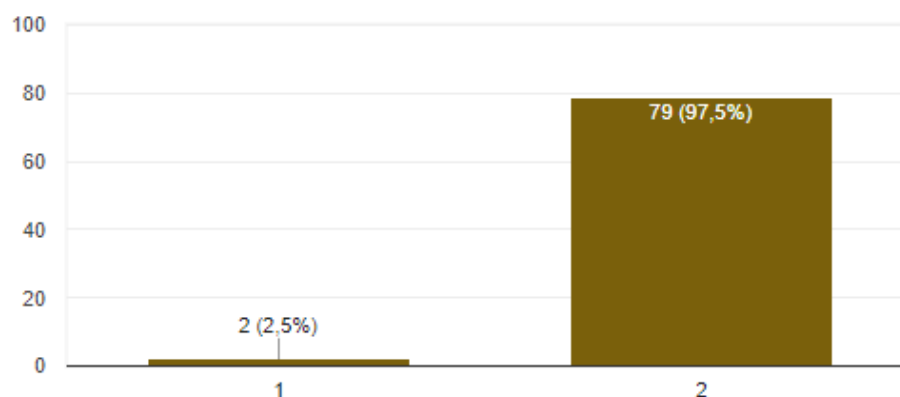
Gráfico 25: Resultado geral da escala Muito rico/ Nada rico (frase 1)



Fonte: própria

Associados aos valores de “pouco estudo” e “pouca riqueza” à falta de concordância verbal mais estigmatizada, os respondentes se posicionaram quanto ao lugar de moradia. Dos informantes, 97,5% deles afirmou que o falante não reside em um condomínio – mostrando a total desassociação do morador de condomínio à falta de estudo ou à pobreza. Para eles, o morador de condomínio não se expressaria desta maneira, como conferimos no Gráfico 25 abaixo:

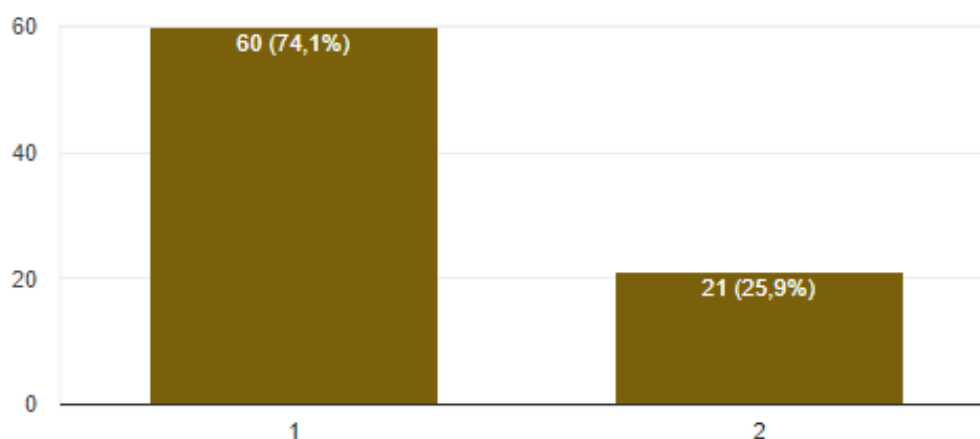
Gráfico 26: Resultado geral da oposição Reside em condomínio/Não reside em condomínio



Fonte: própria

Quando perguntados se esse falante poderia ser um bonfinense, 74,1% dos respondentes afirmaram que sim. Outros 25,9% deles, no entanto, afirmou que o falante não seria um bonfinense. Para essa mesma pergunta, é interessante lembrar que apenas 2,5% dos respondentes afirmaram que esse falante provavelmente residia em condomínio (Gráfico 26).

Gráfico 27: Resultado geral da oposição Reside em Bonfim/Não reside em Bonfim



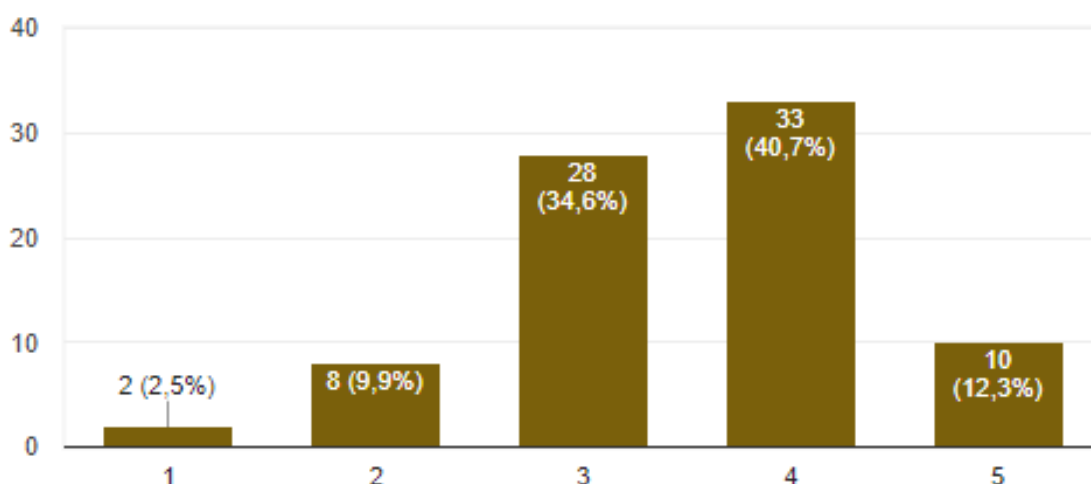
Fonte: própria

A associação, portanto, da falta de estudo e de riqueza aos bonfinenses é significativa, demonstrando que, de acordo com os respondentes, o bonfinense possui a característica de não concordar o verbo com o sujeito plural da terceira pessoa. Assim, os valores sociais anteriormente associados aos moradores de condomínio como “ricos” e “estudados” e aos bonfinenses como “pouco ricos” e “pouco estudados” corroboram essa mesma ideia associada ao falar da região, em que a falta de estudo e riqueza aparece representada através da estigmatizada ausência de plural no verbo não concordante ao sujeito. Da mesma maneira, a falta de concordância é associada apenas ao bonfinense e, conseqüentemente, os valores sociais por trás do uso linguístico também.

As informações reportadas revelam a identidade social dos bonfinenses e dos moradores de condomínio como distintas, marcadas por diferentes estereótipos relacionados aos valores sociais da comunidade em questão. O bonfinense, por exemplo, é mais associado à ruralidade; os moradores de condomínio à riqueza.

Quanto ao segundo áudio do teste de atitude, em que havia a fala “eles é mais junto”, foi possível perceber, mais uma vez, a ausência de concordância relacionada à falta de escolarização. Quando perguntados sobre a escala que media quão estudado era o falante, 40,7% dos respondentes assinalaram a opção “pouco estudado”. Apesar disso, outros 34,6% dos informantes marcaram a opção “estudado” para o falante – o que vai no sentido oposto da hipótese linguística ligada ao grau de saliência fônica.

Gráfico 28: Resultado geral da escala Muito estudado/ Nada estudado (frase 2)

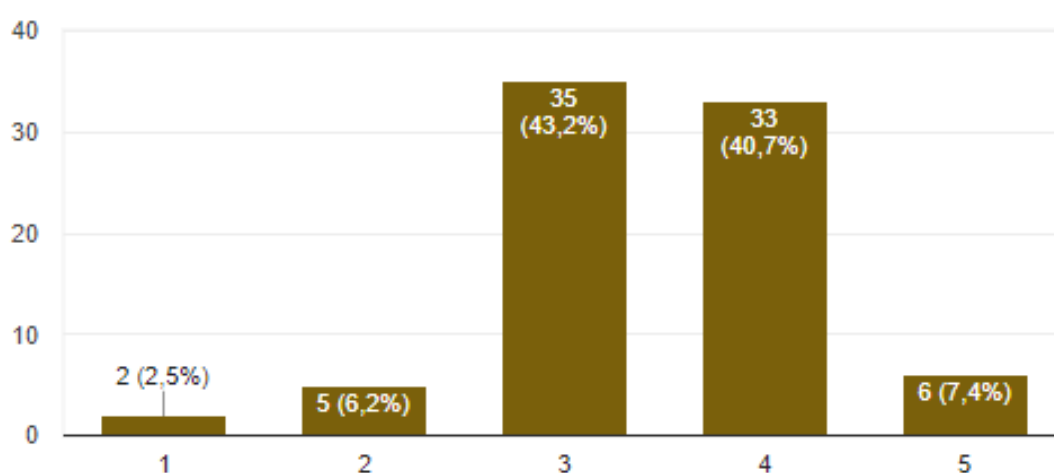


Fonte: própria

O pouco estudo vem, mais uma vez, relacionado à falta de concordância verbal. Entretanto, neste caso, a escolarização não parece ser fator tão determinante quanto pareceu ser nas impressões da fala anterior – a avaliação e o estigma social parecem não exercer tanta força neste uso linguístico, ainda que ele seja considerado mais estigmatizado que o outro por possuir, neste caso, um verbo de maior saliência fônica entre a oposição do singular e plural.

No que diz respeito à escala de riqueza, temos o seguinte resultado:

Gráfico 29: Resultado geral da escala Muito rico/ Nada rico (frase 2)

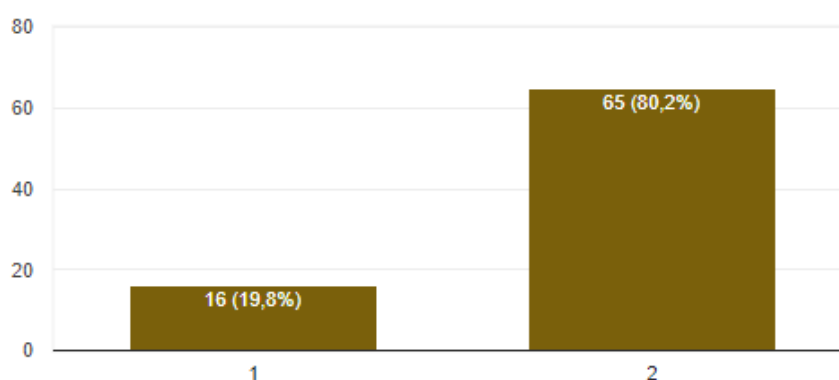


Fonte: própria

Assim, o falante da frase “eles é mais junto” foi considerado, como rico por 43,2% dos informantes e por 40,7% deles, considerado como “pouco rico”. O resultado da escala de riqueza, assim como o de escolarização, foi surpreendente por entendermos que a fala em questão seria mais estigmatizada que a primeira, em que o falante foi considerado “pouco estudado” e “pouco rico”.

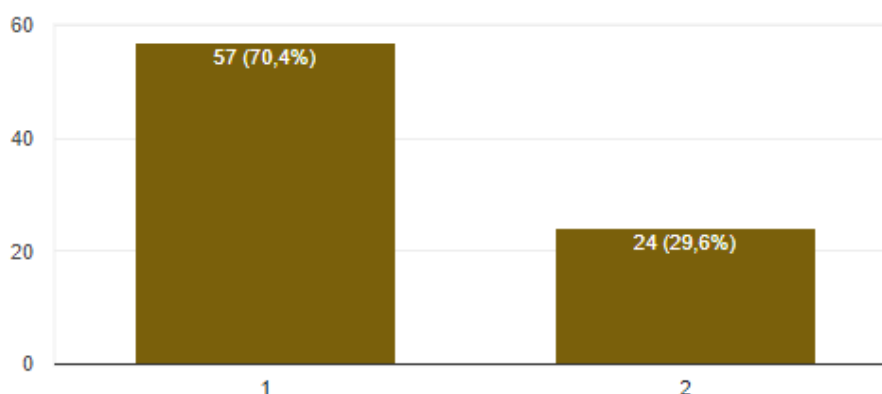
Quanto à associação deste falante a um local de residência temos os resultados apresentados nos Gráficos 29 e 30 a seguir.

Gráfico 30: Resultado geral da oposição Reside em condomínio/Não reside em condomínio (frase 2)



Fonte: própria

Gráfico 31: Resultado geral da oposição Reside em Bonfim/Não reside em Bonfim (frase 2)



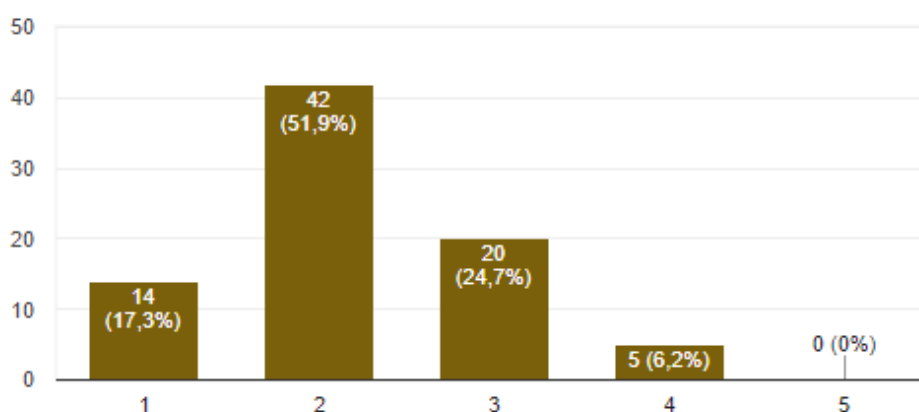
Fonte: própria

Dos 81 respondentes, 80,2% acreditam que o falante da frase em questão não é morador de condomínio, desassociando a ausência de concordância verbal com os moradores de

condomínio, enquanto que 70,4% dos respondentes afirmaram que o falante poderia ser de Bonfim Paulista, associando, uma vez mais, a ausência de CV aos bonfinenses.

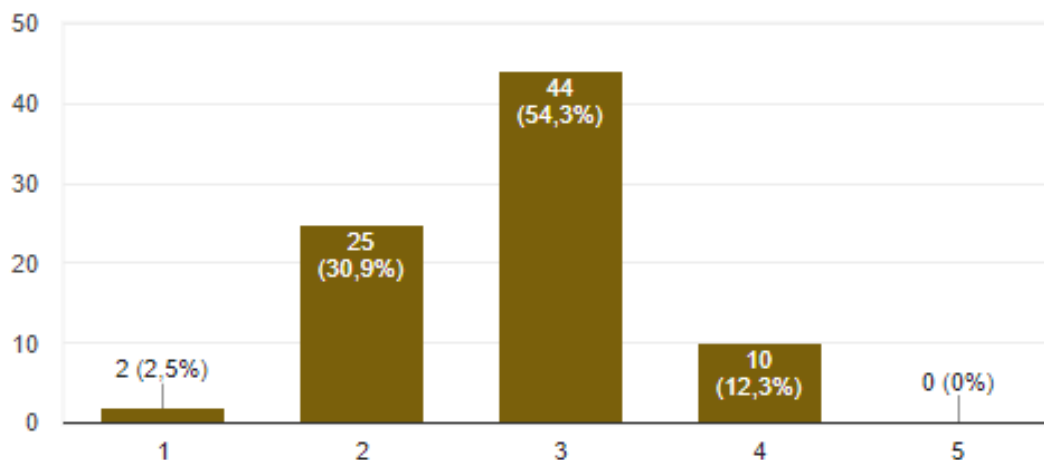
Já na frase seguinte, “tem pais que não conhecem”, em que há a marcação formal de concordância verbal de terceira pessoa do plural acontecendo da maneira prescrita pelos gramáticos, foi possível verificar que 51,9% dos respondentes acreditam que este falante seja “bastante estudado”. Nenhum dos respondentes marcou a opção “nada estudado”, e, se somadas as respostas ligadas à característica de ser estudado (muito, bastante ou apenas estudado), há 94% dos respondentes, confirmando que a escolarização e a marcação de concordância estão fortemente associadas.

Gráfico 32: Resultado geral da escala Muito estudado/ Nada estudado (frase 3)



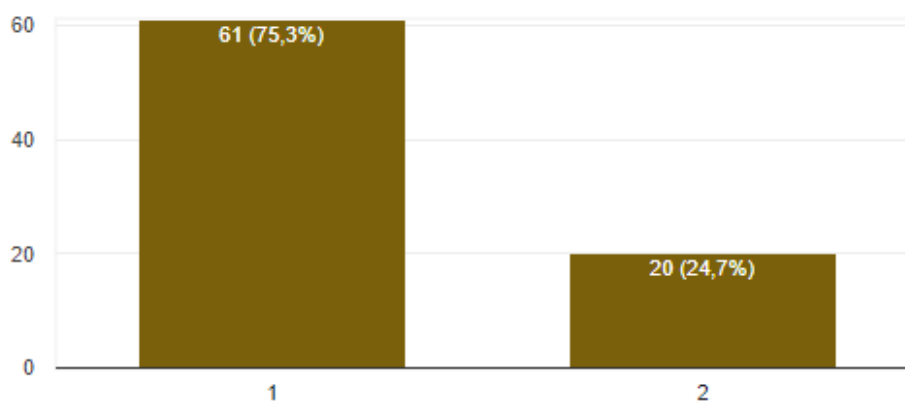
Fonte: própria

Sobre a “riqueza”, os respondentes marcaram, em maioria (54,3% do total de 81), que o falante é “rico”. Outros 30,9% dos respondentes acreditam que o falante é, na verdade, “bastante rico”, o que demonstra a associação entre a concordância verbal e valores sociais positivos ligados a status e prestígio. .

Gráfico 33: Resultado geral da escala Muito rico/ Nada rico (frase 3)

Fonte: própria

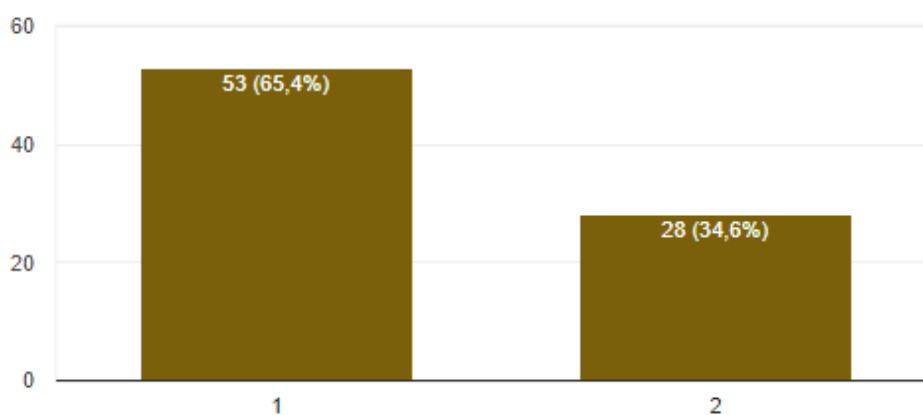
De maneira contrária ao que foi visto anteriormente, ao reagir a esta frase, a maioria dos respondentes (75,3%) acredita que se trata de um morador de condomínio fechado em Bonfim.

Gráfico 34: Resultado geral da oposição Reside em condomínio/Não reside em condomínio (frase 3)

Fonte: própria

Apesar disso, os respondentes não descartam a possibilidade de que esse falante seja bonfinense pois 65% deles responderam que se tratava de um morador de Bonfim Paulista, conforme apresentado no gráfico seguinte:

Gráfico 35: Resultado geral da oposição Reside em Bonfim/Não reside em Bonfim (frase 3)

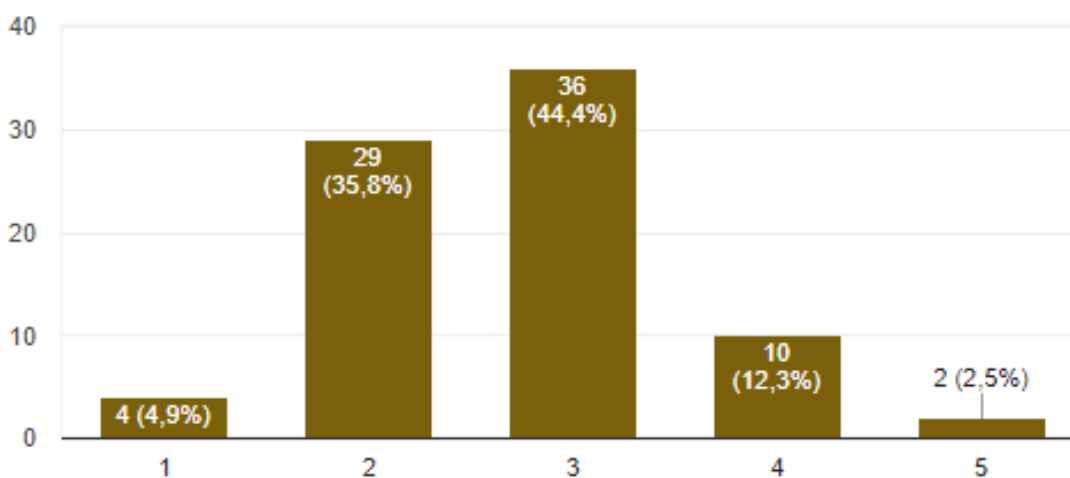


Fonte: própria

Estes resultados demonstram que a ausência de concordância verbal de terceira pessoa está intrinsecamente associada ao bonfinense, enquanto que a marcação formal de plural concordante ao sujeito oracional pode ser associada tanto ao morador de condomínio quanto ao bonfinense. A identidade mais fixa, estável, ao que parece, é a do morador de condomínio, sempre associado à riqueza e à escolarização alta.

Por último, na questão que abordava a frase “seus amigos também não tinha”, tivemos o seguinte resultado quanto à questão que situava o falante em uma escala de escolarização:

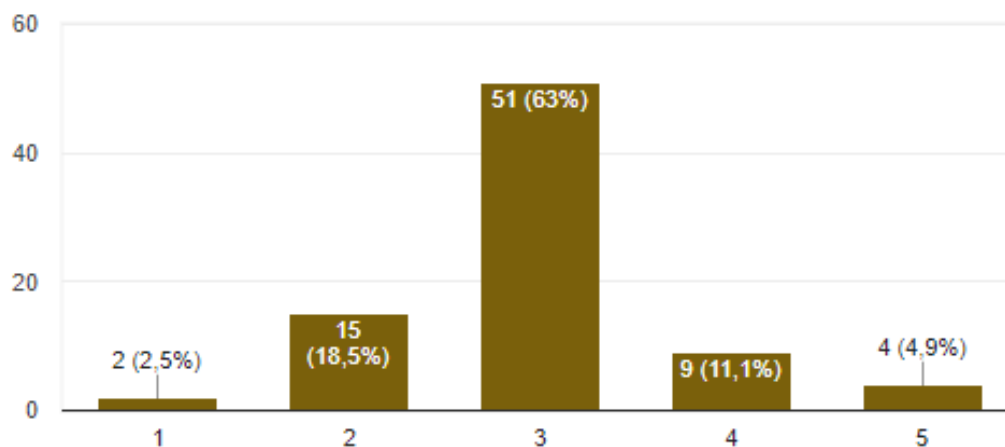
Gráfico 36: Resultado geral da escala Muito estudado/ Nada estudado (frase 4)



Fonte: própria

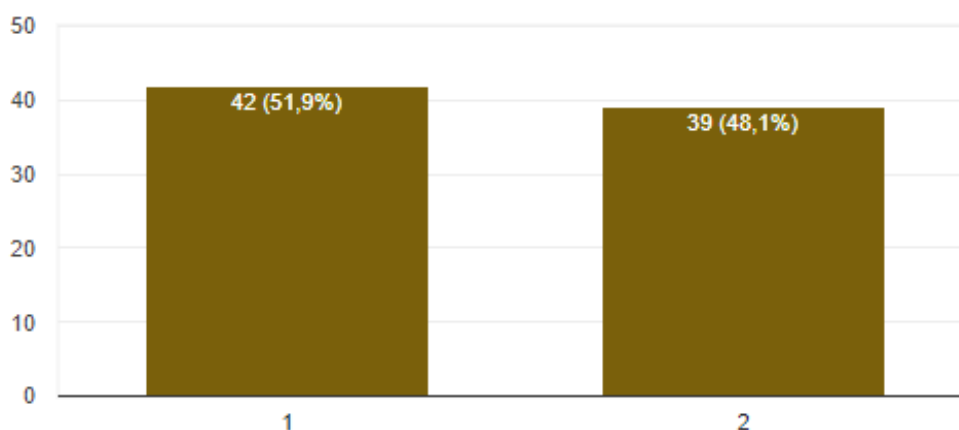
Para eles, portanto, o falante de tal uso linguístico é estudado, de acordo com 44,4% do corpus. Outros 35,8% dos respondentes, número significativo, responderam que este falante, na verdade, é “bastante estudado”. A ausência da concordância verbal, neste caso, parece não receber a mesma avaliação que as outras falas em que não havia a marcação formal de plural no verbo concordante ao sujeito. Aqui, a ausência de concordância parece estar mais “camuflada”, devido ao material interveniente entre o sujeito e o verbo que os distanciam, desassociando a marcação de pluralidade, o que fez com que não fossem trazidos à tona todos os julgamentos sociais atribuídos, geralmente, a quem não utiliza a concordância verbal canônica.

Sobre a riqueza, os resultados são similares: 63% dos respondentes acreditam que este falante é “rico” – mostrando que o peso carregado pelos estigmas sociais associados à ausência de CV não está tão presente nesta avaliação.

Gráfico 37: Resultado geral da escala Muito rico/ Nada rico (frase 4)

Fonte: própria

Comprovando o exposto anteriormente, a questão seguinte, sobre a localidade do informante, corrobora as afirmações: 51,9% dos respondentes acreditam que esse falante mora em um condomínio em Bonfim, enquanto que 48,1% deles acreditam que esse falante não mora em um condomínio – resultados que demonstra uma diferença não significativa, revelando que a avaliação negativa a esse tipo de ausência de marcação de concordância não esteve presente como nos usos linguísticos anteriores.

Gráfico 38: Resultado geral da oposição Reside em condomínio/Não reside em condomínio (frase 4)

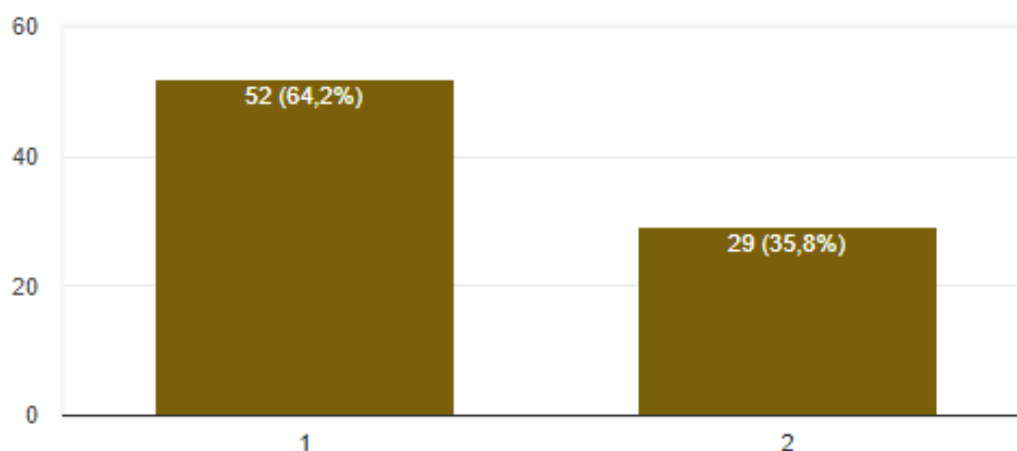
Fonte: própria

Essa diferença é um pouco mais significativa quando observamos os resultados das respostas da associação da fala com os bonfinenses: 64,2% dos informantes revelaram que

esse é um falante bonfinense, enquanto que apenas 35,8% deles responderam que esse não é um falante bonfinense.

Essas afirmações corroboram a ideia inicial de que a avaliação negativa nesse uso da concordância verbal não está presente como em outros usos. Ainda assim, a ausência de concordância está sempre mais associada ao bonfinense que ao morador de condomínio.

Gráfico 39: Resultado geral da oposição Reside em Bonfim/Não reside em Bonfim (frase 4)



Fonte: própria

Fica claro, portanto, que os valores sociais influenciam a avaliação positiva ou negativa dos usos linguísticos, associando, por meio das atitudes linguísticas, tais valores a diferentes grupos da comunidade, que não se sentem parte de uma mesma identidade. O espaço dividido por moradores de condomínio e por bonfinenses é espaço, também, de conflito de valores sociais, opiniões contrárias e usos linguísticos característicos de cada falar. Ainda assim, Bonfim Paulista é lugar de acolhimento, de tranquilidade e de preservação da cultura local, afinal, o bonfinense tem orgulho de se dizer bonfinense.

6. CONCLUSÕES

Conforme exposto na seção introdutória do trabalho, é possível depreender o que é característico da fala de determinada comunidade confrontando e analisando a fala de diferentes grupos e indivíduos desse coletivo. Assim, ao confrontar o falar dos indivíduos bonfinenses e dos indivíduos moradores de condomínio, foi possível perceber que há regularidades que caracterizam o falar dos dois diferentes grupos. Associada a essa ideia, não apenas o falar dos grupos pôde ser descrito e analisado, mas os valores sociais por trás das avaliações e atitudes linguísticas da comunidade dividida por dois grupos que não se identificam nem são identificados como um todo unitário.

A variação da marcação formal da concordância verbal esteve presente no falar dos dois diferentes grupos; no entanto, os fatores que influenciaram essa variação foram comprovadamente diferentes. Além disso, ficou claro que, apesar de que os dois grupos variem na marcação desse fenômeno linguístico, cada grupo apresentou diferenças quantitativas quanto à marcação da pluralidade no verbo – os bonfinenses deixam de marcar o plural mais vezes que os moradores de condomínio.

Foi possível perceber, na análise das entrevistas sociolinguísticas, que a variável *sexo* não é um fator relevante, pois não possui grande influência na marcação de concordância verbal nos dois grupos da comunidade. No entanto, o *local de moradia*, ou seja, o fato de morar ou não em um condomínio localizado em Bonfim Paulista, é fator que influencia diretamente nessa marcação linguística da concordância verbal – enquanto os condôminos preferem utilizar a presença de CV (81% de seus dados), os bonfinenses optam, mais vezes (em 45% de seus dados), por utilizar a ausência de CV.

Outra diferença encontrada no uso da fala dos dois grupos da comunidade foi a ordem de seleção das variáveis pelo programa GoldVarb X, em que foi possível constatar que, para os bonfinenses, o fator social da menor escolaridade foi o mais influenciador para a não marcação de concordância, enquanto que, para os moradores de condomínios, o fator linguístico do paralelismo sintático foi mais determinante para a ausência de concordância (e o último a influencia a fala dos bonfinenses), demonstrando que o uso linguístico das duas localidades se diferem, como a hipótese previa.

Caracterizando, então, o falar dos bonfinenses, percebemos que a hipótese referente à *saliência fônica* entre as formas verbais do singular e do plural no verbo se comprovou : os verbos com maior grau de saliência influenciaram o falar dos bonfinenses para a marcação de plural no verbo. Bem como os resultados do fator linguístico saliência fônica, nos resultados da

amostra da comunidade que se referiam ao *paralelismo sintático* a hipótese do estudo também se confirmou: a ausência de marcação de pluralidade no último elemento do sintagma nominal levou à ausência de marcação de pluralidade no verbo das orações, enquanto que a marcação de pluralidade no último elemento do sintagma nominal levou à marcação de pluralidade no verbo.

Já sobre a escolaridade como fator que influencia o falar dos bonfinenses, vimos que esse fator social se mostrou como sendo o de maior relevância para os bonfinenses. A hipótese de que, conforme aumenta o nível escolar, aumenta também a marcação normativa da CV e que, conforme há menor grau de escolaridade, aumenta a ausência de marcação de CV foi confirmada, principalmente no que se refere à comparação entre o nível fundamental e os níveis médio e superior; ou seja, para os bonfinenses, o fato de ter como escolaridade o ensino fundamental é o que mais os influencia na ausência de concordância.

Sobre o falar dos moradores de condomínios, vimos que em apenas 19% dos dados da fala dos moradores de condomínios havia a ausência de concordância verbal. Ficou claro, na comparação do uso de CV entre os dois grupos, que, apesar de dividirem o mesmo espaço, os bonfinenses e os condôminos possuem relações diferentes com a concordância verbal. A ordem de influência e de relevância dos fatores também são indicadores dessa distância entre os dois grupos.

Apesar dos diferentes falares, assim como no uso dos bonfinenses, os moradores de condomínio, no que diz respeito ao paralelismo sintático confirmaram a hipótese esperada – zeros levam a zeros e marcas levam a marcas. A influência desse fator, no entanto, foi muito maior para os condôminos que para os bonfinenses.

Para a variável *saliência fônica* entre as formas singular e plural dos verbos, a hipótese também foi confirmada: no contexto de menor saliência, 23% das ocorrências foram de ausência de concordância verbal, o que diminuiu quando houve contexto linguístico de maior saliência verbal, em que 15% dos dados apareceram sem pluralidade formal no verbo.

Quanto à escolaridade para os moradores de condomínio, da mesma forma como para os bonfinenses, a hipótese foi confirmada: quanto menor a escolaridade, menos o sujeito marca a pluralidade no verbo. Os resultados entre os dois grupos se diferenciam quanto à magnitude da influência para cada grupo: para os moradores de condomínio há poucas ocorrências de ausência de marcação de pluralidade em todos os níveis de escolaridade, mas principalmente no ensino superior, em que aconteceram apenas três ocorrências.

Como se observou, as duas localidades apresentaram como relevantes as mesmas variáveis, tanto linguísticas como extralinguísticas. A ordem em que cada variável foi

selecionada pelo programa estatístico, entretanto, não coincide – o que nos demonstra que a relevância dessas variáveis é distinta para cada um dos grupos.

As questões de prestígio e estigma social também foram abordadas e relacionadas tanto aos usos linguísticos da concordância verbal quanto à identidade social de bonfinenses e condôminos. A associação dos usos linguísticos aos valores sociais da comunidade foi medida e analisada de acordo com a aplicação, descrição e análise dos testes de atitude linguística e dos comentários na entrevista sociolinguística. Ficou comprovado que a imagem atrelada a diferentes valores sociais associada a cada um dos grupos foi motivadora para a associação dos usos linguísticos aos valores sociais da comunidade – os bonfinenses foram mais associados à ausência de concordância verbal e os moradores de condomínio à presença de plural no verbo concordante ao sintagma nominal plural.

A variedade linguística avaliada de forma positiva foi associada ao falante morador de condomínio – indivíduo que carrega valores sociais atrelados à riqueza e à escolarização, valores sociais tidos como positivos. Já a variedade linguística estigmatizada – a ausência de concordância – foi mais atrelada ao bonfinense – indivíduo que carrega valores sociais atrelados à vida rural.

A visão dos ribeirão-pretanos também foi importante na análise das avaliações e atitudes linguísticas quanto ao falar no distrito de Bonfim Paulista, já que os moradores de condomínio são, predominantemente, advindos de bairros do município.

Os indivíduos dos dois grupos puderam se posicionar, diferindo-se ou aproximando-se do outro ao fazer avaliações, expor suas opiniões e reagir aos usos linguísticos, formando sua identidade na delimitação mental do que ele considera ser característico seu e o que considera que não é seu, mas do outro. Apesar de conviverem num mesmo espaço, numa mesma comunidade de fala, bonfinenses e moradores de condomínio não se identificam como um coletivo único, mas como diferentes dos membros do outro agrupamento posto em contraposição, o que ficou comprovado com os testes e entrevistas.

Foi possível, portanto, apoiados pelos resultados linguísticos, diferenciar os dois grupos existentes na localidade de Bonfim Paulista, associando seus valores, atitudes linguísticas e avaliações sociais ao uso que fazem da língua e a suas identidades, através das informações coletadas nas entrevistas, no trabalho de campo e nos testes de atitude, quando pudemos comprovar que há uma reação dos bonfinenses em relação às mudanças sócio-demográficas que ocorreram a partir dos anos 1990 – a ida de inúmeros moradores de condomínios para o distrito.

A hipótese principal do estudo, que expunha que as diferentes identidades e os diferentes valores sociais são fatores que influenciam diretamente nas atitudes, avaliações e usos

linguísticos (ainda que os grupos que se identificam de maneira distinta dividam espaço numa mesma localidade), foi comprovada por meio dos resultados que demonstram que os moradores de condomínio estão mais associados às normas linguísticas prestigiadas, ao estilo de vida mais urbano e a um grau maior de escolarização, enquanto que os bonfinenses se associam mais aos valores sociais rurais, ao estilo de vida mais pacato e a um menor grau de escolarização.

Também foi possível comprovar a hipótese do trabalho de que a mesma distância espacial é vista por diferentes grupos de maneira discrepante: os bonfinenses se referem a Bonfim como localidade que não faz parte do município de Ribeirão Preto, os moradores de condomínio se referem ao distrito como parte de Ribeirão e os ribeirão-pretanos se referem a Bonfim como local distante do município.

Para este trabalho o *corpus* de análise foi estratificado de acordo com três categorias sociais: o local de moradia (Bonfim Paulista ou condomínios), a escolaridade dos falantes (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior) e o sexo dos informantes (sexo masculino ou sexo feminino). Apesar de terem sido estas as informações estratificadas, não são apenas elas que nos deram respostas. Para a interpretação de variáveis sociais também nos baseamos nas informações dadas pelo perfil social traçado dos bonfinenses e dos moradores de condomínios em outros trabalhos, principalmente no trabalho de Carlucci (2015) que, apesar de ser da área da arquitetura, oferece informações preciosas sobre as comunidades e os valores sociais declarados.

O trabalho de campo também nos ofereceu algumas outras informações sociais que serviram de subsídio para entender a comunidade, principalmente o *corpus* em questão, oferecendo informações como, por exemplo, a profissão ou ocupação de cada informante, sua idade, a renda familiar, o que cada um gosta de fazer, quais são seus interesses, onde fazem compras, como se veem, como veem os outros e como acham que são vistos. Os valores sociais, que compreendem muito mais que as categorias estratificadas, nos ajudaram a entender os resultados do uso da concordância verbal e das identidades sociais em jogo.

Com o teste de atitude, da mesma maneira, foi possível compreender mais os valores sociais atribuídos a cada grupo da comunidade – os bonfinenses, os moradores de condomínio e até os ribeirão-pretanos. Com o posicionamento destes grupos em relação a eles mesmos e aos outros, foi possível delinear as avaliações feitas e os valores sociais por trás dessas interações. Além disso, a segunda parte do teste, em que o respondente deveria se posicionar diante de usos linguísticos de diferentes graus e marcação de concordância verbal, trouxe respostas quanto à avaliação e atitude linguística na comunidade.

Conseguimos informações sobre a identidade de um grupo não só por seus usos linguísticos, mas muito mais pelos comentários e apontamentos que fazem de si e dos outros. Na coleta de dados, há muitas informações dadas que nos indicam quais são os valores para determinada comunidade, quais são seus costumes, etc. Assim, para depreender as identidades em questão nas localidades de Bonfim Paulista e dos condomínios fechados é necessário dar voz às suas vozes, replicar o que foi dito e representar o modo como a comunidade se vê e como vê o outro grupo – o que foi possível através das entrevistas sociolinguísticas e dos testes de atitude, principalmente.

Nas entrevistas, algumas das perguntas feitas aos informantes diziam respeito a seu modo de vida, a exporem quem são e como são os outros. A partir desses relatos e relacionando-os aos resultados dos testes de atitude, foi possível traçar suas identidades e fazer um levantamento das questões abordadas pelos grupos, entender melhor cada um deles. De forma separada, os moradores de Bonfim e os de condomínios fechados apontaram suas percepções de si e dos outros.

Saber que as características de cidade pequena interiorana, tranquila e rural ainda permanecem na identidade dos bonfinenses – ainda que Bonfim não seja uma cidade, não seja tão pequena e nem mais muito rural - é saber que seus costumes não deram lugar aos de outros e isso é um índice que nos permite perceber como a vila é vista pelos moradores.

7. REFERÊNCIAS

- A CIDADE no bairro: **Bonfim Paulista banca seu próprio Carnaval**. Jornal a Cidade. Ribeirão Preto, 2 fev. 2016. Disponível em <https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/lazerecultura/NOT,2,2,1142848,Bonfim+Paulista+banca+seu+proprio+Carnaval.aspx>. Acesso em 08 mar. 2017.
- ABAURRE, M. B.; PAGOTTO, E. G. **Nasalização no Português do Brasil**. In: KOCH, I. V. (Org.). *Gramática do Português Falado*. v. VI. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp; FAPESP, 2002. p. 491-515.
- ARAUJO, A. S.; SANTOS, K. C.; FREITAG, R. M. K. **Redes sociais, variação linguística e polidez**. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014. p. 97-116.
- A VALORIZAÇÃO de Bonfim Paulista**. Revista Revide, Ribeirão Preto, ed.575, n.38. p. 10-13, 23 set. 2011.
- BATTISTI, E. **Redes sociais, identidade e variação linguística**. In: FREITAG, R. M. K. (Org.). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2014. p. 77-96.
- BOCCHI, R. G.. **Requalificação do centro histórico de Bonfim Paulista**: proposta de novos espaços de uso público. Trabalho final de graduação. Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Moura Lacerda. Ribeirão Preto, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; DETTONI, R. do V.. **Diversidades linguísticas e desigualdades sociais**: a pedagogia culturalmente sensível. In: COX, Maria Inês Pagliarini; ASSIS-PETERSON, Ana Antônia de (Org.). *Cenas de sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001, p. 81-103.
- _____ **Do campo a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais** – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CACERES, L.M.L. **Proposta de requalificação do centro de Bonfim Paulista**. Trabalho final de graduação. Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Moura Lacerda. Ribeirão Preto, 2001.
- CALLOU, D.; MORAES, J; LEITE, Y. **Variação e diferenciação dialetal**: a pronúncia do/r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (Org.) *Gramática do português falado*, v. VI. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p. 465-493
- CARDOSO, C. R.; COBUCCI, P. **Concordância de número no português brasileiro**. In: BORTONI-RICARDO, Stella M. *et al. Por que a escola não ensina gramática assim?* São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- CARLUCCI, M. **Paradigmas de Intervenção sobre o distrito de Bonfim Paulista-SP**. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e área de Concentração em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo - Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2015.
- CAMARGO, D. A. **Reforma urbana e parque linear em Bonfim Paulista**. Trabalho final de graduação. Departamento de Arquitetura e Planejamento da EESC-USP. São Carlos 2009.

CARVALHO, D. G. R. de. **Bonfim Paulista: passos de uma nova urbanização**. Trabalho final de graduação. Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Moura Lacerda. Ribeirão Preto, 2009

CHAMBERS, J.K. **Sociolinguistic Theory**. Linguistic Variation and its Social Significance. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 1995.

CIONE, R. **História de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1992, v. 2.

CYRANKA, L. F. de M.. Atitudes lingüísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG. 2007. 174 f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos)_Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

CONDOMÍNIOS mudaram a paisagem de Bonfim. Jornal a Cidade, Ribeirão Preto, 22 mar. 2010. Disponível em: <http://www.jornalacidade.com.br/editorias/bairros / 2010/03/22/ condomínios - mudaram - a - paisagem - de- bonfim.html>. Acesso em 08 mar. 2016

ECKERT, P. **Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation**. AN41CH06-Eckert, ARI. 19 June, 2012.

FERREIRA, J. P. **Operação urbana Bonfim Paulista: ações e instrumentos necessários para revitalização e controle de adensamento do centro histórico do distrito de Bonfim Paulista**. Trabalho final de graduação. Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Moura Lacerda. Ribeirão Preto, 2005.

FIGUEIRA, T. M. B. **Produção urbana na cidade contemporânea: os rebatimentos morfológicos dos condomínios urbanísticos e loteamentos fechados de alto padrão da avenida professor José Fregonesi no tecido urbano de Ribeirão Preto- SP**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). IAUSC-USP, São Carlos, 2013. Orientador: Prof. Dr. Miguel Antônio Buzzar.

FIUZA, J. V. T. **Ecovila do Café: projeto de uma ecovila na área urbana de Bonfim Paulista**. Trabalho final de graduação. Curso de Arquitetura e Urbanismo das Faculdades COC. Ribeirão Preto, 2010.

FREITAG, R. (2014). Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística. 10.5151/BlucherOA-MCMDS.

GAMEIRO, M. B. **A variação da concordância verbal na terceira pessoa do plural em redações escolares do ensino fundamental e médio: uma avaliação de fatores lingüísticos e sociais**. 2009. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Vol 1: Linguistic Factors 1994

_____. **Principles of Linguistic Change**. Vol 2: Social Factors 2001

_____. (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [*Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

_____. **Principles of Linguistic Change**. Vol.3: Cognitive and Cultural Factors 2010.

LAMBERT, W. E. **A social psychology of bilingualism**. Journal of Social Issues, 23, 91-109, 1967

LAVANDERA, B.R. **Variación y significado**. Buenos Aires: Hachette, 1984.

LEMLE, M; NARO, A. J. **Competências Básicas do Português**. Relatório Final apresentado às instituições Fundação Ford e Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), 1977.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. A. **A concordância verbal**. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 331-372.

MILROY, L. *Language and Social Networks*. Oxford: Basil Blackwell. 1980.

MILROY, J. **On the discourse of historical linguistics: language-internal explanation and language ideologies** *Court of the University of St. Andrews*, 39(4):357-370, 2003.

MOLLICA, M. C. de M.. **Influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo ir de movimento**. In: SILVA, Gisele M. O. & SCHERRE, Maria Marta P. (org.) Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 285-293. (capítulo 12)

MONTE, A. **Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara

NOGUEIRA, J. M. **Movimento da vida**: proposta de parcelamento do solo urbano em Bonfim Paulista. Trabalho final de graduação. Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Moura Lacerda. Ribeirão Preto, 2005

OLIVEIRA, N. C. **A concordância verbal na região noroeste do estado de São Paulo**. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade**: avaliação e percepção linguística na cidade de São Paulo. 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Doi: 10.11606/T.8.2015.tde-15062015-104952. Acesso em 2017-03-10

PAIVA, M. C. **A variável gênero/sexo**. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. 4a ed. 2a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013. p. 33-42.

PICINATO, P.B. **“O novo caipira”: o olhar do “eu” e do “outro”**. 2013 (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

PONTES, E.S.L. **Sujeito: da sintaxe ao discurso**. São Paulo: Ática, 1986.

RUBIO, C. F. **A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

RELATÓRIO DO INVENTÁRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS (INRC). Ribeirão Preto. Prefeitura Municipal, Secretaria da Cultura, Rede de Cooperação Identidades Culturais. Ribeirão Preto, SP. Novembro de 2010. Arquivo digital.

Sankoff, D. & S. Laberge. **The linguistic market and the statistical explanation of variability**. In D. Sankoff, ed., *Linguistic Variation: Models and Methods*, pp.239-250. 1978

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. Fórum linguístico, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 45-71, 1998.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil**. D.E.L.T.A.; v.9, n.1, p. 1-14, 1993.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005. (Lingua[gem]; 12)

SCHERRE, M.M.P.; NARO, A. J. **Mudança sem mudança**: a concordância de número no português brasileiro. In: SCRIPTA; Belo Horizonte, v.9. n.18. p. 107-129, 1º sem. 2006.

VIEIRA, S. R. **Concordância verbal**: variação em dialetos populares no norte fluminense. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Cristina Bratt; TUCKER, G. Richard (eds.). Sociolinguistics: the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003. p. 235-250.

8. APÊNDICES

APÊNDICE I

TERMO DE ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: Identidade social e avaliação linguística: um estudo da fala de Bonfim Paulista.

Você está sendo convidado a participar do estudo "Identidade social e avaliação linguística: um estudo da fala de Bonfim Paulista". Os avanços nos estudos da língua portuguesa e de suas variações linguísticas são relevantes para entendermos o funcionamento de nossa língua. Descrever os usos reais da língua portuguesa e analisá-los traz grandes contribuições à sociedade, tanto no meio acadêmico quanto no ensino de língua portuguesa. É preciso levar em consideração a variedade do falante (coloquial) sem deixar de compará-la e estudá-la em relação à norma padrão (variedade que deve ser ensinada na escola). Assim, um dos objetivos deste estudo é investigar em que contextos de fala a marcação da concordância verbal é feita pelos usuários da língua, buscando sistematizar o uso de concordância em Bonfim Paulista, na região de Ribeirão Preto. Para isso, você deverá ser entrevistado pela pesquisadora **Bruna Loria Garcia**. Não será feito nenhum outro uso de sua fala que não seja o da análise dos usos da **concordância verbal**. Além disso, sua identidade não será revelada, nem sequer citada com a conclusão do projeto. A pesquisadora garante a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. As entrevistas serão arquivadas pelo pesquisador responsável.

Você poderá obter todas as informações que quiser; poderá ou não participar da pesquisa e o seu consentimento poderá ser retirado a qualquer momento. Por sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas haverá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade. Seu nome não aparecerá em qualquer momento do estudo, pois ele será identificado por um número ou por uma letra ou outro código.

APÊNDICE II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE, APÓS ESCLARECIMENTO

Título do Projeto: Identidade social e avaliação linguística: um estudo da fala de Bonfim Paulista.

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi para que serve o estudo e qual procedimento ao qual eu serei submetida(o). Compreendi que a pesquisadora garante a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Eu entendi que eu sou livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento, sem justificar a decisão tomada e que isso não o afetará. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Eu concordo com a minha participação no estudo, por isso, assino este Termo de Consentimento.

_____,/...../.....
 Cidade

 Assinatura do participante

 Documento de Identidade

 Assinatura do pesquisador

Bruna Loria Garcia

E-mail: brunaloria@gmail.com

Telefone: (16) 991813194

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Araraquara- UNESP, localizada à Rodovia Araraquara-Jaú, Km 1. Caixa Postal 174 - CEP: 14800-901. Araraquara, SP. Fone: (16) 3334-6263 - endereço eletrônico: comitedeetica@fclar.unesp.br.

APÊNDICE III

Questionário

Você está sendo convidado a participar de um estudo sociolinguístico. Os avanços nos estudos da língua portuguesa e de suas variações linguísticas são relevantes para entendermos o funcionamento de nossa língua. Descrever os usos reais da língua portuguesa e analisá-los, relacionando-os às crenças, percepções e atitudes dos falantes/ouvintes, traz grandes contribuições à sociedade, tanto no meio acadêmico quanto no ensino de língua portuguesa. É preciso levar em consideração a variedade do falante (coloquial) sem deixar de compará-la e estudá-la em relação à norma culta (variedade que deve ser ensinada na escola). Assim, um dos objetivos deste estudo é investigar as percepções e atitudes dos ouvintes frente a contextos de fala em diferentes usos de marcação da concordância verbal feita pelos usuários da língua em Bonfim Paulista, na região de Ribeirão Preto.

Sua identidade não será revelada, nem sequer citada com a conclusão do projeto. Sendo assim, ao responder o questionário autorizo minha participação no estudo.

***Obrigatório**

1. Quantos anos você tem? *

Marcar apenas uma oval.

menos de 15 anos de 15 a 25

anos

de 26 a 35 anos

de 36 a 45 anos

de 46 a 55 anos mais de 55 anos

2. Qual o nível de escolaridade mais alto que você completou? *

Marcar apenas uma oval.

Ensino fundamental Ensino médio

incompleto Ensino médio completo

Ensino superior incompleto Ensino

técnico

Ensino superior completo Pós-

graduação

Nenhuma das opções acima

3. Se curso superior, especifique *

4. De qual sexo você é?

Marcar apenas uma oval.

Feminino Masculino

5. Você se considera *

Marcar apenas uma oval.

Ribeirão pretano(a) Bonfinense

Outro: _____

6. Você reside na área de *

Marcar apenas uma oval.

Bonfim Paulista Ribeirão Preto

Outro: _____

7. Em qual tipo de moradia você reside atualmente? *

Marcar apenas uma oval.

Casa Apartamento Fazenda

Condomínio fechado Outro: _____

8. Para você, como é Bonfim Paulista? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Rico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Pobre

9. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Bonito	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Feio

10. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Rural	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Urbano

11. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Novo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Antigo

	1	2	3	4	
Pacato	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Agitado

13. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Caro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Barato

14. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Perigoso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Seguro

15. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Valorizado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Desvalorizado

16. **No geral, para você, quem mora em condomínio fechado em Bonfim é ****Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	
Muito rico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada rico

17. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito caipira	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada caipira

18. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito playboy	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada playboy

	1	2	3	4	
Muito humilde	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada humilde

20. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito metido	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada metido

21. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito educado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada educado

22. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito simpático	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada simpático

23. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito apressado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada apressado

24. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito exigente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada exigente

25. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito estudado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada estudado

26. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito vaidoso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada vaidoso

27. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito amigável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada amigável

28. **No geral, para você, o bonfinense é ****Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	
Muito rico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada rico

29. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito estudado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada estudado

30. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito humilde	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada humilde

31. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito metido	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada metido

32. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito educado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada educado

33. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito playboy	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada playboy

34. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito simpático	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada simpático

35. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito apressado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada apressado

36. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito exigente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada exigente

37. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito vaidoso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada vaidoso

38. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito amigável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada amigável

39. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	
Muito caipira	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada caipira

Impressões

Você vai ler e ouvir quatro frases ditas por quatro diferentes moradores da região do distrito de

Bonfim Paulista, sem saber quem são eles. Conhecendo e participando do contexto socioeconômico e cultural local, dê suas impressões sobre cada pessoa, preenchendo o formulário.

"as mulher vinha tudo"



<http://youtube.com/watch?v=pVjTkjg-ZU8>

40. De acordo com o que você ouviu no áudio, qual é sua impressão sobre o falante? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Muito estudado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada estudado

41. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Muito rico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada rico

42. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	
Reside em um condomínio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não reside em um condomínio

43. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	
Reside em Bonfim Paulista	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não reside em Bonfim Paulista

"eles é mais junto"



http://youtube.com/watch?v=XAaFq_u6W6M

44. De acordo com o que você ouviu no áudio, qual é sua impressão sobre o falante? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Muito estudado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada estudado

45. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Muito rico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada rico

46. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	
Reside em um condomínio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não reside em um condomínio

47. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	
Reside em Bonfim Paulista	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não reside em Bonfim Paulista

"tem pais que não conhecem"



<http://youtube.com/watch?v=NmDFH1cBueE>

48. De acordo com o que você ouviu no áudio, qual é sua impressão sobre o falante? *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Muito estudado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada estudado

49. *

50. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	
Reside em um condomínio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não reside em um condomínio

51. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	
Reside em Bonfim Paulista	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não reside em Bonfim Paulista

"seus amigos também não tinha"



<http://youtube.com/watch?v=2nfHvbTB8kl>

52. **De acordo com o que você ouviu no áudio, qual é sua impressão sobre o falante? ****Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	5	
Muito estudado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada estudado

53. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Muito rico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Nada rico

54. *

Marcar apenas uma oval.

	1	2	
Reside em um condomínio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Não reside em um condomínio

55. *

Marcar apenas uma oval.

1 2

Reside em Bonfim Paulista Não reside em Bonfim Paulista

APÊNDICE I

Questionário: Roteiro de entrevista

Atividades profissionais

Você acha que as pessoas devem começar a trabalhar cedo? Por quê? Você acredita que as oportunidades de trabalho são as mesmas nas cidades grandes e nas menores? Você acredita que é possível fazer amizades no trabalho ou apenas colegas? Você prefere trabalhar em grupo ou individualmente? Por quê?

Infância

Como foi sua infância? Você tinha muitos amigos? Onde você morava? Como era a cidade? Vocês costumavam brincar na rua? Como era sua relação com seus vizinhos? O que você sente ao falar daqueles tempos? Gostaria que voltassem? Acha que eram melhores que hoje? Por quê? Quais brincadeira você fazia com seus amigos? O que você acredita que as crianças de hoje querem/pensam?

Cidade

Fale sobre as coisas que você gosta e não gosta na sua cidade. Quais são as principais diferenças entre morar em Ribeirão Preto e em Bonfim Paulista? Você acredita que Bonfim Paulista cresceu nos últimos anos? A que você associa essas mudanças? Você conhece muitos condomínios nesta região? O que acha deles? Qual é sua relação com as pessoas que moram nos condomínios? E qual sua relação com os moradores de Bonfim? Você sabia que há 26 condomínios fechados em Bonfim Paulista? Acredita que a vinda dos condomínios tenha alterado a vida de Bonfim? Como? Você percebe essas mudanças no seu dia a dia?

Perigo de vida/ Serviços públicos

Você já esteve em alguma situação em que pensou que ia morrer? Como foi? 2. Você já presenciou algum acidente sério? Como foi? Você já precisou da ajuda de bombeiros ou policiais? Acredita que os serviços públicos da sua cidade são suficientes? Como são os hospitais que você costuma frequentar? Você conhece as escolas mais próximas de sua casa?

Outros:

Para você quais as influências que os meios de comunicação exercem sobre as pessoas? Você e sua família utilizam muito as redes sociais? As pessoas que você conhece, em geral, tem acesso à internet? Você assiste a novelas? Que programas de TV você mais gosta? Por quê? Prefere ficar em casa ou sair com amigos, família etc.?